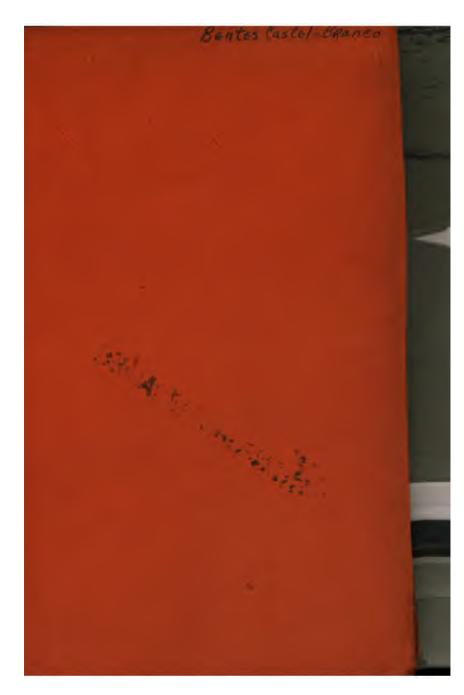
J Bentes Castel-Branco
GUIA DO COLONO
1892

HOOVER INSTITUTION
on War, Revolution, and Peace

FOUNDED BY HERBERT HOOVER, 1919

GUIA DO COLONO

GUIA DO COLONO

PARA A

AFRICA PORTUGUEZA

ELABORADO POR

JOÃO BENTES CASTEL-BRANCO
Bacharel em medicina e philosophia

REVISTA E CORRECTA POR MUITOS DOS PRINCIPAES
AFRICANISTAS PORTUGUEZES

PORTO
TYP. DA EMPRÊZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA
178, RUA DE D. PEDRO, 184

1891

Ex.^mo e Rev.^mo Snr. D. Antonio José de Souza Barroso, meretissimo prelado de Moçambique e bispo de Imeria.

Admirando profundamente os relevantes serviços prestados por V. Ex.ª Rev.ma ás nossas colonias missionando por largos annos em climas inhospitos e entre tribus selvagens, com inexcedivel zelo e superior intelligencia, peço licença para lhe dedicar este trabalho como modesta, mas sincera homenagem, e lhe pedir se digne presidir á colheita do producto da venda do «Guia do Colono» e á melhor applicação d'estas quantias destinadas a proteger os nossos colonos e a lhes fornecer elementos de progresso.

Agradecendo profundamente o auxilio que se digna prestar-me subscrevo-me com o maximo respeito e consideração

De V. Ex.ª
sin.º ad.º e att.º ven.º m.º obrg.º

JOÃO BENTES CASTEL-BRANCO.

GUIA DO COLONO

podem entregar a pesquizas laboriosas nem a dilatadas leituras.

Observando esta falta de primeira ordem para um paiz que pretenda a serio fomentar o progresso das suas possessões, falta, que entre nós se está effectivamente tornando cada vez mais sentida, sem que ninguem buscasse preenchel-a, entendemos que a dadiva mais valiosa que poderiamos fazer ao paiz, no periodo angustioso que atravessa, seria condensar as noções dispersas em centenas de publicações, n'um pequeno volume facil e barato que simultaneamente podesse divulgar no nosso paiz conhecimentos das colonias e servir ao emigrante para o guiar na escolha do ponto que mais lhe convem, nos preparativos a fazer, no genero de vida a adoptar e nos preceitos a seguir para offerecer a resistencia maxima na lucta que vae affrontar contra o clima e outros elementos adversos. A nossa ambição vae ainda mais longe; pois desejamos crear uma poderosa empreza colonisadora que, inspirada na Societé Financiere de Colonisation, na Britich American Land Company, na The Canadá Land Company, na Australian Land Company, na The Schottich Australian Investement Company; para a adopção do seu typo, seguisse o exemplo da African Lakes Company que associada com as missões religiosas da Escocia, lançou nas remotas regiões do Nyassa taes e tam energicos elementos de progresso que conseguiram determinar em Inglaterra o movimento de que resultou sermos esbulhados dos terrenos que por todos os titulos historicos e de direito internacional só a nós deveriam pertencer.

Uma empresa que instruisse rapida e conscientemente o colono, o guiasse na escolha do local e da vida a adoptar, o recebesse á chegada, lhe desse elementos para ganhar a vida e lhe estimulasse a producção até que o mesmo colono enriquecido por tão benefica direcção a podesse convenientemente indemnisar, seria, em nosso ver, o mais solido esteio do progresso e da vida nova que necessitamos ver sem demora implantada nas nossas colonias.

Não tendo porem até aqui conseguido organisar tal empresa, offerecemos ao colono este guia que obdece á mesma ordem de ideas, desejando que em todas as suas partes o ache succulento e de seguro aproveitamento.

Oxalá o tenhamos conseguido.

Pensamos com Stuart Mill que para nada servem as colonias quando não offerecem ao paiz o melhor e mais lucrativo emprego do seu trabalho e capital e, estamos convencidos que, é por não termos assim encarado os nossos dominios d'ultramar, que temos soffrido tantas perdas e humilhações, apesar dos sacrificios crescentes que temos feito para os desenvolver.

Já deviamos ter experiencia bastante nos resultados da nossa administração de seculos, no ultramar,

para nos convencermos que temos seguido caminho errado e mudarmos radicalmente de systhema, seguindo os exemplos e as normas da Inglaterra que tem feito e está fazendo, como nenhum outro povo, verdadeiros milagres d'expansão.

Aos pessimistas diremos que só nós não vemos o que ainda podemos fazer no ultramar: pensadores estrangeiros aos quaes não cegam os sentimentos antipatrioticos e a profundissima descrença que invadiu o paiz, reconhecem as nossas aptidões colonisadoras e todos são concordes em declarar que resistimos melhor aos climas tropicaes do que os povos do norte.

Frederico Raoler diz que entre todas as nações destinadas a colonisar a Africa se encontram Portugal, Hespanha, França, Italia e pelas suas condições historicas, a Inglaterra. Portugal, diz elle, parece ter marcado um grande papel n'esta empresa de colonisação.

Não desanimemos pois, que o desalento e o abandono matam as mais auspiciosas tentativas; imitemos os nossos inimigos inglezes na tenacidade, preserverança e esforço que em tudo revelam, e ainda poderemos ter esperanças.

Se nada tentarmos nada conseguiremos.

A propaganda das riquezas inexploradas da Africa determinou em Inglaterra uma corrente emigrante que cresce todos os annos, a ponto de já em 1881 contar no Cabo 340:000 europeus, no Estado de Orange 62:000, e no Transwal 85:000, numeros estes que hoje se acham, quasi duplicados.

Porque não hão-de em Portugal eguaes processos determinar effeitos similhantes?

Não temos tempo a perder, qualquer tractado com a Inglaterra não desviará as ambições dos aventureiros britanicos que teem as vistas fixas nas nossas terras, nem farão a South Africa Company perder a ambição de adquirir *por qualquer forma*, os nossos portos ao sul do Zambeze.

Se havemos continuar a dormir é melhor vender para não acabarmos de perder tudo sem honra, nem proveito.

Para a elaboração d'este guia consultamos os seguintes livros: Analyse da viagem de Lewingstone por D. José de Lacerda. Le Congo producteur—por A. Merlon. South Africa and haw to reach it—by the Castle Mail. Estatisticas das Alfandegas d'Angola e Moçambique. Estatistica geral do paiz. Colonias Portuguezas por Dr. Augusto Sarmento. Apontamentos d'um governador de Sofalá—por Alfredo Brandão Cró de Castro Ferrari. Subsidios para a corographia de Cabo Verde por A. de Paula Brito. A Africa occidental—por Travassos Valdez. Les Colonies portugaises — 1878. Hintz to travellers (scientifical and general) Cauncil of the Royal Geographica Society — 1889. Series dos boletins do ultramar. Serie dos relatorios dos governadores d'Ul-

tramar desde 1882. Exposition Colonial du Portugal organisé par la societé de Geographie de Lisbonne 1885. A raça negra e a civilisação d'Africa por A. F. Nogueira. La relation du Congo por Eduardo Lopes — Trad. Leon Cohem. Angola e Congo — por Francisco Antonio Pinto. La colonisation scientifique por dr. A. Bordier. Estatistica das provincias ultramarinas por Lopes de Lima. A questão colonial portugueza por Antonio José de Seixas. Estudos de direito administrativo colonial portuguez por Bernardo Meirelles Leite. Indice remissivo da legislação ultramarina por Antonio M. Castilho Barreto. Collecção da legislação ultramarina. Plantas uteis da Africa portugueza pelo conde de Ficalho. Contribuição para o estudo da flora d'Africa coordenado pelo prof. Julio A. Henriques. Les colonies anglaises par H. Blery. Expedição portugueza ao Muataiánvua — H. de Carvalho. A Lunda — H. de Carvalho. Serie dos boletins da Sociedade de Geographia de Lisboa. O Brazil e as colonias — O. Martins. La province portugaise de Moçambique — Conference por M. Augusto Castilho 1891. A companhia nacional agricola de S. Thomé e Principe e suas dependencias por M. F. Ribeiro. Hygiene colonial por M. F. Ribeiro. Diccionarios encyclopedicos, tractados de medicina colonial e hygiene.

Tambem colhemos preciosas informações, já nas respostas que obtivemos no questionario publicado no Correio de Portugal, já directamente dos ex.mos snrs. Adelino da Cruz, dr. Alexandre Mendonça, Antonio Castilho, dr. Costa Lereno, Augusto C.

S. Gomes, Francisco S. Gorjão de Moura, Henrique de Carvalho, João do Nascimento Mello, dr. João de Souza Machado, Jayme Cruxe de Carvalho, Joaquim Augusto da Silva e de muitos outros.

Depois de elaborado o nosso trabalho submettemol-o á revisão e auctorisadissima censura dos cavalheiros cujos nomes encimam cada assumpto, d'onde resultaram modificações em todos os capitulos e n'alguns uma quasi completa refundição, além de numerosas addições.

O nosso trabalho e responsabilidade como auctor, ficou pois apenas reduzido á compilação e distribuição das materias; porque nem as affirmações, nem muitas vezes a propria redacção nos pertence.

Esforçamos-nos por empregar uma linguagem clara e termos vulgares, sob uma forma tam amena quanto possivel, para que a leitura se não tornasse fastidiosa aos menos estudiosos.

Sahindo um pouco das normas habituaes dos guias, apontamos algumas emprezas a tentar que, para as differentes localidades, vimos indicadas como promettedoras, na esperança de poder n'algum leitor despertar a iniciativa que tanto rareia no nosso paiz.

Na parte hygienica, que mais particularmente nos pertence, reduzimos toda a materia a pequenas regras faceis de fixar.

Na parte medica descrevemos as doenças por grupos, approximando-as pelo tractamento, para maior facilidade de retenção e economia de volume.

Reduzimos o formulario a medicamentos, tanto quanto possivel innocentes e a formulas de facil ma-

nipulação, para que qualquer os possa utilisar, sem outro perigo que não seja o da inoportunidade da applicação.

Apezar de todos os esforços empregados para tornar este guia um resumo pratico e completo, é para nós fôra de duvida que esta primeira tentativa sahe deficiente e incorreta em muitos pontos, por falta de elementos.

Para attenuar taes defeitos tentamos obter o auxilio d'uma commissão especial da Sociedade de Geographia e conseguimos vêl-a nomeada e reunida; mas ficamos dolorosamente surprehendidos quando, pelo despreso d'uns e pela critica d'outros, apercebemos que d'ella só podiamos esperar difficuldades e embaraços levantados pela maioria dos seus membros.

Serviram-nos ao menos de consolação os cavalheiros que particularmente se dignaram auxiliar-nos, já fornecendo preciosos materiaes, já permittindo que os seus nomes abrilhantem e deem auctoridade a este pequeno volume d'onde nem procuramos auferir interesses nem crear nome.

Se o Guia do Colono conseguir despertar o interesse do publico, folgaremos em ver apontadas as

incorrecções e faltas d'esta primeira tentativa; para as corrigir em futuras edições, se o paiz proteger o unico trabalho d'este genero até hoje apparecido entre nós, como é de esperar; desde que comprehenda a absoluta necessidade que tem de conhecer e aproveitar o que possue, se ainda quizer reter alguma cousa, e achar digna d'incitamento a protecção que queremos dar aos colonos que são os melhores defensores das nossas possessões, os principaes fautores da riqueza e progresso do ultramar.

GUIA DO COLONO

CAPITULO I

(Revista pelos Ex.mos Srs. Hugo de Lacerda e D. Antonio Barrozo prelado de Moçambique.)

Idéas geraes — Clima, aspecto, usos e costumes do gentio, vocabularios, modo de tratar o preto, riqueza mineira agricola e commercial, indicações pessoaes, preparativos, fornecimentos, viagens no sertão, commercio, escolha de residencia e das occupações mais uteis; preço de transportes e telegrammas.

Climatologia — Na Africa portugueza, situada entre o equador e o tropico do hemispherio austral, apenas se distinguem duas estações: a da secca e a das chuvas.

Á proporção que do equador se caminha para o sul vão-se gradualmente differenciando as quatro estações, por fórma que, ao sul de Lourenço Marques já perfeitamente se distinguem.

Ao sul das nossas possessões da Africa austral as estações não coincidem, mas alternam com as da Europa. O inverno é de 21 de junho a 21 de setembro, a primavera de setembro a 21 de dezembro, o verão até 21 de março e o outono em abril, maio e junho.

Nas colonias africo-portuguezas a temperatura é quasi constante, tendo medias comprehendidas entre 15 e 30^{oc} conforme a latitude e a altitude. Mas se as oscilações annuaes são pequenas, outro tanto não

succede ás diarias que accusam variações de 20 e mais gráos, principalmente nos logares desarborisados; havendo pontos onde o thermometro desce muitas vezes de madrugada até 0° e outros em que se eleva ao sol até 65°.

A media thermica desce e a salubridade augmenta com a latitude e a altitude; em Huilla, nos Montes Libombos, na Garungosa e n'outros pontos já a agua chega a gelar, e o europeu póde viver e reproduzir-se em boas condições.

Ao longo da costa oriental ha uma corrente maritima que se dirige para o sul e na occidental outra que caminha para o equador. A differença de temperatura d'estas correntes é de 15°c.

Durante o outomno e inverno (abril a setembro) reina constantemente até ao parallelo 29° o vento do quadrante norte chamado monção; nos seis mezes restantes o vento sopra em direcção opposta, e denomina-se monção de sudoeste.

Os dias são eguaes ás noites. O crespusculo da manhã e da tarde falta; fazem-se quasi subitas as passagens do dia para a noite e reciprocamente.

A partir do tropico de capricorneo (24°) para o equador, as estações vão-se gradualmente antecipando e o inverno elevando a sua temperatura, por fórma que no coração da zona torrida, apenas existem dous periodos estivaes caracterisados por chuvas; um maior de novembro a fevereiro, outro menor de [illegible] esto segundo periodo que vae diminuindo á proporção que se caminha para o sul, torna-se apenas sensivel para baixo de Lourenço Marques.

Os planaltos do interior são mais chuvosos que o litoral. A frequencia das chuvas tambem diminue do equador para o sul, augmentando em compensação a sua intensidade.

Os chuveiros apparecem subitamente. Muitas vezes o céo está limpido e o calor é ardente, faz-se um socego profundo na athmosphera, as nuvens sobem lentamente, parece que se abafa, que falta o ar; então o vento começa a soprar rijo e a agua cahe em torrentes formadas de grossissimas pingas que molham até aos ossos: a temperatura arrefece uns 10°c e o preto, sem agazalho, tirita de frio. Pouco depois a athmosphera novamente se apresenta limpida e o sol continua dardejando seus ardentissimos raios mais insuportaveis que nunca.

As grandes chuvas são em geral precedidas por alguns dias em que o sol nascente se apresenta descoberto e por frequentes trovoadas.

A maior frequencia das chuvas em cada dia é das 5 horas da tarde até alta noite.

São frequentes os annos de secca dando-se a coincidencia de abundarem as chuvas na costa oriental, quando faltam na occidental e reciprocamente.

As observações feitas no Real Observatorio do Cabo indicam que a quantidade media de chuvas nos ultimos 45 annos tem gradualmente diminuido com o corte das arvores e incendios das florestas que cada vez mais vão rareando em Africa. Hoje não são raras as seccas de quatro e cinco annos o que constitue uma verdadeira calamidade para a agricultura.

*

No nosso archipelago de Cabo Verde as seccas são quasi periodicas com os intervallos de cinco a seis annos; notando-se tambem a mesma coincidencia de terem augmentado com a desarborisação.

Urge pois que todos se interessem pela rearborisação e concorram para proteger as florestas contra os pastores pretos que lhes deitam periodicamente fogo e contra os colonos avidos e imprevidentes.

Aspecto — O aspecto da Africa varia muitissimo com as estações. Durante os seccos invernos veem-se largas extensões aridas, onde abundam os areaes em que de longe em longe a custo consegue vegetar algum espinheiro; entermeadas com estes desertos veem-se nas margens dos rios, nas bacias pantanosas e em todos os terrenos humidos, densas florestas de luxuriante vegetação.

Logo que o verão chega, com as chuvas tudo se cobre promtamente de verdura.

O litoral é baixo e arido.

Para o interior os terrenos sobem e a athmosphera torna-se mais humida, a vegetação arborea cede o passo á arbustiva e herbacea; a athmosphera carrega-se frequentemente d'uma densa nebrina que nada deixa vêr e que penetra a roupa até á pelle.

Rios — Os rios africanos como as chuvas, teem um regimen especial; ora caudalosos tomam proporções gigantescas, ora, sobretudo no sul, diminuem até desapparecer em muitas partes sob as areias que lhe

formam o leito. D'esta fórma, ora se está impossibilitado de navegar por falta d'agua, ora pela violencia e impetuosidade da corrente. Porisso alguns exploradores e companhias que, como a do Congo, carecem aproveitar as vias fluviaes, teem feito construir vapores muito leves, montados sobre rodas, com as pás nos raios, por fórma que pódem indifferentemente navegar ou percorrer os baixios e areaes seccos dos talwes dos rios.

Além d'estes obstaculos, a navegação é em muitos pontos interrompida pelas cataratas que existem em todos os grandes rios.

Do Gentio — O governo das tribus africanas póde dizer-se feudal. As populações obedecem a regulos ou sobas pretos que, em regra, dominam n'uma pequena area habitada por algumas centenas ou, quando muito, milhares de individuos.

Os regulos governam como verdadeiros despotas, dispondo a seu talante da vida e bens dos subditos.

Em volta de cada regulo existe o conselho dos notaveis (macótas em Angola) que discute todas as importantes questões d'estado e com cujas deliberações o regulo sempre se conforma.

Os herdeiros dos regulos em regra, são os sobrinhos filhos das irmãs.

Como o povo, os regulos teem cathegorias, pagando uns tributo de vassalagem a outros; mas todos governam os seus povos na mais completa independencia. Os regulos vassalos, em tempo de guerra, tambem fornecem ao senhor das terras, combatentes

que são remunerados tomando parte nos despojos dos vencidos.

Os sobas andam em guerras continuas e tem por habito vender os prisioneiros para escravos ou matal-os; o mesmo fazem aos seus sentenciados por crimes maiores.

Os regulos accumulam as funcções de juizes.

As penalidades menores sempre se reduzem a multas. Quando um soba tem de pagar a vassalagem faz publico que lhe venham trazer alguma cousa e cada um traz o que quer, dando uns bois, outros cabras, gallinhas, pelles, fuba, borracha etc., segundo os seus haveres. Da mesma fórma recebem os suzeranos os tributos de vassalagem.

O preto é polygamo; cada um tem as mulheres que póde: em geral compram-nas aos paes.

As mulheres prisioneiras de guerra são distribuidas pelos vencedores.

As populações aglomeram-se por pequenos grupos em sanzalas (Angola) ou muze (Moçambique) verdadeiras aldeias formadas de cubatas irregularmente dispostas cercadas por sebes vivas.

Cubatas são cabanas circulares formadas de páos a pique entrelaçados de fibras vegetaes com cobertura de colmo; muitas teem as paredes forradas de barro. Cada familia abastada tem umas poucas de cubatas para as suas differentes necessidades.

No centro tem um abrigo que serve de cosinha commum onde as mulheres preparam os alimentos. O todo é sempre cercado d'uma sebe viva.

O fato do negro no sertão, limita-se a uma tan-

ga ou panno feito de fibras de vegetaes indigenas ou de qualquer tecido europeu, com as pernas, tronco e braços nus, ornamentados com pulseiras e collares. Os que vivem mais em contacto com o europeu vestem mais profusamente accrescentando o panno até aos pés e, quando pódem, vestem á européa fazendo as mais exquisitas e estravagantes combinações.

A arma indigena é a setta, o arco ou a azagaia, a espada curta e n'alguns pontos, um escudo; hoje porém quasi todos possuem armas lazarinas de pederneira e, entre os hotentotes, já apparecem muitas armas aperfeiçoadas que o commercio europeu lhes tem cedido.

Onde não tem chegado a religião mahometana nem a christã o preto tem apenas uma infinidade de suprestições difficeis de desarreigar; os seus deuses são sempre entes terriveis cuja cólera é necessario aplacar por meio de sacrificios.

Vocabularios — Cada sobado quasi que tem a sua lingua; porisso é impossivel dar uma idéa succinta das que se fallam em todas as nossas possessões que comprehendem alguns milhares de regulos; no emtanto, para d'algum modo suprir esta falta, daremos umas pequenas noções da lingua abunda que é a mais espalhada na provincia d'Angola, aproveitando um dialecto da região colonisavel do sul e da marave ou cafreal que se falla na região de Manica ou Zambezia, que será sempre o coração da provincia de Moçambique.

PORTUGUEZ	MARAVE (1)	ABUNDA (1) Dialecto lún kumbi
Abelha	Úche	ó mike—*pl.* ó nó
Abrir	Cufungúla	ó cuicúla
Acampar	Camanga-miçassa	
Acampamento de caravanas	. . . .	é tanda—*pl.* ó má
Acampamento de guerra	. . . .	ó xirombo—*pl.* ó bi
Aceitar	Cutambíra	ó cutambúla
Acima, no alto	Pa zúlo	k'e ulo *ou* p'e ulo
Acolá, alem	Qué-néco	ó có cuna
Acordar, levantar	Cula-muca	ó cupinduca
Adormecer, dormir, deitar, encostar	Cugóna	ó culala
Agarrar	Cupata	ó cucuata
Agasalhar, abafar, cobrir	Cufiníca	ó cufiquinina
Agua	Maze	ó mêba
Aguardente	Cachássu	ó gualente *(do port.)*
Agulha	Singano	ó'n guia *(do port.)*
Ajudar	. . . .	ó cucuatéfa
Ajuntar	. . . .	ó cucongolola
Alcofa	Chissapo	
Aldeia	Muze	é umbo
Algodão (linha de)	Ussáro	ó mussinha
» (panno cru)	Maricano	o'n binja
» azul	Lopa	o'n congolo

Ali	. . . .	cuna
Alto (homem)	Culapa	ó mule *(se se trata de pessoa;* ó xile *e* ó cále *em outros casos)*
Amanham	Manguana	o'n bái
Amarello	Sanange	ó xin dumbo
Amigo	Chamuáre	é pánga
Andar, percorrer	Cufamba	ó cuênda
Anil	Anil	
Annel	Péte	
Anno	Chaca	ó murima. *O anno é contado desde o fim de cada cultura, julho ou agosto, e comprehende doze luas.*
Ante hontem	Zana	ón quela ina
Anzol	Anzol	
Aonde?	. . . .	curípe?
Apagar	Cuzímíssa	ó cumima
Apanhar	Cupata	ó cunhanga
Apoiar (ser a favor d'alguem)	. . . .	ó cuáma
Aqui	. . . .	cúno
Arame amarello	Safuri	ó xibera xío'n dumbo *(ferro amarello)*

[1] Este vocabulario foi-nos fornecido pelo ex.mo snr. major F. S. Garjão de Moura, primeiro governador de Manica.

[1] Este vocabulario foi-nos fornecido e revisto pelo ex.mo snr. A. F. Nogueira.

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Ar, vento, frio	Pépo	o'n pépo
Arco de flexer	Maúta	ó úta—*pl.* ó má
Arder, queimar		ó cúpia
Arroz		ó lu ôsso *(do port.)*
Arvore, páo, madeira	Mute	ó muti—*pl.* ó mi
Assar, coser, cosinhar, aquecer agua	Cupíca	ó cuioca
Assentar	Cucára	ó cutancama
Assim	Tanepa	ó ná
Atacar		ó cuhómôna
Atar, amarrar	Cumanga	ó cucuta
Atirar		ó cuiumba
Atravessar um rio	Cuembuca	ó cuiaúca
Ave	Balane	ó xindila
Avô, ó	Sèculo	táte cúlo, in'á culo
Azeite, oleo	Mafuta	ó masi
Baile só de homens	Mafúa	
» de homens e mulheres	Cutéco	ó xila
Bala, bola	Barra	o'n bala, o'n bumbi
Banana		é hônjo—*pl.* ó má
Bambú	Missanguére	
Banho, lavagem (tomar)	Cussamba	ó curisucula *(lavar-se)*
Barba	Devo	ó nó'ngéri *(cabellos da barba)*

Barco indigena	Mandia n'côco	ó uato—*pl.* ó má
» europeu (qualquer)	Paquete	ó xinder *(branco)*
Barraca, cabana	Nhumba	
Barriga	Mimba	é imo—*pl.* ó má
Barril	Ancoreta	o'n coreta *(do port.)*
Barulho	Matinada	ó cúiéréra
Basta	Basse	xiápua, ó nó, ó nó il'a
Batata redonda	Batata	o'n bátáta—*pl.* ó nó'n *(do port.)*
» doce	Bambaia	
Bater	Cumenha	ó cupúma
Bebado (estar)	Culés-era	ó mu cólue
Beber	Cuma	ó cúnua
Bicho, animal	Chirombo	ó xifito—*pl.* ó bi
Boa (pessoa)		ó mú'n tu u ó xirí *(pessoa de verdade)*
Bocado	Quipinde	ó xitetere
Bocca, beiço, labios	Mororomo	ó mulúngo—*pl.* ó mi
Boi domestico	N'gambe	o'n gombe—*pl.* ó nó'n
» do matto	Nhumbo	
Bonito	Côcòma	ó mua—*pl.* ó báua
Braça (fracção pequena da)	Mápínda	
» (meia br. de fazenda)	Lupanda	ó nando
» (uma » » »)	Lumpa	é peca—*pl.* ó má
» (duas » » »)	Caputi	ó ma peca é bari
Braço	Zanja	ó cubóco—*pl.* ó má
Branco (homem)		ó xi'nder
Bufalo	Nhate	ó nháte—*pl.* ó nó
Cebaça	Dico	ó'n tenda—*pl.* ó no'n

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Cabeça	M'sôro	ó mutue — *pl.* ó mi
Cabello	Cisse	ó huque — *pl.* ó nó
Cabra, cabrito	Buzi	ó xi cômbo — *pl.* ó no'n
Cacete, páo	Garòngondo	ó xi mútí — *pl.* ó bi
Cair	Cùbua	ó cúa
Cala-te		muéna
Calor (estar) está quente	Caluma	u á tócóta
Cama	Bonde	ó úla — *pl.* ó ma
Caminho, estrada	N'gíra	ó'n díra — *pl.* ó nó'n
Campo semeado	Munda	é-pia — *pl.* ó má
Canna	Mítete	(d'assucar e sorgho) ó muengue
Cara	Cópè	ó mupôlo
Carne	Nhansa	ó'n béréla
Carneiro	Bira	ó'n-gui — *pl.* ó nó'n
Carregador	Nhomitôro	ó'n gamba — *pl.* ó nó'n
Carregar (conduzir ás costas ou á cabeça)	Lonane	ó cuxínda
Casa europea		ó'n júo — *pl,* o n'on
Casar		ó cuhonbóla
Cavar	Culima	ó curima
Cedo		ó'n binba
Chaga, ferida		ó xipúti
Chamar		ó cuifana

Chegar	Cuñca	ó cufica
Cheio		i é iula
Chover		ó culoca
Cobra	Nhóca	ó nhoca—*pl.* ó nó
Corda, cordão, cordel	Cau bala	o'n gondi, ó lu húba
Comer	Cúdia	ó cúria
Commercio, negocio		ó'n dándo
Corpo	Monungo	ó lúto—*pl.* ó má
Correr	Cutamanga	ó cutópóca
Cortar		ó cutéta
Creado	Bandósi	
Creança		ó môna—*pl.* ó bá
Curar		ó cuhácúla
D'aqui a tres dias	M'cucha	
D'aqui a mais de tres dias	Manguanache	
Dar		ó cuánja
Dedo	Chala	ó múnue—*pl.* ó mi
Dentes	Mánu	é 'io—*pl.* ó má
Depois		n'pa
Depois d'amanham	M'tonde	o'n kela ina
Depressa		o'n col'ó'ncólo
Desamarrar, desatar	Cussuzúra	ó cupandurula
Dia	Zico	é kumbi
Doente		ó mu'n bondi
Duas braças de fazenda	Capute	
Dono, senhor		muene
Dormir		ó culála

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Elefante	Zôo	ó'n jamba—*pl.* o no'n
Elle, s.	lé, Ivó	ó ié
D'elle, s.	Piache, Pião	i áie
Emprestar		ó cuundira
Enxada		é têmo—*pl.* ó má
Escravo		ó mu pica—*pl.* ó bá
Espetar-se		o curiassa
Espinho	Minga	
Está		ó pó eri
Estar (assentado)	Cucára	o cucala ó cu tancama
Este		ó'u, e eixi
Espingarda	Fute	óuta
Eu	Iné	áme
Evadir, fugir	Cutana	ó cuhéna
Faca	M'péne	ó móco—*pl.* ó nó
Farinha	Úfa	ó findi
Fazer		ó curinga
Fazenda (panno)	Chuma	ó'n guo—*pl.* ó nó'n
Fechar	Cufúnga	ó cuíca
Feiticeiro (padre)		ó'n ganga—*pl.* ó nón
Ferir		ó cubéta
Ferro	Utare	ó xibéra—*pl.* ó bi
Filho, creança	Muana	ó mȏna—*pl.* ó bá

Floresta, malta	Mussito	é tunda, ó fica
Fogo, raio, relampago	Môto	ó tupia
Fugir	Cutana	ó cuhena
Gallinha	Cúco	ó xi úsua
Grande	Iculo	ó nêne
Guerra		ó bita
Hoje	Lero	ó muhono
Homem	Mamuna	ó mulume
Hontem	Zulo	ó'n kela
Hyena	Tica	ó xi malanca
Hypopotamo	Vô	ó fi
Ignoro, não sei		hi xindi
Igual, do mesmo tamanho	Bósi-bósó	u rissue—*pl.* bé
Ir, andar	Cuenda	ó cuenda
Isto		ó xieixi
Já	Chinchino	pahapa
Juiz (indigena)	Bazo	
Lado		ó'n tere
Lama	Matope	o'n tata
Leão	Pandôro	ó'n cófe
Leite	M'cáca	ó mahini
Lenha	N'cuni	ó n'on cumi
Levar		ó cutuala
Lingua	Lerine	é láca—*pl.* ó má
Longe	N'cuni	ó có cúle
Lua	Mueze	ó hami
Machado	Baza	ó'n caba—*pl.* ó nó'n

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Macho	Mamuna	o'n dume
Madrugada	Machibesse	o'n bimba, *(madrugar)* ó curimeneca
Mae	Mama	*(minha)* méme, *(d'outro)* ina
Mais	. . . .	bari, *litt.* dois
Mama	Mal ére	é bele—*pl.* ó ma
Mandar	Cutuma	ó cutuma
Mandioca	Mandioca	
Manham (de)	Massicata	o'n gula
Mano, a	Bare	ó muculo *se mais velho*, o'n dengue *se mais novo*, o'n pangue *de homem para mulher*.
Mão e braço	Manja	ó cubóco, *braço direito* ó curio
Máu	À cuipa	ó xibe, *litt. feio*
Mar	Nhanza (1)	ó calunga
Martello	Nhundo	
Massa de farinha	Sima	ó xifima
Matar	. . . .	ó cu'n dipá
Meu, minha	Pianga (2)	ú angue—*pl.* dá'n
Mez	. . . .	ó hami—*pl.* ó nó
Milho	. . . .	é pungo—*pl.* ó má
Missanga	U'ssanga	ó biránda
Moer, pizar (reduzir a farinha)	Cucinzira	ó cúcátua
Monte	Píre	ó'n punda
Molho	Chissani	ó muhole

Morder	Curúma	ó cúnhumáta
Morrer	Cúfa	ó cúfua
Mulher	Mucaza	ó muricandi—*pl.* ó bá
Nada (não haver)	Cábé pinto táio	cutupo
Nadar	Puno	ó cúioá
Não	Táio	date ou ái
Negocio		ó'n dando
Negociar		ó curinga ó'n dando
Noite	Massico	ó u fúco
Nós	Ifé	ó'n-tuè
Nosso	Piato	ó ietu—*pl.* d'ètu
Olhar, ver	Cúona	ó cútála
Olho, s	Masso	é-iso—*pl.* ó méso
Ovo	Mazai.	é-íaki—*pl.* ó má
Pá (de remar)	Gambo	
Pae	Baba	o-si, *meu pae* tate
Pagar		ó cufeta

(1) Tambem significa grande rio e lago.

(2) Quando o pronome antecede o objecto possuido suprime-se o *pi* e a terminação *anga* forma com o objecto um nome só, ex.: minha cabra = buzianga.

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Palha	Uzo	ó mánguêngue
Panella (para cosinhar)	Pendi-cáre	ó'n bia — *pl.* ó no'n
Panno de vestir	Gúo	o'n guo
Pão	Micati	o'n bôlo
Papas	. . . .	é tete — *pl.* é má
Parar	. . . .	ó cutalama
Pé, s, perna, s.	Miembo	ó'n pandi — *pl.* ó nó'n; *perna,* mupindi
Pedir	. . . .	ó cupinga
Pedra	Miára	é tarí — *pl.* ó ma
Peixe	Somba	ó-si — *pl.* ó nó
Pelle	Tembe	ó xi cóba — *pl.* ó bi
Pequeno	Ingono	ó catuto
Perto	Chifupé	ó popepe
Porco	Cumba	ó'n gùlo
Pouco	Pangóne	ó catúto *ou* catito
Quebrar, cortar	. . . .	ó cutandula, ó cuteta
Quem?	. . . .	ó rie?
Quente	. . . .	i a tocota
Querer	Cufuna	ó cúióngóla *(querel-o)*
Não quero	. . . .	hi ongola
Rabo	M'chíra	ó muxira — *pl.* ó mi
Ração de comida diaria	Póço	
Rapariga	M'siçana	ó mufiço

Rapaz	A'pare	ó muquenje
Rato	Beña	ó xi púco — *pl.* ó bi
Rio	Mucurro	é longa — *pl.* ó má
Romper, rasgar	. . . . . .	ó cutandula
Roupa	. . . . . .	ó bícuto
Sair	Cubrúca	ó cutunda
Sal	Munho	ó mongoa
Serra (montanha)	Bango	ó'n púnda — *pl.* ó nó'n
Sim	. . . . . .	enga
Soba ou regulo	. . . . . .	ó hamba — *pl.* ó nó
Sol	Zua	é kúmbí
Luz ou calor do sol	. . . . . .	ó mutenha
Tabaco	. . . . . .	é caia — *pl.* ó ma
Tarde	Mauro	cuaixa
Terra	Mataca	ó-fi
Teu, tua	Píaco	ú'obe
Todo	Once	xi'si — *pl.* bí'si
Trazer	. . . . . .	ó cúeta
Tu, vós	Iué, Iumé	óbe — *pl.* ónue
Tudo	Encene	xi-se
Uivar, chorar, tocar	Culira	ó cu'rira, ó cuhica
Vae-te	Dóco píaco	enda, tunda
Vara para barquear	Pondo	
Varrer	Cupsaíra	ó cucomba
Vasilha para agua	Care	
* Velho, a	Caramba	ó musungo
Vender	. . . . . .	ó culanda

PORTUGUEZ	MARAVE	ABUNDA
Vir	Cuza	ó cuía
Volume de carga para homem	Mitôro	ó xitele
Vosso	Piàno	iêno
1	Possi	mosi
2	Píra	bari (tratando de gente bé bari)
3	Tato	é tato
4	China	é cuana
5	Chano	é tano
6	Tantato	é pando
9	Chinómúé	é pando bári
8	Sere	xi nane
7	Femba	xí'n die
10	Cume	é cume
11	Cume nam bosi	é cume na mosi
12	Cume nam mánóre	é cúmè n'a'n bári
13	Cume nam tato	e cume ná'n tato
14	Cume-na-nai	é cumi, ná'n cuana
15	Cume-na-cham	é cumi ná'n tano
20	Ma-cume-manire	ma cumi é bari
30	Ma-cuma-tato	ma cumí é tato
40	Ma-cuma-nae	ma cumi é cuana
50	Ma-cuma-tam-tato	ma cumi é tano

100	D'zana	ó xita
200		ó maxita é bari
1000	Chicui	é cumi ri o maxita

No dialecto marave o plural dos nomes que começam por *m* forma-se suprimindo-o; nos que não começam, accrescentando *m*.

Os verbos começam sempre por *cú*. Forma-se o imperativo suprimindo a prefixa *cú*, o que tambem é commum ao dialecto o'n bundo.

O presente e o futuro formam-se antepondo ao imperativo *disse*.

O preterito antepondo ao imperativo *dó*, ex.:

Rir, cu-seca; imperativo, seca; presente e futuro, disse-secà; preterito, dó-seca.

No dialecto Abunda ou o'n bundo os prefixos exclusivos de gente, são no singular mu, no plural, ba ou bé. Os prefixos, para coisas, animaes, passaros, etc., são si, x'ín, o'n, lu, ca no singular; no plural, bi, má, mân, ó n'on.

Modo de tratar o preto — O natural do preto é indolente, doce e leal, qualidades que principalmente o distinguem no sertão.

Os que vivem mais em contacto com o branco, embrutecidos pelo alcool, repassados pela segurança, desmoralisados pelos frequentes enganos, são desconfiados em extremo, rapaces e mendigos, sem nada terem perdido da sua indolencia primitiva.

Para tratar com pessoal d'esta ordem que representa a força bruta do paiz, é necessaria uma paciencia evangelica; convém que se ameiguem e tratem bem, mas com justiça: deem-se-lhe o menor numero d'ordens possivel mas nunca se tolere que deixem de ser executadas.

E' necessario nunca mostrar medo e mandar sempre com auctoridade.

O branco nunca se deve zangar; o ralho deve apenas ser a primeira fórma de castigo.

A afabilidade nunca deve chegar á chalaça em perfeito tom de egualdade, para se não perder o respeito. O castigo deve seguir sem demora a culpa.

O preto embriaga-se por mil fórmas; com aguardente e vinhos europeus, de banana, palma, acajú etc., é até fumando a folha de canhamo de que o arabe extrae o terrivel hachisch. Acima do prazer da bebida só está o da mulher pela qual troca todas as riquezas e prazeres do mundo.

Nunca capitalisa.

Com taes dotes não é facil conseguir o trabalho do preto senão forçado.

No tempo da escravatura era pela compra que se

obtinha a posse d'um preto e pelo chicote que se obrigava a trabalhar.

Hoje na nossa mais florescente possessão, S. Thomé, e em Angola, é pelo contracto do preto durante um certo numero d'annos que se obteem braços. Estes contractos são analogos aos que em Portugal se fazem com os colonos engajados; feitos na presença do curador e por elle vigiados.

Os inglezes tambem adoptam o trabalho forçado concedendo recompensas proporcionaes aos serviços, despresando, castigando e nunca encerrando a vadiagem.

Outros povos obteem trabalhos contratando-os com os sobas que por sua vez forçam os seus a executar.

Por qualquer forma, só á força o preto trabalha; completamente livre pede quantias fabulosas pelo mais pequeno serviço, faz o menos que póde e, em recebendo a feria, embriaga-se e não volta a trabalhar emquanto não sente fome.

O preto comprehende liberdade como synonimo de fazer nada. Convem pois 1.º nunca dar esmola ao preto válido, mas offerecer-lhe sempre trabalho — 2.º pensar o mais possivel no modo de substituir o homem pela machina, para conquistar a maxima independencia.

Riqueza mineira, agricola e commercial — A riqueza mineira das nossas possessões é extraordinaria, mórmente na Africa oriental que desde remotissimos tempos gosa da fama de abundante em ouro. As declarações unanimes de todos os viajantes e as minas

registradas, os campos d'ouro e diamantes em via d'exploração, em todos os paizes que circumdam os nossos districtos de Lourenço Marques, Inhambane Sofala, Quilimane e Manica, são outras tantas provas exuberantes da sua riqueza mineira.

Desde 1886 que em todo o sul da Africa recrudesce a febre do ouro, em consequencia das fortunas realisadas em poucos dias por alguns exploradores habeis e arrojados, na região aurifera de Kaap proximo do extremo sul do districto de Lourenço Marques. Hoje apenas se descobre um campo d'ouro, é logo invadido por uma infinidade de pesquisadores, na sua maioria inglezes.

Pela importancia do assumpto daremos algumas noções sobre a pesquiza e extracção do ouro.

Pelas fendas dos terrenos silurianos, isto é, pelas juntas dos terrenos mais antigos, afloram os filões de quartzo.[1] O terreno siluriano é formado de grez e schistos de textura folheada, como a ardosia das pedras de louza.

É no meio do quartzo que o ouro se acha espalhado em palhetas quasi sempre tão pequenas que apenas se distinguem com a vista; muitas vezes só o microscopio as pode revelar: mas algumas vezes tambem elle apparece em grãos de volume bastante consideravel.

D'estes filões de quartzo os mais resistentes ele-

[1] Quartzo é uma rocha muito dura esbranquiçada e transparente vulgarmente chamada pederneira

vam-se muitas vezes acima do solo, sempre orientados de norte a sul em linhas parallelas.

Mas nem sempre o ouro existe assim, o que é uma vantagem; porque a exploração do quartzo aurifero exige um processo complicado e dispendioso que não é accessivel a todos.

Os terrenos primitivos ou mais antigos encontram-se formando os cimos das montanhas; nos valles estes terrenos afundam cobertos pelas camadas mais recentes chamadas sedimentares, formadas de calháo, areia e barro, em extractificações mais ou menos regulares.

Quando os pontos elevados são formados pelo terreno siluriano, desagrega-se d'elles um sedimento silicioso que afflue ás ravinas, leitos dos rios e se espalha nas baixuras onde se encontra o ouro disseminado em palhetas, pequenos grãos ou fragmentos bastante volumosos chamados pepitas. Estas camadas auriferas que algumas vezes se encontram á superficie, ficam outras a grande profundidade, cobertas de camadas de basalto ou outras aluviões e alongam-se no seu conjuncto por extensões de milhares de kilometros.

Quando o ouro afflora (está á superficie) o trabalho do mineiro é muito simples: — reduz-se a lavar a terra em muita agua até esta sahir clara. Então vê-se o ouro depositado no fundo por baixo dos calháos mais densos que não poderam ser arrastados pelas correntes da agua de lavagem.

Os mineiros exploram o ouro empregando uma especie de taboleiro inclinado onde lavam a areia em

muita agua agitando sempre; a terra mais leve vae sahindo por cima do bordo inferior e o pó d'ouro puro vae-se accumulando no fundo.

Para acabar a limpeza lava-se uma segunda vez n'um prato.

Nos campos ricos, lavando 2 a 3^{m^3} de terra, pode um mineiro tirar diariamente uma media de 18$000 reis e, umas vezes por outras, encontrar algumas pepitas cujo valor chega a elevar-se até 1 e 2:000$000 reis.

O processo que se têm reconhecido mais vantajoso para os mineiros que nada sabem de metalurgia, é associarem-se por grupos de tres, para explorar o cubiçado metal; sendo um para cavar, outro para lavar e agitar o crivo e o terceiro para cosinhar e guardar a casa em que moram. As funcções alternam-se diariamente entre todos.

Tal é o methodo d'extracção para os pobres que o nosso colono póde com grande facilidade ir ver posto em pratica pelos inglezes no Transwal, na Suazia ou em Manica.

Os homens menos familiares com os processos metalurgicos poderão, pela simples observação d'uns dias, sem mais nenhuma aprendizagem nem outro capital, alem do necessario para a alimentação durante a pesquisa e primeiros dias d'exploração, fazer rapidas e enormes fortunas n'esta industria. É tão remuneradora a exploração do ouro que, ainda dá bons lucros quando o terreno não contêm mais de 4 a 5 gr. por mil metros de terra.

Ha outros processos mais lucrativos; mas que

demandam conhecimentos especiaes de geologia, chimica, mechanica e muito dinheiro.

Alem do ouro existem em differentes pontos minas de ferro, cobre, fabulosos depositos de carvão, campos de diamantes, petroleo, antracite, enxofre, etc.

Embora a costa occidental tenha bastante minerio, a nossa provincia de Moçambique tem os terrenos mineiros classificados entre os mais ricos do mundo.

O indigena só explora os jazigos metallicos que affloram até á profundidade de dous a tres metros. E' com o ferro das suas minas que fabricam as enchadas, machados, espadas, facas, lanças, etc. que usam, vendendo os seus productos a baixo preço.

Onde ha agua a vegetação apparece com tal pujança que a terra nunca está limpa; apenas desembaraçada dos arbustos e plantas que a cobrem, logo se vêem surgir novos e vigorosissimos rebentos cujo rapido crescimento espanta o viajante. Sob a zona torrida, parece que a natureza tem mais força para crear como para destruir: apenas cahe a arvore que morre de velha, logo fica sepultada em exuberante vegetação que lhe occulta os restos.

D'esta espantosa uberdade do solo, o preto apenas tira o indispensavel para o seu sustento diario.

No capitulo sobre agricultura exporemos mais largamente as fabulosas riquezas que se podem ob-

ter arroteando as terras virgens da nossa Africa; por agora apenas diremos que a differentes lavradores temos ouvido affirmar que tiram rendimentos superiores a 60 por cento.

Pelo lado commercial as nossas possessões representam importantissimos centros de consumo, ainda por explorar, que poderão vir a ser origem do desenvolvimento da actual industria rachitica do nosso paiz.

São nossos os melhores portos maritimos da Africa boreal e as portas d'entrada para o vasto sertão do Barotze.

Basta construir dokas, caes de desembarque, depositos de carvão e suprimir as peias e entraves que até aqui temos posto ao commercio, para desde logo ver surgir toda a importancia de S. Vicente, S. Thomé, Santo Antonio do Zaire, Loanda, Benguella, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira, Quilimane, Mocambo, Tungue, etc.

Todas as costas são abundantissimas de peixe.

As industrias de sal, pesca, conservas de peixe, carne, fructas, a ceramica, aguardente, assucar, polvora, tecidos, cal, etc., podem ser origem de rapidas fortunas logo que sejam estabelecidas em pontos apropriados, com faceis communicações, tanto para o interior como para a Europa.

As colonias portuguezas sul africanas, encerram pois em si riquezas de toda a ordem promptas a re-

munerar largamente todos aquelles que as quizerem intelligentemente explorar dedicando-lhe o seu tempo, actividade e capital.

A melhor prova do immenso valor das nossas colonias está na cupidez que teem despertado entre nações estrangeiras e, loucura será, se n'ellas não empregarmos todos os capitaes disponiveis; porque nos deverão ser restituidos com lucros muito superiores a todos os que poderemos haver no velho continente.

Indicações pessoaes — Apesar do innegavel progresso que nos ultimos annos teem tido todas as nossas colonias, a verdade é que ainda se acha quasi tudo por fazer; na maior parte das terras, mesmo do litoral, o europeu não encontra aquillo de que carece e no interior, sómente poderá obter um mau alimento, quando não saiba proceder.

Emquanto ao clima ha nas nossas possessões, ao lado de muitos terrenos pantanosos e insaluberrimos, outros que são tão sadios como os melhores de Portugal, por isso é indispensavel saber escolher e tomar as cautellas convenientes, sempre que os accidentes da vida arrastem o emigrante para logares doentios.

A Africa não é já hoje considerada como outr'ora um clima essencialmente mortifero; observações exactas teem provado que mesmo os máos climas, durante os primeiros tres annos só originam doenças agudas e curaveis sem deixarem vestigios; é passado

este tempo que as consequencias do impaludismo e da temperatura se apresentam chronicas e ficam indeleveis no organismo: mas ainda n'estes pontos se podem combater ou evitar muito as consequencias do clima, pela estricta obediencia aos principios da hygiene que no capitulo respectivo apontamos.

Com as devidas cautellas póde qualquer ir sem perigo de vida, percorrer, estudar e explorar as nossas colonias com tanto que a demora se não prolongue alem de tres annos.

Porem aquelle que de Portugal emigrar para definitivamente se fixar em Africa tem de possuir aptidões especiaes para resistir aos adversarios que lá vae encontrar, no clima, no indigena e no concorrente estrangeiro.

O colono carece pois estudar-se — antes de se embrenhar no estudo dos conhecimentos e na acquisição da bagagem de que carece para partir em boas condições.

Moralmente o emigrante deve ser corajoso, prudente, activo e emprehendedor, mas circumspecto; não deve recear qualquer serviço, mesmo mais grosseiro ou differente d'aquelles a que está habituado, mas fazer de cada vez uma cousa só, e o melhor que puder; finalmente é-lhe indispensavel ser previdente e saber fazer-se respeitar pelo indigena.

Physicamente não deve padecer de rheumatismo, de tuberculose, de affecções gastro intestinas, do figado nem do baço; deve ter constituição robusta, edade entre 18 e 45 annos.

Todos os portuguezes n'estas condições dão bons colonos; mas entre todos, levarão vantagem os que forem naturaes de climas mais quentes e paludosos como é a Madeira e o Algarve, os que tiverem uma estatura mediana ou baixa, de côr morena e cabello preto.

Pelos seus precedentes o colono deve estar habituado a privações, a arrostar a inclemencia do tempo e a trabalhos penosos; principalmente se não fôr logo de cá contratado para algum serviço especial e leve; porque quem parte para terras estranhas e selvagens deve ir preparado para tudo.

Emquanto a habilitações deve pelo menos saber ler, escrever e ter um officio ou profissão, aliás bem poucas serão as vantagens que terá sobre o preto com o qual não póde physicamente competir nos trabalhos ao ar livre.

Preparativos — Antes de partir todo o emigrante deve procurar adquirir noções exactas dos novos paizes que vae precorrer, quer tomando informações directas, quer consultando os mappas, lendo o que ha escripto e tomando apontamentos de tudo o que presuma poder-lhe aproveitar de futuro.

Infelizmente na nossa litteratura faltam livros manuseaveis onde o colono possa encontrar condensados os conhecimentos de que carece; alem d'esta tentativa, para supprir tão grande falta só se encontram indicações dispersas e diluidas nos boletins da Sociedade de Geographia, n'alguns numeros dos jor-

naes ultramarinos, nas publicações relativas ás colonias estrangeiras visinhas.

São dignos de se ler os livros das explorações dos snrs. Capello e Ivens, Serpa Pinto, Henrique de Carvalho, as conferencias sobre Angola e Congo do snr. F. A. Pinto; mas as mais preciosas informações encontram-se na collecção dos relatorios dos governadores e boletins da Sociedade de Geographia.

Antes de partir deverá o emigrante munir-se d'um bom mappa forrado a panno e dobrado por forma que se possa trazer no bolso e proceder ao seu estudo minucioso;

2.º aprender algumas noções de carpinteiro, serralheiro e outras artes manuaes que lhe poderão servir de muito;

3.º até onde o tempo e a illustração lhe permittir deverá tambem estudar a lingua do paiz ou pelo menos aprender os termos mais vulgares;

4.º quando não saiba desenho são muito convenientes os conhecimentos de photographia pois d'elles se póde tirar partido em milhares de circumstancias;

5.º noções de agrimensura, desenho de mappas, determinação da posição pelas observações astronomicas;

6.º de geologia o bastante para distinguir os differentes terrenos;

7.º generalidades botanicas;

8.º generalidades de hygiene, medicina e cirurgia, como applicar uma ligadura, fazer uma cataplasma ou um penso, laquear um vaso cortado, etc.

Nas differentes informações que colher deve ouvir o maior numero possivel de individuos, para poder confrontar o que dizem e tomar só como verdadeiras as informações concordes; porque uns exageram, outros falseam e outros ignoram os factos.

Quando possa o emigrante deverá levar um companheiro, o que representa um valor inestimavel em terras longiquas com clima, costumes e lingua differentes da patria.

Para companheiro dever-se-ha procurar, tanto quanto possivel, um individuo de caracter franco, bondoso e leal; mas energico, activo, com conhecimentos e aptidões manuaes differentes dos do individuo.

Fornecimentos—O material da bagagem de que cada emigrante carece está na razão inversa dos recursos da terra para que se destina; por isso, lendo as indicações do abastecimento para o sertão, poderão os que se dirigem para os centros de povoação, reduzir tudo o que lhes parecer, accrescentando os instrumentos apropriados ao seu officio ou profissão.

Aquelles que pertenderem internar-se pelo sertão deverão fornecer-se de tendas, ferramentas, armas, fatos, medicamentos e mercadorias.

A tenda deve ser quadrada, de 2^{m},30 de lado, com dous tectos, uma janellinha na trazeira e um chão portatil e impremeavel, que póde ser de borracha ou pelles forradas d'oleado.

Este chão deve ter 0,^{m}25 mais do que a barraca, e cordelinhos junto da margem para atar a outros que devem existir na barraca. Os cantos da barraca devem ser seguros por quatro cordas de 30^{m}.

Toda a bagagem deve ir em saccos de lona alcatroados para livrar do solalé, formando volumes que não excedam 25 kilos que é a carga de cada preto.

Oleados quadrados de 2 a 3 metros de lado para cobertura das bagagens.

Linhas, agulhas, alfinetes, tesoira.

Cordas delgadas e resistentes, alcatroadas, de differentes grossuras.

Anzoes de differentes tamanhos, que em muitas occasiões são um precioso e até o unico recurso para obter o sustento.

N'um pequeno rolo de couro — martello, formão, goiva, verrumas, furador, enchó, serra, torno de mão, limas, corta-fio, alicates, chave de parafusos, machadinha, fita metrica, compasso e esquadro, um folle pequeno, pregos, parafusos, um rolo d'arame fino zincado.

Saccas convenientes destinadas a encherem-se de hervas seccas para servirem de cama e travesseiro, saccas de couro para as cargas. Lençoes e toalhas.

Mosquiteiros, lanternas, vellas, cadeira e mesa de lona, tanque d'agua com filtro, uma porção de filtros d'algibeira, balança romana para pezar até 30 kilos, lampadas d'alcool, ferros para abrir latas, fuzil, pederneiras e isca, pentes, escovas e tesoiras, facas de bolso, toalhas, uma porção de vasilhas de lata para

fogo mettidas umas nas outras, palito de prata, saca-rolhas, sabão, tabaco, binoculos de campo, oculos fumados, relogio bom de prata, fitas metricas, ratoeiras fortes.

Duas boas espingardas de repetição, dous rewolveres, respectivas munições, faca de matto.

Papel, sobrescriptos, aparos, lapis, tinta, regua, estojo de desenho, uma boa porção de botas de cano baixo e salto de prateleira, sola grossa cardada, não muito pesadas e largas bastante para calçar com dous pares de meias. Este calçado deve todo ser experimentado por alguns dias antes de partir.

Sapatos de lona para casa, polainas de couro leves, calças finas e de meia estação, camisolas de flanella para vestir por cima, cintos leves, chapeus, meias, ceroulas, camisas e camisolas d'algodão (Vid. cap. hygiene art. Fato) casaco impremeavel.

De viveres carece levar — café, chá, leite condensado, farinhas nutritivas, conservas alimentares e estimulantes, passas, chocolate.

Para attrahir o gentio poderá levar lanterna magica, caixas de musica, machinas photographica e electrica.

Para presentear os regulos deve adquirir collares de contas de ambar, torquezas e coral, cruzes, medalhas, pulseiras, brincos prateados e dourados, oculos, harmonicas, relogios de algibeira e parede, vasilhas de lata, tachos, colheres, facas de todos os feitios, garfos, chapeus de sol de cores, chapeus de cabeça, sapatos de trança, guizos, assobios, chicotes de caça, frascos com aromas, galões, fardas, muitas peças de

panno cru, riscado de varias côres, zuarte, lençaria, grande sortido, tabaco, polvora, aguardente e vinho.

De medicamentos os indicados no formulario com os signaes **

Adhesivo simples, alfinetes e agulhas de curativo, linha, fios, algodão phenico, ligaduras sortidas, almofariz, balança, funil, copos graduados, borrachas para clyster, bisturis, tesoiras recta e curva, pinças de curativo, porta-nitrato.

Indicações ao viajante—Logo que desembarque o viajante que pertender internar-se em Africa deverá demorar no litoral o menos tempo possivel; por isso carece empregar a maxima assiduidade no ajuste dos carregadores.

Os carregadores devem ser ajustados por distancias e não por tempo, aliás nunca se chegará. O preço de cada carregador oscila de 160 a 240 reis diarios na costa occidental; em Moçambique as oscilações são muito maiores.

As rações devem ser pagas em alimentos e equitativamente distribuidas pelo proprio chefe ou por pessoa de confiança; qualquer outro systema provoca desordens ou reclamações muito prejudiciaes á disciplina e á marcha do europeu, quer percorra officialmente o paiz, quer o atravesse como negociante ou explore como mineiro.

Quando parar em qualquer sitio deve o explorador esforçar-se porque a sua passagem se torne sempre proveitosa para as pessoas que o receberem. Vão n'isto os bons creditos do europeu e a facilidade do seu transito para deante; porque as noticias espalham-se em Africa de boca em boca com uma rapidez assombrosa.

Quando prestar soccorros medicos a qualquer doente em perigo nunca use de medicação interna para que lhe não attribuam a morte.

Deve fallar com antecipação nas remunerações que tenciona dar ou mesmo mostral-as o que é d'um effeito assombroso para o bom tratamento.

Os melhores instrumentos de que o europeu em Africa se póde servir são os orgãos que Deus lhe deu.

E' util reparar em tudo e investigar o que puder sobre todos os assumptos.

Para não esquecer, todas as noites deverá mencionar n'uma caderneta:— o aspecto das paizagens,— a riqueza agricola e mineira,—os rios, montes, terras, clima,—tribus, typo, caracter, usos etc. dos habitantes, — algumas palavras que tiver podido colher de cada lingua,—tudo o que lhe parecer de qualquer utilidade por pequena que seja; sem nunca se esquecer de mencionar as difficuldades que lhe appareceram, o modo como as venceu e os insuccessos que teve.

As coisas mais insignificantes e futeis na apparencia, assim como os factos mais vulgares, podem-

se tornar de futuro em preciosissimas indicações de incalculavel valor [1].

As observações devem ser methodicas e rigorosas, e escriptas sempre pela mesma ordem segundo os assumptos.

No interior d'Africa as estradas são substituidas por veredas abertas no capim [2] ou nas florestas por onde as comitivas seguem a um e um.

As viagens fazem-se geralmente a pé.

O pessoal superior, nos pontos em que faltam os animaes domesticos, é conduzido em tipoia (especie de rede suspensa de varas conduzidas ás costas de pretos) ou em machila (especie de cadeira á Voltaire com argolas lateraes por onde tambem se suspende ás varas que os negros conduzem).

N'alguns pontos empregam o boi-cavallo guiado por duas cordas presas a um pequeno ferro ou pau que atravessa as ventas do animal.

Os Boeres, e nos paizes que lhe ficam ao sul, viajam em grandes carros de bois quando o terreno

[1] Todos estas observações e os estudos que se devem continuar depois de estabelecido, convem que sejam mandadas á Sociedade de Geographia de Lisboa; á imitação do que fazia o benemerito Silva Porto.

Aquelles que assim procederem serão benemeritos da patria e prestarão relevantes serviços, dignos de recompensa, aos que de futuro os seguirem na exploração e civilisação do continente negro.

[2] Especie de graminea que se eleva acima da altura d'um homem, extremamente generalisada em toda a Africa.

lhes permitte e já hoje empregam o cavallo, a muar e o burro.

As marchas diarias d'uma expedição oscilam entre 12 e 25 kilometros por dia.

Ao chegar ás terras de cada soba é neeessario parar e mandar-lhe pedir licença fazendo logo acompanhar o requerimento por uma garrafa d'aguardente: salvo nos pontos em que o dominio europeu já está perfeitamente consolidado.

Obtida a licença para acampar espera-se a visita do soba a quem se tem de presentear com alguns objectos, cujo valor deve estar em relação com a sua importancia e o que d'elle se pretende conseguir.

E' necessario tomar precauções contra as exigencias d'alguns que chegam a ser extraordinarias.

E' indispensavel nunca mostrar medo e não perder occasião de dar provas de habilidade, força e destreza que produzem sempre grande effeito. O caso está em convencer o preto de que não tem elementos para resistir; por isso é indispensavel que as expedições vão bem municiadas e armadas.

Toda a prudencia é pouca para evitar o emprego da violencia ou a animosidade.

E' necessario fazer o pessoal da expedição respeitar os usos das terras e sobre tudo as mulheres de que os pretos são ciosissimos.

Nunca se deve atravessar qualquer povoação senão a pé; o contrario é tido como injuria.

Sempre que o europeu não consegue captar a benevolencia d'um soba, este, ou o ataca ou, se não tem forças bastantes, prohibe que lhe forneçam vive-

res, causando em qualquer dos casos grandes perdas e pondo em risco a vida dos expedicionarios.

Para captar a boa vontade do gentio é conveniente atirar para o meio da multidão que se aglomera em volta do expedicionario uma pouca de missanga solta e distribuir alguns alimentos pelas creanças.

O sustento obtem-se a troco de mercadorias sendo a base das transacções—missanga azul ou encarnada do tamanho de bagos de romã, o panno crú, ou riscado, lenços e aguardente. Os alimentos que se encontram no sertão são:

Gallinhas que custam 2 a 3 bagos de missanga.

Patos, cabritos, carneiros—700 bagos ou 10 jardas de riscado.

Porcos—2 a 3000 bagos ou uma peça de fazenda.

Feijão, milho, mandioca, fructos—2 a 3 kilos por um kete de contas [1].

Vinho de palmeira—por uma garrafa 8 ou 10 bagos.

um boi—25 a 40 peças de riscado.

Para a compra d'objectos baratos é preferivel a missanga.

Commercio—Em toda a Africa é o commercio que principalmente seduz o preto e abre as portas ao europeu.

[1] Kete é a distancia que vae da ponta do indicador á cana do pollegar.

Todos no sertão teem de ser mais ou menos negociantes; porque faltando a moeda é só a troco de productos europeus que se obteem alimentos, trabalhos do indigena ou concessões dos regulos.

O mesmo succede aos fazendeiros; porque a moeda cunhada, quasi toda estrangeira que n'uma variedade extraordinaria apparece nas nossas colonias, raro passa das principaes terras do litoral; pelo menos do lado occidental.

O grande negocio em Africa faz-se nos pontos de mais facil communicação com a Europa onde se encontram estabelecidos representantes de casas portuguezas, francezas, hollandezas e inglezas.

Algumas d'estas casas, emquanto puderam obter carregadores por preço modico sustentaram succursaes mais ou menos internadas levando as suas guardas avançadas em Angola até Pungo Andongo, Malange e Bihé; em Moçambique até Tete, Zumbo e foz do Sanhati.

Desviados pela liberdade que os livra do trabalho forçado e pelas obras publicas que triplicaram e quadruplicaram os ordenados que os particulares até então pagavam, os pretos furtam-se hoje ao serviço de carregadores, multiplicam de dia para dia as suas exigencias, recusam-se a seguir em determinadas direcções, incitam os sobas a crear difficuldades, retardam as marchas, desertam, revoltam-se, etc.

Para luctar contra este estado de cousas, iniciou-se no Estado Livre do Congo o systema de navegação fluvial a vapor, conseguindo assim por intermedio dos numerosos affluentes do Zaire introduzir

profundamente no sertão, com grande economia relativa os productos europeus.

D'aqui teem resultado serios embaraços ás nossas feitorias do interior d'Angola que não podem competir; muitas casas teem mandado fechar as filiaes, e os negociantes que operavam por sua conta teem trocado o commercio pela agricultura e pela industria.

O commercio livre do preto tem substituido o dos carregadores por conta dos europeus; o gentio de Ambaca, Bihé, Bailundo etc. forma comitivas que veem ao litoral trocar os productos do interior pelos europeus.

O negociante europeu hoje estabelecido, tem agentes que vão aos caminhos esperar as caravanas e, offerecendo-lhes presentes, as conduzem á casa commercial que os enviou.

Ahi são os pretos alojados em amplos quintaes, já destinados para este fim, alimentados durante todo o tempo das negociações e ainda presenteados com cobertores, polvora, aguardente, etc.

As negociações começam então e proseguem com tanto mais morosidade quanto maior é o valor das transacções.

Para levar ao fim qualquer contracto com o preto é necessaria uma paciencia evangelica; porque é aqui que o indigena busca desenvolver toda a sua habilidade para enganar e não ser enganado pelo branco.

O preto pede 30 e 40 pelo que vem a dar por 1 ou 2; começado o ajuste sahe e entra mil vezes, dis-

cute alternadamente com os companheiros e com o negociante e consome dias inteiros sem resolver.

Á falta de moeda, é só pela equivalencia dos productos avaliados pela quantidade e qualidade do genero que se effectuam as transacções.

Estas equivalencias referem-se a differentes unidades que variam d'uns para outros pontos e são missanga, bois, polvora, armas, peças de riscado, etc.

Feita assim a avaliação recebe o preto um papel (mucanda) onde se declara em unidades commerciaes o valor da carga entregue e só depois se passa á segunda operação que consiste em trocar estas unidades da mucanda por differentes artigos.

É n'esta segunda permutação que o branco ganha, chegando a obter pelos productos de que o preto desconhece o valor, preços 50 e 100 vezes superiores aos da Europa.

É necessario, porém, não confiar demasiadamente n'estes lucros; porque não só são onerados de grandes despezas, mas porque a concorrencia augmentando dia a dia as vae constantemente reduzindo.

Quando o negociante se serve de interprete deve-o pessoalmente vigiar; porque é frequente que este o queira enganar.

Ultimadas finalmente todas as negociações segue-se um presente ao lingua (malufa ia quitanda, em Loanda).

Pela sua parte o preto offerece tambem o seu presente de pelles d'animaes, armas indigenas, esteiras e outros objectos da sua pequena industria.

Muitas vezes não se effectua a segunda permu-

tação e o preto leva a sua mucanda, á qual dá tanto credito que esta chega a percorrer muitas mãos sem que ninguem, n'esta parte, duvide da probidade do branco.

Na Africa Oriental as circumstancias mudam; o grande competidor do europeu é o aziatico, batiate, baniane. Estas raças dedicam-se ao commercio, vivem miseravelmente com uma economia sordida, em palhotas immundas onde dormem, cosinham e fazem o deposito de fazendas: o seu vestuario consiste apenas n'uma cabaia larga e chinelas sem meias; a sua alimentação é frugalissima: limita-se quasi a arroz, mandioca e milho.

Estes homens fornecem-se directamente da India Ingleza, contentam-se com pequenos ganhos e reduzem o preço da fazenda, estabelecendo entre si uma concorrencia com a qual o branco difficilmente póde competir em consequencia das suas maiores necessidades.

Quando enriquecido o indio não constitue um elemento de progresso para a provincia; porque se repatria com tudo o que possue, abandonando a terra que tanto tempo sugou sem n'ella deixar o mais pequeno vestigio util da sua passagem.

O individuo que tentar estabelecer-se como negociante tem pois de se prevenir para luctar contra aziaticos astutos e economicos e europeus illustrados, ricos e activos, porisso carece empregar e desenvolver a sua intelligencia, capital e actividade tanto como a sua astucia.

Felizmente o portuguez capta melhor a estima

do preto e offerece maior resistencia ao clima do que os povos do norte, d'aqui vantagens que permittem aos nossos contèrraneos obter em Africa rapidas e boas fortunas.

Os pontos internados d'onde se puder obter uma facil e economica ligação com a Europa são os mais vantajosos para o negocio; as casas que n'estas circumstancias se montam desenvolvem-se até constituir verdadeiros principados.

O que é indispensavel é captar a amisade e confiança do gentio tornando-se util e tendo artes para se tornar indispensavel e guia.

Tal é a base da fortuna e da grandeza entre as tribus atrazadas.

Á cautela convém sempre construir a caza em ponto elevado e defensavel, e pôr sebes vivas, valados ou fossos para poder resistir a um ataque, quer do gentio quer das feras.

Artigos de commercio — Os generos que principalmente se importam da Europa para transaccionar são: — assucar, azeite, vinho, bebidás alcoolicas e fermentadas, chá, manteiga, melaço, tabaco — metaes em bruto, espingardas ordinarias, rewolveres e espadas, facas, machadas, polvora, chumbo, enchadas, panellas de ferro, arame, lata, candieiros para azeite, fio de ferro, cobre, latão, ferragens de toda a ordem para casas: — emblemas, botões amarellos, fivelas, espelhos diversos, relogios, caixas de

musica e outras quinquilharias:—missanga de bordar e conta grossa, pederneiras, faianças, vidros e louças:—panno d'algodão crú e entrançado, lenços grandes estampados, linho, sedas e veludos, linhagens estampadas, fato branco e de fóra feito, chapeus e calçado:—galões, bonets bordados, sapatos de trança, pentes, mantas, chapeus de sol, etc. artigos d'escriptorio, conservas alimentares de toda a ordem, barcos de pesca, etc.

Para Lourenço Marques e Loanda a importação está já sendo muito mais variada.

Os generos que em troca se obteem da Africa interior reduzem-se hoje á cera, marfim, borracha e copal, devendo notar-se que já hoje todos tendem a escacear cada vez mais pela maneira barbara porque o preto os tem explorado.

Além d'estes productos ha outros que se produzem em differentes localidades já mais ou menos adiantadas e que pódem vir a ser origem de importantes receitas, taes são:

O algodão que já se cultiva em Benguella e Mossamedes em quantidade bastante para fornecer a provincia podendo desenvolver-se até ao ponto de emancipar Portugal das fabricas inglezas e americanas.

A exploração racional tanto da caçoneira (cautchuc), que já se iniciou em Mossamedes com a denominação de almeidinha, como de outras arvores de borracha.

Mandioca, milho, trigo, inhame, tabaco, café, ananaz, indigo, aguardente de canna, de palma, de cajú

etc., amendoím, fructo e oleo de coco, ursella, a quina, e outras sementes oleoginosas.

Sementes e plantas ornamentaes, fibras vegetaes, cascas taninosas, plantas medicinaes.

Conchas, tartarugas, madeiras, minerio.

Os fructos, a carne e o peixe seccos ou de conserva, o sal, o cebo, as pennas d'abestruz e outras aves, a lã em rama, as pelles, etc. podem ser objectos d'industrias faceis e de commercio lucrativo.

A exportação d'aves e outros animaes vivos, bravios e domesticos, que n'alguns pontos são baratissimos.

As esteiras de mabu, cabazes, cestos, alcofas, chapeus de palha, cordas, tecidos grosseiros, pelles cortidas, são industrias indigenas que se pódem e devem explorar e aperfeiçoar; porque teem baixo preço e ha artigos muito bem executados.

Armas e ornatos gentilicos hoje apreciadas para ornamentação das salas.

Tambem são dignas de se desenvolver as industrias de sabão e cachimbos, as redes de balouço, as rendas e cobertas de Cabo Verde, as obras de tartaruga de S. Thomé e na costa oriental, pesca da esponja e coral em Cabo Verde, a das ostras de perolas em Bazaruto e Cabo Delgado.

Para consumo local promettem futuro as industrias de tecidos d'algodão, manipulação de tabacos, fabricação de filtros em Loanda e Mossamedes, fabricação de telha, tijolo e cal. As mobilias portateis de bambú, a exploração e aproveitamento de magnificas madeiras que hoje attingem na Europa pre-

ços elevados, a fabricação de polvora e a exploração das variadissimas minas são outras tantas fontes de riqueza e commercio muito aproveitaveis pelos homens d'iniciativa e intelligencia.

Os commerciantes nas possessões auxiliam-se mutuamente com uma franqueza e boa vontade que se não vê na metropole; emprestam-se, sem lucros differentes de favores analogos, fazendas dinheiro e machinas na proporção dos haveres de cada um.

Residencia — Todo o portuguez deve preferir tanto quanto possa o sul das colonias e os planaltos; porque ahi encontrará os climas mais salubres.

Para as terras já adiantadas como Cabo Verde, S. Thomé, Santo Antonio do Zaire, Loanda, Benguella, Mossamedes, Lourenço Marques, Quilimane e dentro em pouco Beira e Inhambane devem dirigir-se os artistas de toda a ordem, os industriaes e o commerciante.

Para o sertão só se póde dirigir o pesquisador de minas e ainda alguns negociantes; depois de conhecerem o litoral, as condições de transporte e consumo.

Os agricultores deverão procurar a proximidade de boas terras, de caminhos de ferro e de rios navegaveis, afim de poderem valorisar os productos que obtiverem; aliaz terão de reduzir as culturas pela inutilidade dos excendentes das colheitas.

TABELLA DE CARREIRAS MENSAES DA EMPREZA DE NAVEGAÇÃO NACIONAL

PORTOS	Dias da ida — Todos os mezes		Dias de volta — Todos os mezes		PREÇO DE PASSAGENS			Preço de transporte de mercadorias para qualquer porto do itinerario
					1.ª Classe	2.ª Classe	3.ª Classe	
Lisboa	6	21	5	20				
Madeira	8			17	25$650	17$100	8$550	Farinha por barrica 1$500.
S. Vicente	12			12	68$400	51$300	28$500	Liquido em vasilha, por pipa até 500 litros 7$000.
S. Thiago	14	28	27	10-11	Idem	Idem	Idem	Ferro e outros objectos pesados á escolha da empreza, por 1000 kilos 11$000.
Bissao e Bolama					85$500	66$500	34$200	Legumes, cal, carvão, louça, ferragens, saccos velhos, phosphoros, telha, etc., por m³ 10$000.
Principe	23			2	114$000	85$500	38$000	
S. Thomé	21-26	6-8	17-19	29-1	Idem	Idem	Idem	Generos não especificados e fazendas m³ 12$000.
Cabinda	28		15	27	142$500	104$500	42$750	Embarque e descarga pagavel em Lisboa.
Banana					Idem	Idem	Idem	Machinas, caldeiras, grandes volumes, gado—Ajuste especial.
St.º Ant.º do Zaire	29			26	Idem	Idem	Idem	
Ambriz	30			25	Idem	Idem	Idem	Ouro, prata e joias, 1 1/2 % ad valorem.
Loanda	1-3	12-14	12-14	22-24	Idem	Idem	Idem	Cobre e bronze 2 1/2 ad valorem.
Novo Redondo	4	16-18		21	152$000	114$000	47$500	O menor frete será de 1$000
Benguella	5	15	9-10	19-20	Idem	Idem	Idem	
Mossamedes	6-8	16-18	6-8	16-18	161$500	123$500	52$250	

TABELLA DAS CARREIRAS MENSAES DOS VAPORES DA MALA REAL

PORTOS	IDA Dias do mez	VOLTA Dias do mez	PREÇOS 1.ª Classe	2.ª Classe	3.ª Classe	
Lisboa............	21	5—7				Carga por metro cubico ou 1.000 kilos á escolha da empreza para Lourenço Marques e Moçambique 13$500, para qualquer outro porto da escala 17$000. Descarga em Lourenço Marques por m/c 2$250. Descarga em Moçambique 1$690. Nos outros portos 10 % sobre o frete. A empreza faz ajustes particulares.
Marselha.........	25—27	1—4	40$500	27$000	13$500	
Port-Said.........	2—7	23—26	103$500	72$000	36$000	
Suez..............	4 7	21—24	112$500	81$000	40$500	
Aden	9—12	16—19	180$000	117$000	54$000	
Zanzibar..........	16—21	7—12	198$000	131$000	84$6 0	
Moçambique......	20—24	2—5	212$530	141$750	94$500	
Lourenço Marques.	26—27	30—2	222$680	151$200	103$950	

PREÇO DOS TELEGRAMMAS POR PALAVRA

Entre Lisboa e S. Vicente	516 reis
» » » Loanda	1$884,6
» » » Benguella.	2$183,4
» » » Mossamedes.	2$381,4
» » » Lourenço Marques	2$131
» » » Moçambique	2$135

CAPITULO II

PROVINCIAS E DISTRICTOS

PROVINCIA DE CABO VERDE

(Revista, correcta e muito augmentada pelos ex.mos snrs. dr. Antonio M. da C. Lereno, dignissimo facultativo do quadro de saude e Augusto F. Figueiredo de Barros dignissimo secretario geral da provincia).

Esta provincia, formada pelo archipelago do mesmo nome, está situada entre 14°,45′ — 17°,41′ lat. e 16°,39′ — 19°,12′ long. O. de Lisboa.

Está ligada a Lisboa e á Guiné por carreiras regulares de paquetes que tambem estabelecem communicação entre as differentes ilhas.

Eis em milhas [1] o quadro das distancias entre as differentes ilhas.

	Nomes	Superficies	Distancias ás antecedentes							
Grupo de sota-vento	S.ta Luzia									
	S.to Antão	973								
	S. Vicente	436	20							
	S. Nicolau	386	48	62						
	Sal	228	75	120	130					
	Boa Vista	470	26	78	125	138				
Grupo de barlavento	Brava	121	122	143	104	123	143			
	Fogo	483	6	115	137	102	112	142		
	Maio	168	76	85	55	83	99	141	160	
	S. Thiago	1208	20	59	66	77	106	108	147	166

[1] Uma milha tem 1.851 metros.

Cada ilha forma um concelho excepto Santa Luzia que é quasi deshabitada, Santo Antão e S. Thiago que têm dous.

O clima de Cabo Verde não differe muito do de Lisboa durante o verão e outomno; a sua temperatura média das 11 horas da manhã ás 4 da tarde é de 27° centigrados em maio e agosto (as duas passagens do sol) e de 22° centigrados em abril, junho, julho e setembro; os maiores calores sobem a 35.° centigrados.

As madrugadas e começo das noutes são frescas e muitas vezes humidas.

Os ventos alizados que os naturaes denominam brizas, sopram do quadrante norte desde fins de dezembro até maio e do quadrante sul durante o resto do anno.

As chuvas são hoje muito irregulares e cahem do começo d'agosto até novembro, abundando principalmente nos ultimos dous mezes.

Segundo alguns informadores parece que outr'ora as chuvas cahiam com mais frequencia e começavam mais cedo.

As sêccas frequentes estão sendo quasi periodicas, causando enormes prejuizos á agricultura e verdadeiras fomes.

Notam-se no archipelago tres climas differentes: o do litoral, quente, secco, ventoso, insalubre e com resumido quadro nosologico no qual predominam as febres; o das altitudes, fresco, humido, ventoso, salubre e com variado numero de doenças; o das ribeiras, mixto dos dous, com as correntes atmos-

phericas modificadas segundo os abrigos e exposição de salubridade muito variavel.

D'uma forma mais geral: todas as ilhas se podem considerar salubres nos pontos elevados e nomeadamente a Brava, Santo Antão e Fogo.

Nos logares insalubres as febres palustres apparecem de julho a novembro.

Em todas as ilhas ha medico e pharmaceutico.

O total da população eleva-se hoje acima de 120:000 almas.

Os individuos propriamente europeus não excedem uns 500; mas a população branca ou mestiça em que predomina o sangue europeu é muito numerosa.

Em Cabo Verde ha uma verdadeira sobreposição de raças negras, caucasicas, malabares.

A côr dos habitantes negros é muito menos carregada que a do continente africano.

A lingua que se falla é um dialecto creoulo muito misturado de portuguez.

Os habitantes são meigos, mas muito indolentes.

Ha já annos que os degredados deixaram de ir para esta provincia.

O mar do archipelago é abundantissimo em peixe, tartarugas, baleias, ambar e excellente coral.

Nas ilhas de S. Nicolau e Maio ha duas emprezas para a pesca da baleia; mas esta tambem é fei-

ta por palhabotes americanos quasi sempre tripulados por açorianos [1].

O coral é irregular e imperfeitamente explorado por italianos que para isso possuem uma pequena esquadrilha.

O coral é pescado com um aparelho formado por duas fortes peças eguaes de madeira, com $1^m,1$ sobre $0^m,22$, entalhadas e ligadas em cruz por fortes chapas de ferro, terminando em anneis de $16^m,5$ de diametro. Estes anneis formam a bocca de fortes saccos de rede de malha miuda, solidamente presos, tendo de fundo 27^{cm}.

Além d'estes saccos, tambem está ligado ao topo de cada braço um molho de rede muito larga de 1^m de comprido.

Amarrando ao meio da cruz uma corda forte e suspendendo, fica o aparelho horisontal com as redes pendentes dos topos.

Prendem então ao meio da cruz um pezo de $30,^k$ que o faz mergulhar e, quando chega a um fundo de 200 a 300 metros onde existe o coral, remam fortemente para terra.

O aparelho assim arrastado pelo fundo traz comsigo muitos bocados de coral.

Apezar da pesca ser muito abundante, principal-

[1] No regresso aos Estados Unidos estes palhabotes transportam emigrantes (quasi sempre clandestinamente, para tripulação de navios.

A repatriação d'estes individuos está hoje sendo para a provincia uma importante fonte de receita.

mente a do alvacará (atum), não se faz em quantidade bastante e nas condições necessarias, como seria de desejar, para poder servir de recurso nos annos de fome.

Em differentes ilhas encontra-se marmore vermelho, cal, terra propria para tinturaria e louça, e minerio de cobre, ferro, estanho e, segundo alguns, ouro no monte Vermelho a oeste e pouco distante da Praia, e na ilha da Boa Vista; na ilha do Fogo ha abundancia de enxofre e sulfato de soda.

O terreno é vulcanico e bastante fertil quando lhe não faltam as aguas.

Tanto as plantas da zona torrida como da temperada, vegetam egualmente bem no archipelago.

A superficie cultivada avalia-se em 40,248 hectares, produzindo 6.625:774 lit. de mantimento.

Os naturaes fazem a cultura por processos muito imperfeitos, embora melhores do que os do continente fronteiro.

Apezar de ainda jazer inculta a maior parte dos terrenos, todos elles são já propriedade de particulares.

Os principaes productos agricolas da provincia pela ordem da sua importancia são:—sementes de purgueira, café, pelles de cabra, milho, aguardente, assucar mascavado, anil, tabaco, sementes, oleo de palma christi e quina.

Ha pouca vinha que produz excellente uva e dá duas colheitas por anno.

Existe grande abundancia de gado cavallar, suino, caprino e asinino.

A importação da cabra angora da Algeria ou do Cabo daria bons lucros pela sua sobriedade que lhe permitte resistir ás grandes sêccas.

O commercio de Cabo Verde faz-se principalmente com a Guihé, Madeira e reino.

As industrias estão bastante atrazadas; exporta sal, colchas muito acreditadas cujo custo oscilla entre 1$500 e 24$000 reis, rendas, sabão, peixe sêcco, tintas, pelles curtidas e em crú, manteiga e queijo.

Devem dar lucros: — a refinação d'assucar, as conservas alimentares, fabricação de telha, tijolo e mais obras de ceramica, extracção de oleos, fabricação de tabaco, de cordas e cabos de pita.

Seria tambem muito aproveitavel a força motriz dos ventos que são quasi constantes em S. Vicente, a serração mechanica das abundantes e excellentes madeiras da Guiné, a fabricação de telha de pau de que se faz largo consumo em substituição do colmo ou do capim.

Mas de todas as riquezas d'esta provincia a maior incontestavelmente está na sua posição geographica que já hoje lhe dá, pela reexportação de carvão e abastecimento de refrescos aos navios, a principal fonte de receita.

É na exploração da sua posição, no centro da estrada maritima entre os dous mundos que se podem realisar as melhores fortunas em depositos de carvão, dokas e reparos dos navios, organisação do serviço de carga e descarga, venda de viveres, recreios que convidem os passageiros a desembarcar e todas as facilidades que permittam a S. Vi-

cente competir em tudo com as Canarias e Senegal francez.

A belleza, fertilidade e salubridade, a posse de altitudes de 2 e 3000^{m}, de aguas alcalinas e sulphurosas a differentes temperaturas apontam n'este archipelago pontos excellentes para sanitarios que necessariamente haviam de attrahir não só os nossos colonos d'outras provincias mas os europeus de toda a costa fronteira que é altamente insalubre.

Já hoje os negociantes da Guiné costumam ir passar a estação das chuvas na ilha do Fogo ou na Brava.

Tambem seria boa tentativa a creação d'uma companhia de seguros ou celeiros communs contra as seccas.

Os artistas de Cabo Verde são poucos, maus e tendem a rarear fazendo-se a falta cada vez mais sentida.

Um bom carpinteiro ou pedreiro póde ganhar por dia até 2$000 reis.

Os artistas indigenas dos mesmos officios, tecelões, ferreiros, pintores, etc., vencem uma média de 700 reis.

Não ha sapateiros nem barbeiros indigenas.

Os braços para serviços agricolas com difficuldade se obteem para as sementeiras e colheitas que se fazem; o seu custo é de 140 a 200 reis por dia.

No serviço de carga de carvão chegam a pagar

300 reis por dia e não tem gente bastante que se preste.

Nos portos principaes de todas as ilhas ha pharoes e quasi todas as povoações costeiras teem caes d'embarque; ha já muitas estradas ligando os principaes centros da população das ilhas.

Alem da moeda portugueza correm as onças hespanholas, peruvianas, chilenas, bolivianas, columbianas, de Buenos Ayres, Equador, etc. por 14$600, meias onças e quartos.

Aguias=9$200 (dez patacas), meias aguias. Peças brazileiras 8$000 reis, e meias peças.

Libra sterlina 4$500 reis, meia libra e shiling.

Macutas 50 reis.

Officialmente foi ha pouco adoptado o systema metrico decimal mas habitualmente empregam o frasco, o alqueire e a vara.

Grupo de Sotavento

S. Thiago—E' n'esta ilha que fica a cidade da Praia, capital da provincia e residencia do governador.

Os dous melhores portos da ilha são o da praia, defronte da cidade e o da bahia do Tarrafal.

O movimento d'estes portos é relativamente pequeno, pois que quasi se reduz aos vapores da carreira e navegação costeira.

O centro da ilha é formado por uma cadeia de montanhas basalticas que no pico de Antonia attinge 2.000 metros d'altitude.

Junto da costa o terreno deprime-se formando bastantes pantanos insalubres.

A população da ilha eleva-se a 45.488 almas e vive quasi exclusivamente da agricultura.

Pela producção do solo é esta a ilha mais rica do archipelago.

Ao sul da ilha fica a Ponta Temorosa sobre a qual assenta o pharol e lazareto.

A pouca distancia fica a ilhota de Santa Maria onde existe um deposito de carvão de pedra.

A cidade fica cercada de terrenos pantanosos origem da sua afamada insalubridade.

Hoje estes pantanos estão esgotados; com taes obras melhorou o estado sanitario da cidade a ponto de a tornar perfeitamente habitavel pelo europeu que alli se reproduz hoje em condições normaes. Em todo o caso, aconselham os medicos, como medida de prudencia, passar fóra da cidade desde meados d'agosto a meados de novembro podendo para isso aproveitar-se alguns pontos interiores da ilha que são bastante salubres.

A cidade destaca alegremente ao lado de plantações de palmeiras, coqueiros, tamarindos e acacias.

Na praia fica a repartição maritima, as officinas d'obras publicas, um bello edificio para alfandega e ponte d'atraque com guindaste de ferro.

As ruas são direitas, espaçosas, arborisadas e flanqueadas por edificios regulares, alguns dos quaes

bastante elegantes; de noite são illuminadas a petroleo.

No largo da Igreja erguem-se os palacios do governador e do governo, a junta de fazenda e a imprensa nacional.

Na praça Albuquerque vêem-se os paços do concelho onde tambem funcciona a administração e recebedoria do concelho, cartorios judiciaes, repartição de fazenda e correio.

No largo Chaparet ha o deposito d'aguas Monte Agarro.

No planalto da cidade existe o mercado tendo ao centro um chafariz.

Na praça Pinheiro Chagas (vulgo Bateria) fica a repartição das obras publicas, thesouraria, quartel de policia civil e militar e o telegrapho submarino.

Tambem possue uma boa pharmacia que fornece as ambulancias de todas as outras ilhas e um bom hospital onde se tratam gratuitamente os pobres, com enfermaria e quartos particulares para contribuintes.

O segundo concelho da ilha denominado de Santa Catharina tem a sua séde no porto do Tarrafal ao N. da ilha.

Projecta-se n'este ponto um novo deposito de carvão que póde adquirir importancia para as linhas de navegação do sul da Africa.

Este ponto tem agua em abundancia e é bastante salubre.

Ilha do Fogo — É a mais interessante do archipelago pelo accidentado dos seus terrenos cheios de grutas e quebradas immensamente pittorescas.

Ao sul ergue-se o vulcão adormecido, mas não extincto, de 3.200 metros d'altitude [1] onde a neve não é desconhecida. O centro da ilha é formado por uma serrania de 3.000 metros d'altitude em cujos montes se encontram aguas thermaes sulfurosas.

N'estes terrenos onde a vegetação é exuberante não são raros os nevoeiros que a esta parte da ilha dão uma frescura notavel.

Apesar porém da abundancia das suas torrentes nas abas do vulcão e da serra, ellas somem-se nas quebradas e poucas chegam ás planicies do littoral que são faltas d'agua: aqui os gados passam torturas de sede chegando em alguns pontos a beber só de tres em tres dias.

A população d'esta ilha que se eleva a 16.000 habitantes é quasi toda mestiça; vive da agricultura e exporta muito café.

A sua povoação principal é a villa de S. Filippe.

Ilha Brava — Tem um bom porto denominado da Furna.

O terreno é todo accidentado e d'uma altitude bastante elevada.

[1] Vid. a interessante noticia de Felix Capello sobre o vulcão da ilha do Fogo — Boletins de Cabo Verde, 1856.

A população que se eleva a 9.013 almas é mais densa e activa que a das outras ilhas e na grande maioria de côr branca.

Dedica-se muito á agricultura em pequenas propriedades; tem uma importante fonte de receita nos mancebos que se repatriam depois de estarem durante algum tempo contratados na America do Norte; fabrica chapeus de palha tão perfeitos que rivalisam com os do Chili sendo pena que esta industria se não ache desenvolvida em larga escala.

Exporta bordados e trabalhos de palma, purgueira e café.

A sua povoação principal denominada S. João Baptista fica a 600 metros d'altitude; é saluberrima e já hoje está sendo bastante procurada para mudança d'ares.

Os gastos feitos por esta affluencia de forasteiros constitue tambem uma fonte de receita apreciavel que augmenta o bem estar dos habitantes.

A quatro kilometros da villa e ligada por uma boa estrada ha a fonte alcalina gazosa denominada do Vinagre que os habitantes utilisam para consumo diario.

A exportação d'esta agua convenientemente engarrafada poderia ser altamente lucrativa; pois a sua utilidade está largamente reconhecida nos paizes quentes.

Ilha de Maio — É plana e insalubre: conta 1.833 habitantes que se dedicam á fabricação do sal e creação de gado.

O seu melhor porto é o denominado Inglez.

Ilha de Santa Luzia — E' apenas habitada por duas familias de pastores, serviçaes do proprietario.

Tem um bom porto muita agua e excelentes pastagens.

Grupo de Barlavento

Ilha de S. Vicente — Se não é a maior, é a ilha principal d'este grupo do archipelago pela importancia que lhe dá a sua posição e pelo seu amplo e explendido porto.

A cidade do Mindello, séde da capitania dos portos da provincia, é a unica povoação da ilha e encerra a quasi totalidade dos habitantes que se elevam a 7.500.

Além da cidade ha, é verdade, alguns agrupamentos de casas disseminadas na ilha mas sem importancia alguma.

A cidade, de recente formação, é aceiada, tem observatorio meteorologico, bastantes lojas bem sortidas, hotel, agua canalisada em abundancia, bons caes d'embarque, telegrapho submarino para a Europa, Africa e America.

É n'este porto que está a mais importante receita da ilha e da provincia; pois que n'elle tocam annualmente cerca de 1.600 vapores para se abastecer de carvão e refrescos.

S. Vicente tem como rival o archipelago das Canarias que pelos seus melhoramentos materiaes lhe está desviando a navegação n'uma progressão crescente [1].

O terreno da ilha é mau, a vegetação rachitica. Nas poucas propriedades que conta cultiva-se milho, feijão, banana e purgueira. Tambem possue bastante gado e produz expontaneamente algum algodão e ursella.

Santo Antão — E' séde de comarca, saluberrima, tem um bom porto denominado dos Carvoeiros onde fica a villa da Ribeira Grande.

Os vapores transpõem a distancia que vae d'esta ilha á de S. Vicente em $^3/_4$ de hora.

O terreno em Santo Antão é muito fertil.

A população eleva-se a 1:8000 almas e vive da agricultura com cujos productos abastece imperfeitamente S. Vicente.

[1] Ha nas Canarias dous depositos de carvão, um em Santa Cruz de Tenerife e outro em Las Palmas. É este ultimo que faz mais concorrencia a S. Vicente pelos muitos melhoramentos do porto que é hoje segurissimo, pela facilidade das cargas e descargas e pela abundadcia de viveres.

A industria agricola está atrazada, não só pela indolencia dos habitantes, mas pela falta de estradas, o que torna os transportes muito dispendiosos.

Esta ilha, a mais aconselhada para sanitario, tambem possue aguas alcalinas e sulfurosas; mas não estão exploradas.

Acha-se hoje aclimada a quina em Santo Antão, mas, apezar de vingar maravilhosamente, tem esta cultura tomado muito pouco incremento.

S. Nicolau — Ilha de 8.805 habitantes, tem um bom porto, é a séde do bispado e lyceu.

De todo o archipelago é a melhor cultivada; a propriedade está bastante dividida.

Exporta pelles de marroquim preparadas com a planta a que os naturaes chamam tortaolho.

Boa Vista — Foi outr'ora a capital da provincia.

Conta 3.086 habitantes tem um bom porto denominado Sal Rei, e no centro uma cadeia de montanhas.

O seu terreno é fertil e o clima muito salubre.

Exporta gado, queijos, sal, louça de barro e cal.

Sal — E' uma ilha quasi deserta; conta apenas 990 habitantes que vivem quasi exclusivamente do fabríco do sal.

O terreno é um pouco accidentado e presta-se principalmente á creação de cabras.

A maior parte do sal produzido provem d'um olho de agua salgada que rebenta no interior da ilha.

Basta deixar esta agua permanecer nas maretas 20 a 25 dias para estar reduzida a sal, produzindo enormes quantidades que são transportadas em carros assentes sobre carris e movidos á vella como os barcos, até ao porto: — tão constante é a regularidade dos ventos.

E' muito consideravel a edificação urbana da principal povoação da ilha do Sal e grandes os valores que alli se acham empregados em pontes, caes, vias ferreas e material circulante, etc.

Infelizmente parte d'isto tem estado, póde dizer-se, inutilisado em consequencia do Brazil, que era o seu principal mercado, ter imposto direitos prohibitivos á importação do sal.

Bastaria pouco dispendio para a arte melhorar muito esta fonte de producção quasi gratuita.

GUINÊ

(Este artigo foi completamente refundido segundo o notabilissimo relatorio official do ex.mo snr. Joaquim da Graça Correia Lança, governador da Guiné, relativo a 1890 e revisto pelo ex.mo snr. Augusto F. Figueiredo de Barros).

Esta provincia, creada em 1879, fica na costa occidental da Africa entre os parallelos 12°,20″ e 11° de Lat. N. e 17°,38′ e 13″ long. O. de Lisboa, desde o cabo Roxo ao N. de Cacheu até ao rio Cacine e desde o archipelago dos Bijagós até ao alto de Geba.

Os seus portos de Bissau e Bolama estão commercialmente ligados com Cabo Verde por vapores mensaes que, partindo do archipelago no dia 18, ahi regressam a 26.

O caminho directo a Lisboa duraria 6 dias.

Esta colonia, encravada na possessão franceza da Senegambia, mede a superficie aproximada de 42.000 kilometros quadrados incluindo as ilhas junto da costa.

Divide-se naturalmente em duas partes, a continental e a insular, de certo modo confundidas na sua divisoria pela infinidade de canaes em que se dividem os rios, que separam numerosos tractos de terra

*

do corpo do continente, já d'um modo permanente, já durante um periodo do anno apenas.

Os rios principaes são Cacheu, Geba, Rio Grande e Cassine.

O Rio Grande cuja foz se attinge navegando atravez do Canal das Arcas, tem sobre todos os rios da Senegambia a vantagem do fundo que permitte a navegação de embarcações de alto bordo até Ponta Regina, emquanto os outros as não recebem senão de callado reduzido e muitos, como o Geba, etc., offerecem perigos, já pelas ilhas e baixios d'areia movel, já pelos desniveis violentos (macharés) e impetuosidade das correntes nos mezes das chuvas.

Os terrenos são baixos, formados pelas aluviões dos rios, abundantes em pantanos d'agua doce, salgada e mixtos.

A parte continental, incluindo as ilhas mais proximas da costa, está dividida em concelhos ou antes commandos militares; — Bissau, Cacheu, Geba, Farim, Zeguichor e Bolola, nos quaes só occupamos as capitaes.

A parte insular composta dos archipelagos dos Bijagós e dos Ilhetas não está occupada.

O clima continental é insaluberrimo e só a custo de muitas cautelas na escolha dos logares de habitação e de muitos serviços de saneamento se poderá conseguir alguma cousa.

Nas colonias proximas, os francezes não conseguem fazer vingar um unico filho; as suas estatisticas dão nos europeus 391 mortes por 100 nascimentos.

Até os proprios indigenas soffrem do figado, do baço e accusam um excesso de 124 mortes por 100 nascimentos.

No emtanto ha, a oeste, pontos que se podem classificar de relativamente salubres no Rio Grande, Buba, Bolama, Bambaya, Colonia, parte sul da ilha de Bissáo e sobre tudo nos archipelagos dos Bijagós e Ilhetas cuja salubridade é incomparavelmente superior.

Os nossos negociantes da Guiné teem conseguido affrontar bem o clima indo passar as epochas das chuvas para Cabo Verde ou Lisboa onde muitos deixam permanentemente as familias.

As chuvas começam em maio e attingem a sua maior intensidade em agosto e setembro.

N'estes ultimos dous mezes os rios chegam a elevar-se 10 metros e mais alagando todo o paiz e não permittindo às communicações senão em barcos.

A temperatura média nos mezes das chuvas sobe acima de 28°.

Nos quatro mezes restantes a humidade do solo desapparece quasi até á ultima gota, evaporada por um sol ardente que nem uma nuvem modera; os vegetaes tomam uma côr amarellada; a temperatura média desce a 20° centigrados. Tal é o inverno ou a estação secca da Guiné.

Ethnographicamente é interessantissima esta região porque se acha habitada por uma infinidade de

povos, com typos e habitos differentes [1], misturados em virtude do recalcamento produzido pela expansão da raça fula que desde as nascentes do Koura e Senegal se tem alastrado até ao lago Tchad e á nossa Guiné, como uma onda invasora, subjugando e escravisando os povos que lhe acceitam a religião do Islam e guerreando implacavelmente os que se manteem no fetichismo e lhes embargam o passo.

O R. Grande é aproximadamente o ponto da nossa provincia onde a lucta se fere mais renhida, todas as suas margens estão infestadas pelos destemidos guerrilheiros beafadas ou mandingas que palmo a palmo defendem o seu territorio fazendo por todos os meios uma guerra d'exterminio á raça fula.

Atraz d'estas raças ha outras de menos importancia como são os felupes, baiotas, banhumes, cassanges, brames, balantas, papeis, grumetes, [2] mangajos, bijagós, nalus, formando no total uma população aproximada de 820:000 almas.

O preto fula, de raça caucasica, nariz aquilinio e cabello liso, é incontestavelmente o mais intelligente

[1] Vide noticia sobre as raças da Guiné, por Bocandé, o qual distingue 11 typos de indigenas.

[2] O grumete não é uma raça de origem caracteristica: é o producto da influencia portugueza nos diversos pontos occupados: é o intermediario da civilisação europeia, e habita geralmente nos suburbios das nossas praças e presidios. Vide «Recordações da Guiné, de A. F. F. Barros — Boletins de Cabo Verde, n.os 11 e seguintes, de 1886.

e a raça dominadora; entrega-se exclusivamente á guerra.

Os fulas forros (mestiços) e pretos, são de cathegoria successivamente inferior, considerados escravos, e já se dedicam á cultura do arroz e milho miudo.

Do lado dos aborigenes os biafadas também se entregam só á guerra.

Os mandingas podem considerar-se como os mais adiantados em civilisação, pois não só tem mais industria e producção agricola, mas fazem uma melhor idea da justiça e já apreciam as aptidões artisticas e intelectuaes.

As tribus restantes de balantas, felupes, manjacos, etc. prestam-se ao trabalho sem brilho, é verdade; mas, embora pachorrentamente, não deixam de se engajar para o trabalho durante a epocha da cultura, sendo raro que abandonem o campo antes da colheita.

A raça bijagós, pela sua rusticidade e proporções athleticas, é talvez destinada a um importante papel, se nós, auxiliados pelo christianismo, quizermos suspender a marcha do islamismo egoista e cruel, inimigo tradiccional da nossa raça e da civilisação que devemos introduzir nas terras africanas.

No littoral os terrenos, d'uma feracidade perfeitamente excepcional, acham-se cobertos de densas florestas aonde abunda a borracha, a dende (elais guinensis) e outras arvores, taes como: a calabaceira

(adansonia digitata) o mampatache salanca, mabode, poilão, caboupa macho, goiaba brava, pão, carvão, mogno — vulgo «bycelon» — canafistra, macête, pau cadeira, cibe, ou coqueiro preto de que se faz excellente e duradoura estacaria para pontes, caes, etc.; permittindo que só em fructos expontaneos e excellentes madeiras se carreguem annualmente quasi sem dispendio e sem esforço de cultura muitas dezenas de navios.

A mancarra (amendoim) dá por cada litro de semente decalitros 10,9 de colheita; o milho e o arroz produzem por forma correspondente.

A borracha é abundantissima e a laranja excellente, vegetá expontaneamente nas ilhas.

O gado vaccum sobre tudo na margem esquerda do rio Gêba e n'algumas ilhas, é em quantidade bastante para constituir a unidade de pagamentos dos tributos.

Os archipelagos dos bijagós e dos Ilhetas constituem a parte mais rica da provincia, embora seja a menos conhecida.

Ao cruzar por entre os numerosos esteiros e canaes que dividem entre si as cincoenta e tantas ilhas e ilheos que compõem estes archipelagos, depara-se o mais surprehendente espectaculo.

Não se vê terra. E' da superficie das aguas que emergem immensas florestas de palmeiras que por si só constituem fabulosa riqueza.

E tudo isto está virgem d'exploração!

Nas ilhas não ha agricultura, o que a terra produz por si chega de sobra para a população que, não

tendo necessidades, não tem incentivo para valorisar o que possue.

A polvora, o tabaco, os pannos e a aguardente são adquiridas a troco de azeite ou vinho de palma, laranjas, ovos ou gallinhas.

Os terrenos dos archipelagos são todos d'aluvião, predominando a composição silico argilosa.

A ilha das Gallinhas sobre todas, presta-se admiravelmente a uma exploração immediatamente lucrativa.

A sua extensão é de 11 milhas de comprido sobre 6 de largo.

Não tem pantanos, é abundante de magnifica agua, e muito salubre. [1]

Como todas as outras está vestida d'uma densa matta de palmeiras (dendé) que produzem o coconate, abunda n'ella a laranjeira e a borracha que os pretos cortam para cultivar arroz, tem muito mel e cêra, gado vaccum e suino que se alimenta de magnificas pastagens.

Tem tres portos cujo fundo é superior a 7 braças.

Só alli faltam braços que queiram trabalhar e cabeças que saibam dirigir.

A população que se eleva 1600 almas é pacifica, diz-se christã, acolhe bem o negociante estranho e, com geito, não seria difficil leval-a a um trabalho regular.

[1] Em muitas fontes da Guiné se encontra pronunciado gosto de agua ferrea. Essa qualidade sobresae em uma fonte da ilha das Gallinhas.

No mesmo caso está a ilha de Canhaback ou Roxa que tem 7400 almas e passa por ser das mais salubres.

Egual abundancia e facilidades se encontram nas restantes ilhas dos bijagós e nos ilhetas que, no dizer d'um negociante, poderiam com os seus actuaes productos, sem despeza de cultura, carregar por anno cêrca de 30 navios d'alto bordo.

No interior a Forrea é mais accidentada, offerece fracos recursos naturaes e tem largos tractos de terrenos improductivos ou pelo menos, susceptiveis de mesquinha producção; mas nas margens do Rio Grande, Gêba, Cacheu até Farim e nos archipelagos, seria facil abrir grandes propriedades agricolas com resultado certo e altamente remunerador.

O R. Grande já provou bem a sua fertilidade no periodo de florescencia agricola da provincia.

De toda a Senegambia, a parte que constitue a Guiné portugueza é a mais fertil e a que melhores condições possue para um largo desenvolvimento agricola.

O regimen do trabalho agricola é muito original; o rendeiro ou proprietario da terra engaja homens para trabalhar, adianta-lhe sementes, alimentos, pannos e mais despezas de cultura, sem mais encargos para o cultivador do que pagar-lhe os adiantamentos e vender-lhe o excedente dos productos da terra.[1]

[1] Vide *Recordações da Guiné*, boletins já citados, de 1886.

O rendeiro ou proprietario, sempre negociante, vende assim magnifica e seguramente os seus artigos.

Em troca o cultivador paga as sementes abonadas pelo dobro e, depois de satisfazer todos os adiantamentos, tem de vender ao proprietario o excedente, já minguadissimo, da colheita, pelo preço do mercado.

Se o gentio tenta sonegar alguma porção de mancarra para vender a outrem, perde-a completamente em beneficio do negociante com que tinha feito o contrato.

O resultado d'este negocio é invariavelmente lesivo para o preto, o que tem concorrido para que os manjacos que geralmente o faziam, se não abalancem já a elles com receio de trabalhar de graça.

A esta falta de protecção de que gosava o preto em face do branco, acrescia que as tribus em guerra atacavam e destruiam as plantações quando chegadas á maturidade, obrigando assim a fugir os cultivadores, atacando as feitorias, fazendo emigrar tambem os negociantes por falta de segurança.

No emtanto a remuneração é tão seductora que hoje novas tentativas em larga escala se fazem, não só para as culturas indigenas, mas para exploração da canna sacharina.

O commercio da Guiné portugueza está hoje quasi annullado pela competencia dos francezes que, dominando os povos do Senegal, Gambia, Casamanza, Nuno e Pongo e fazendo em Futa Djalon um

reducto commercial, têm de tal forma absorvido todo o trafico que, com elles, nem os visinhos inglezes da Serra Leoa conseguem luctar.[1]

Com tudo o Rio Grande tem sobre as arterias commerciaes visinhas a grande vantagem de permittir a navegação d'alto bordo e é ella de tal importancia que ainda em 1879 mantinha 79 feitorias prosperas e ricas d'onde partia o *mot d'ordre* do negocio para todas as regiões visinhas.

A maioria d'estes negociantes emigrou; mas muitos ainda lá conservam os seus *comptoirs* e feitorias e não deixarão de voltar, desde que tenham a segurança garantida e a facilidade de importar em condições de competir com os productos das colonias visinhas.

Os pontos commerciaes mais importantes que nos restam são Farim, Gêba e Bissau.

Os generos que alli affluem são borracha, cera, marfim e couros em troca de polvora, tabaco, pannos, alcool e armas.

Bissau terá umas 80 moradas, algumas de ferro ou tijolo, apertadas n'uma muralha de 3^m d'altura, contornada por um fosso que serve de despejo e de augmentar as já pessimas condições de salubridade da villa.

Com tudo, é este o principal centro commercial da Guiné portugueza e abriga uma importante colonia, tanto nacional como estrangeira.

[1] Vide *Recordações da Guiné,* boletins já citados, de 1886.

Em Cacheu o negocio principal é a borracha.

Em Bolama é a mancarra que constitue o primeiro artigo de exportação.

Buha pouco commercia.

Na Guiné circula toda a especie de moeda: — portugueza, franceza, ingleza, mexicana, dos Estados-Unidos, Norte-americanos, do Brazil e mais estados sul-americanos.

A importação de pezos mexicanos é enorme; por correrem alli com o preço de 920 reis quando nos outros paizes se compra de 600 a 770 reis.

O franco circula por 172 reis.

A industria indigena, que não ha outra, é rudimentar. Tecem pannos de 2 decimetros de largo, chamados bandas, fabricam potes de barro, cestos, esteiras, zagaias, espadas, manilhas de cobre e ouro.

As artes e officios são exercidas por pessoal vindo da Serra Leoa, Cabo Verde ou Goréa.

PROVINCIA DE S. THOMÉ E PRINCIPE

(Revisto e correcto pelo ex.mo sr. dr. Matheus Augusto Ribeiro de Sampaio, medico reformado do quadro de saude e ex-proprietario em S Thomé).

Esta possessão compõe-se dos nossos dominios no golfo de Guiné e é constituida 1.º pela ilha de S. Thomé no golfo de Mafras sita a 0°,25′ lat. N., 15°,58′ long. E. de Lisboa.

2.º da ilha do Principe a 1,°38′ lat. N. e 16.°,38 long. E. de Lisboa.

3.º S. João Baptista d'Ajudá a 6°,19′ lat. N. e 11,°18 long. E. de Lisboa.

A ilha de S. Thomé dista 135 kilom. da ilha do Principe, 200 kilometros da costa e 7.315 de Lisboa.

Os vapores da carreira bimensal gastam 18 dias de Lisboa.

O contorno de S. Thomé é bastante irregular; offerece muitas calhetas de facil accesso para pequenas embarcações; mas só tem dous ancoradouros na costa oriental para navios d'alto bordo: a bahia de Anna Chaves onde fica a cidade de S. Thomé capital da provincia e a Angra de S. João ao sul da ilha.

A sua superficie é de 926 kilometros quadrados, eriçada de montanhas escarpadas terminando em agu-

lhas: as principaes são o Pico de S. Thomé 2.136^{m} e o Pico Anna Chaves.

A maxima parte dos terrenos da ilha teem uma altitude superior a 300 metros.

São abundantissimas as ribeiras denominando-se as principaes: Jó Grande, Agua Abbade, Manuel Jorge, Rio do Ouro, etc.

O terreno é basaltico de differentes variedades, associado, de dolerites, trachytes, tuffos wackes e argilas mais ou menos ferruginosas.

Os dias são eguaes ás noutes. O anno póde em S. Thomé dividir-se em duas estações uma secca chamada *gravana* que vae de maio a setembro ou outubro e outra chuvosa que vae d'outubro a maio. Em janeiro e fevereiro chove menos do que nos outros mezes e por isso os indigenas chamam a este periodo — *epocha do gravanito.*

Nos proprios mezes em que as chuvas faltam a seccura da ilha é apenas relativa; porque então os picos conservam-se quasi sempre occultos em humido e denso nevoeiro, fonte perene de abundantes nascentes.

A temperatura conserva-se quasi constante oscilando a media na zona baixa entre 26^{oc} e 28^{oc}; a 800 metros d'altitude desce a 24^{o} e no pico de S. ainda baixa 8^{oc}.

O clima pois varia muito com as altitudes que divide os terrenos da ilha em tres zonas, baixa, mé-

dia e alta. A zona baixa é doentia, sobre tudo nos mezes chuvosos, nos logares abrigados e pantanosos; nas outras zonas porem encontram-se pontos de salubridade notavel.

A melhor epocha para a chegada dos emigrantes é nos mezes de junho e julho.

A população eleva-se a cêrca de 30.000 almas constituida por indigenas e trabalhadores importados.

Os naturaes são extremamente indolentes, vivem dos fructos expontaneos que a ilha offerece em abundancia e de peixe que facilmente obteem com pouco trabalho: fabricam ou antes extraem o succo da palmeira que lhe fornece o vinho e o vinagre e tiram do fructo o azeite. Eis tudo o que dão; até hoje tem sido completamente impossivel obter d'elles o minimo trabalho.

A população europea está crescendo n'uma média de 50 individuos por anno; a sua alimentação é tão cara como barata a do indigena pois que, com modesta meza não pode cada individuo dispender menos de 1$000 reis por dia.

Na costa o peixe é abundantissimo.

Na ilha abundam os burros bois para lança.

Ha algum gado cavallar, asinino, outros animaes domesticos, alem de muita caça inoffensiva.

A vegetação é uma verdadeira maravilha em S.

Thomé: a sua profuzão e robustez póde quasi dizer-se que não tem rival no mundo.

Toda a superficie da ilha jaz coberta por um denso manto de soberbas florestas.

De todos os lados brotam fontes de magnificas aguas.

Na vegetação predominam as especies arboreas do continente visinho.

Como o clima, a vegetação divide-se distinctamente nas mesmas tres zonas.

Na zona baixa as especies são variadas e coroam-se de copada e abundante folhagem. A corda d'agua, a banana, a ginguba, a mandioca, a batata doce, inhame etc. ahi crescem expontaneamente e cultivados.

A baunilha aromatica sóbe até 240 metros, a manga e o côco até 300 metros, o dendé a 570 metros, a arvore do pão e o café a 825 metros, e a chinchona até 1800 metros.

Nas florestas incultas ha borracha e um grande numero de preciosissimas madeiras que poderiam por si só ser origem de grande riqueza, mormente aproveitando para a serração os motores hydraulicos que abundam por toda a parte.

A laranja, o limoeiro, o ananaz, o albacete, a canna sacharina, o milho, o feijão e numerosas plantas europeas vegetam em muitos pontos das zonas média e alta.

Tudo cresce sem rega e as producções são fabulosas.

Na zona alta, que se eleva acima de 800 metros,

o arvoredo que corôa os montes é tão uniformemente esguio e alto, mesmo quando isolado, que chega a parecer monotono apesar da elegancia da forma e da corpulencia d'alguns exemplares.

O estado já não possue terrenos na ilha de S. Thomé, apenas conserva alguns na ilha do Principe; porque ainda não foram medidos e postos em praça.

A parte em cultura não excede $^{1}/_{4}$ da sua superficie total e está limitada quanto a café e cacau á zona média e baixa, sobre tudo do lado oriental da ilha.

Apezar de todos os embaraços que o agricultor encontra os arroteamentos alargam-se, as plantações multiplicam-se a olhos vistos e o preço da terra cresce assombrosamente.

A roça do Monte Café, primeiro vendida por alguns centos de mil reis, foi depois adquirida pelo actual possuidor por 75 contos e gastou n'ella 45 contos. O rendimento actual d'esta propriedade calcula-se n'uma média de 100:000$000 reis annuaes.

A roça dos Angulares adquirida ha pouco mais de dez annos por 900$000 reis acaba de ser avaliada, n'uma liquidação, em cerca de 400 contos.

A roça de Agua Izé foi comprada pelo primeiro barão d'este titulo por 4.500$000 reis. Esta propriedade adquirida, por execução, pelo Banco Ultramarino está-lhe hoje por bom preço; mas dentro de tres annos deve produzir 50.000 arrobas de café e cacau.

Avaliando no preço médio de 4$000 reis a arroba, dará o rendimento bruto de 200:000$000.

Se orçarmos a despeza em 60:000$000 dará uma receita liquida de 140:000$000, que cobrirá larguissimamente todas as despezas feitas.

E apesar d'estes preços quasi inacreditaveis, calculos dignos de todo o credito, avaliam que os capitaes entregues á cultura devem no fim de 12 annos dar um rendimento annual superior aos mesmos capitaes.

Já hoje ha algumas dezenas de fazendas entre as quaes se apontam roças notaveis como são Monte Café, Agua Izé, Rio do Ouro, S. Nicolau, Nova Moka, Saudade e outras.

Em muitas veem-se rodas hydraulicas para fazer a descasca do café ou a moagem da canna.

Na Bemposta, dependencia do Monte Café, existe uma machina a vapor e não são raras as caldeiras para a destilação da garapa.

Nota-se com prazer que sendo toda portugueza a emigração europea para esta ilha, tem ella augmentado mais de quinze vezes o seu rendimento collectavel nos ultimos trinta annos, emquanto as melhores das nossas restantes colonias tem apenas triplicado a sua producção [1].

Comparando a producção de S. Thomé com a de Angola acha-se que aquella proporcionalmente á su-

[1] Deve exceptuar-se Lourenço Marques que nos ultimos cinco annos augmentou dez vezes.

perficie (segundo os antigos limites) é 250 vezes superior.

Em 1887 exportou só para Lisboa 878 contos, sem fallar no que mandou para o estrangeiro, que foi pouco.

Em cacau e café a sua producção deve exceder hoje 4.500.000 kilg. para exportação.

A cultura da quina tem tomado um incremento notavel, mas a exportação por agora ainda é pequena; porque o preço da casca baixou de 2$500 a 300 reis o kilo e os proprietarios deixam-n'a ficar na arvore, onde augmenta constantemente de valor, á espera de melhor preço.

A salubridade e doçura dos climas das alturas aponta esta ilha, apesar da sua humidade, para uma estação ou reducto de salubridade onde os europeus se refugiem das emanações pestilenciaes e insaluberrimas do continente fronteiro.

A sua excepcional fertilidade e a facilidade de fazer viver segundo as differentes altitudes as plantas e animaes dos climas mais variados, deixam antever como em S. Thomé se poderia fazer um estabelecimento de aclimação que forneceria egualmente a Africa e a Europa.

Ao contrario de todas as outras colonias o commercio de S. Thomé tem em Lisboa, póde diser-se, a quasi totalidade do seu trafico.

Os braços para a agricultura faltam, tendo os proprietarios de os mandar engajar quer em Angola, d'onde vem o maior numero, quer na costa da Mina.

Os contratos fazem-se por 5 annos, sempre em novembro.

O numero de trabalhadores que annualmente são importados eleva-se a cerca de 1000.

A maior parte prefere ficar, recontratando-se successivamente; facto este honrosissimo para os roceiros de S. Thomé.

A cidade de S. Thomé é uma pequena povoação de 2.000 habitantes apenas, que em forma de crescente contorna a bahia de Anna Chaves, assentando n'um terreno baixo e pantanoso, sopé das montanhas que em amphiteatro a apertam de encontro ao mar.

A cidade é atravessada pelo rio Agua Grande sobre o qual se acham lançadas duas mal construidas pontes.

Emquanto a salubridade podemos classificar de pessima esta povoação onde pouco ou nada se tem feito para a melhorar; quando ella o merecia bem e pagaria em vidas e receitas, avantajados lucros dos mil contos que seriam necessarios para a tornar habitavel.

Na cidade só residem os empregados publicos, militares e negociantes que pela natureza das suas occupações se não podem ausentar.

PROVINCIA DE ANGOLA

(Revisto pelo Ex.mo e Rev.mo sr. D. Antonio Barroso, dignissimo Bispo d'Himerica, prelado de Moçambique e pelo Ex.mo sr. Antonio de Castilho.)

Fica na costa occidental da Africa e estende-se no littoral desde o Zaire ao Cunene; ao norte confina com o Estado Livre do Congo até ao Lubilagi, desce depois confinando com o Baroze, que está hoje no dominio dos inglezes, e ao sul vai da foz do Cabompo, no Zambeze, até ao Cunene, tendo por visinhos os allemães. No interior não está ainda bem fixada a delimitação definitiva, podendo ainda dar origem a variações importantissimas na superficie d'esta provincia; no emtanto a sua extensão poderá grosseiramente ser avaliada em quinze vezes a de Portugal.

Por muito tempo viveu esta provincia sem visinhos europeus, o que lhe imprimiu habitos de descuido pela falta d'estimulos e de concorrencia. Abriram-se mercados e fundaram-se povoações, por mero capricho da sorte, em logares completamente reprovados pela razão e pela sciencia, em que ninguem cuidava, e descuraram-se as mais importantes medidas de administração e provas de dominio.

A Europa, porém, fixou as suas vistas na Africa

e apertou-nos em limites relativamente acanhados, cercando-nos de visinhos poderosos, activos, d'uma cubiça insaciavel, obrigando-nos, por isso, a não perder um momento, e a empregar o maximo esforço para evitar de futuro que ainda sejam consideravelmente reduzidos os acanhados limites que os ultimos tratados nos deixaram.

Ha em Angola quatro districtos: Congo, Loanda, Benguella e Mossamedes, com trinta e tres concelhos; sem incluir os extensos territorios que vão do Muataianvua, ao sul dos Amboellas, onde apenas temos protectorado e influencia.

Judicialmente está dividida em cinco comarcas, com as sédes no Congo, em Loanda, Ambaca, Benguella e Mossamedes.

Os povos que habitam Angola fallam uma infinidade de dialectos, quasi todos pertencentes ás linguas abunda e conguense.

No littoral, predominam os costumes europeus, que pouco a pouco se vão para o interior substituindo pelos gentilicos.

O prestigio portuguez no interior baseia-se na tradição, no conhecimento que todos os povos gentilicos da Africa Meridional, mesmo além das nossas possessões, têm da lingua portugueza e da sympathia que os nossos lhes sabem inspirar.

A dedicação do africano pelo branco (portuguez) chega por vezes a ponto de praticar actos de carinho e abnegação que não seriam capazes de fazer pelos proprios paes.

A estas vantagens sobre os concorrentes estran-

geiros visinhos, temos ainda a de resistir melhor ao clima, a de propagar com relativa facilidade e a de crear uma raça mestiça assimilavel.

Infelizmente, temos por indolencia annullado todas estas vantagens, ao passo que os povos norte-europeus que nos cercam, á força de preseverança e de vontade, têm conseguido não só vencer mil difficuldades; mas muitas vezes voltar contra nós as proprias armas.

Diremos comtudo que nos ultimos annos esta provincia tem visto triplicar o seu rendimento, e que devemos esperar para ella um proximo e muito risonho futuro, se continuarmos a aproveitar e melhorar as immensas e variadas fontes de riqueza que aqui possuimos.

N'esta provincia corre a moeda portugueza e ingleza.

I

DISTRICTO DO CONGO

(Revisto pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Antonio Barroso, bispo de Himerica e prelado de Moçambique.)

Este districto fica ao norte da provincia e é formado de duas partes separadas por uma faxa de terreno d'algumas milhas, que da margem direita do

Zaire se alarga até á Ponta Vermelha, constituindo no seu conjuncto a região que ao norte de Ambriz ficou na conferencia de Berlim classificada como bacia do livre commercio do Zaire.

O territorio que nos ficou ao norte do Zaire, encravado no Estado Livre do Congo, divide-se em tres concelhos imperfeitos, ou residencias de auctoridades militares: Massabi ou Làndana, Molembo e Cabinda.

Ao sul do Zaire ha outros tres concelhos da mesma cathegoria em Santo Antonio do Zaire, Ambrizete e S. Salvador do Congo.

Os terrenos que nos restam ao norte do Zaire teem uma pequena area e são ligeiramente accidentados, elevando-se da costa para o interior.

Ao sul do Zaire os terrenos, planos e pantanosos junto da margem, elevam-se gradualmente na direcção de S. E. até ás serras Conquanza, Bembe, Quibilla e outras, para depois descer um pouco no paiz de Muataianvua.

Os principaes portos são na parte norte Làndana e Cabinda; na margem esquerda do Zaire, Santo Antonio; e na costa, ao sul do rio, Ambrizete e Quissembo. E' notavel n'esta costa a falta de temporaes.

Os differentes portos do districto estão ligados entre si e com a metropole por carreiras regulares d'um pequeno vapor da companhia do Zaire e dos paquetes da Empreza Nacional.

O clima é quente; nos logares baixos a temperatura media excede 28°; mas nos pontos mais ventilados e nas altitudes do interior, o thermometro desce bastante.

As margens pantanosas dos rios, são bastante insalubres; ha porém pontos como Làndana e outros que são relativamente saudaveis.

Este districto não se presta á colonisação directa do europeu, sobre tudo pela enorme mortalidade das creanças. Aos europeus aqui residentes, ser-lhes-hia muito conveniente, se podessem, á imitação dos negociantes da Guiné, mudar a sua residencia para um sanitario nos mezes mais doentios (junho a dezembro) e quando atacados de febres palustres ou de cachexia.

No regimen de vida adoptado pelos povos do norte e nomeadamente pelos inglezes, encontrarão os portuguezes d'este districto muitas praticas que deverão seguir com vantagem para evitar ou attenuar sobre o seu organismo os effeitos da acção deprimente e toxica do clima.

Devemos ainda declarar que temos pessoalmente observado bastantes individuos que gosam bom estado de saude, depois de terem residido bastantes annos no Congo.

Os indigenas do districto, ao sul, pertencem á raça congo ou mussurongo, e ao norte á cabinda, que parece derivada da primeira.

A população é bastante densa, augmentando da foz do Zaire até Cabinda.

O indigena procura de preferencia para construcção das suas sanzalas as margens dos rios, d'onde incommoda o viajante e o negocio sempre que pode, declarando *chiqueiro* (o transito impedido) pelo mais futil pretexto. Felizmente a policia do rio tem

augmentado e a turbulencia do gentio tende a manifestar-se cada vez menos. Os povos Congos teem já um tal ou qual desenvolvimento; dedicam-se principalmente á agricultura e, os que vivem mais em contacto com o europeu, já adoptaram em grande parte os nossos habitos.

Entre os cabindas ha bastantes lavadeiros, cosinheiros, alfaiates, carpinteiros, pedreiros, tanoeiros, ferreiros, pescadores, etc.; muitos se alistam como marinheiros que se encontram por toda a parte, já na tripulação de navios de longo curso, já nas canoas empregadas no negocio do rio.

Não é raro vêr familias indigenas possuirem as suas casinhas feitas com uma perfeição relativa, onde já se pode entrar sem repugnancia e onde se encontra a bacia de lavar a cara, mezas, cadeiras, talheres, etc.

A civilisação relativa d'estes povos é devida á antiga e presistente acção dos nossos frades, que ainda hoje são excepcionalmente venerados.

A prolongada acção dos portuguezes n'esta região e a sua importancia, attesta-se não só pela grande quantidade de palavras introduzidas na lingua indigena, mas ainda pelo titulo de rei que usam os regulos, pelas ruinas e por mil outros factos que se encontram por toda a parte e que impressionam o viajante investigador e attento. Os terrenos são fertilissimos nas margens dos rios; não obstante isso, exceptuando as propriedades das missões, toda a cultura é feita exclusiva e livremente pelo preto.

Para o sul do Zaire os terrenos tornam-se aridos.

Os animaes domesticos que aqui se encontram são muares, burros, porcos e gallinhas.

As riquezas mineiras são valiosas; mas a sua exploração torna-se difficil em quasi todos os pontos pela enorme difficuldade e custo dos transportes.

Com segurança conhece-se a existencia de cobre riquissimo perto de Ambrizete e mais longe no Bembe mas é certo que ha minerio em muitos outros pontos.

A maior riqueza do districto é o rio Zaire como artéria commercial e ainda unica, de todo o interior da Africa occidental.

Este rio não é navegavel em toda a extensão. Os 300 kilometros innavegaveis que vão de Vivi a Stanley Pool, e ainda outros pontos, tem-os os belgas flanqueado por uma estrada que permitte o transporte das mercadorias com facilidade relativa, facilidade que buscam augmentar com a construcção d'um caminho de ferro.

Apezar de todas as difficuldades com que lucta e da situação altamente percaria das suas finanças, é o Estado Livre do Congo que constitue aqui o nosso maior inimigo absorvendo cada vez mais as correntes commerciaes do interior, em detrimento dos nossos mercados.

O Estado Livre tem a administração superior confiada a uma companhia commercial que explora, ainda mais que ás terras, os povos que domina.

Os excessos a que estão sendo levados pela ambição e as barbaridades que praticam cria o descontentamento dos indigenas e negociantes estabelecidos

nas suas terras, alguns dos quaes pensam em vir fixar a residencia no districto portuguez, cujo governo tem sido até aqui tão calumniado.

As feitorias commerciaes são numerosas ao longo do Zaire e seus affluentes, ficando quasi todas encostadas ás margens, nos pontos em que as canoas podem atracar.

Estas feitorias pertencem todas a quatro ou cinco poderosas emprezas commerciaes de origem franceza, ingleza e hollandeza; cada uma gira, em média, com mais de 1000 contos de capital e no conjunto monopolisam o commercio de toda esta região.

A lingua official de todos os povos que affluem a negociar n'este districto é a portugueza.

O Estado Livre tem tido de abrir aulas de portuguez, embora empregue todos os seus esforços por trocar a divulgação d'esta lingua pela franceza: o que já tem conseguido em parte, não só pela multiplicação das aulas de francez, mas por recommendações especiaes aos seus empregados e pelas arbitrariedades que tanto o mesmo estado como as missões protestantes se permittem.

A maior parte dos empregados das feitorias são portuguezes; mas, se os nossos patricios encontram aqui muitas vezes facil emprego, tambem se encontram fatalmente condemnados a logares subalternos e impossibilitados de prosperar além de certos limites.

Quando algum chefe de feitoria mais intelligente, activo ou arrojado busca emancipar-se da grande empreza de que depende, póde ter a certeza de que lhe retiram o credito e lhe montam ao pé uma nova

feitoria que invariavelmente vende mais baratos todos os productos, achando-se o mesmo em breve, não só completamente arruinado, mas desempregado; porque ninguem mais o acceita.

E' a exploração do pequeno pelo grande, é a situação invariavelmente subalterna e inferior dos nossos patricios que de direito são os donos da casa. Triste facto.

Leis previdentes e a união de todos os portuguezes, muito numerosos aqui, são medidas que se impõem como uma necessidade de primeira ordem para crear elementos commerciaes proprios, e evitar que os nossos, em casa, continuem a ser escravisados e explorados por estranhos.

As grandes casas do Zaire offerecem de dividendo aos seus accionistas de 15 a 18 °/₀. Se uma companhia portugueza se podesse montar com um capital de 2:000 contos, necessarios para poder competir, embora nos primeiros tempos tivesse de luctar com todos os obstaculos que as outras lhe creariam, é certo que com as vantagens que possuimos e com preserverança, acabaria por luctar em boas condições e por tirar interesses altamente convidativos.

Os generos exportados são coconate, ginguba, gergelim, azeite de palma, borracha, marfim, urzella e gomma copal, que lhe veem do interior, no valor de uns 3:100 contos.

A moeda corrente é a ingleza e um pouco a portugueza; mas circula quasi só entre os negociantes: para o preto é substituida pela *mucanda* (especie de letra ou ordem de pagamento em fazenda).

A exploração agricola offerece-se tanto mais promettedora que os lucros commerciaes tem consideravelmente diminuido pela concorrencia.

Os aforamentos de terras a mestiços ou negros por fórma que ao branco fique só o trabalho de dirigir culturas e valorisar os productos, á imitação do que nas margens do Dande tem feito o sr. Joaquim Martins da Cunha, parece ser a melhor fórma de valorisar a provincia e de crear, com magnificos lucros, a independencia dos nossos.

Cabinda—E' a capital do districto, e a residencia das auctoridades superiores.

Tem um certo movimento commercial, e já apparecem algumas industrias taes como a pesca, a fabricação de telha, cal, etc.

Landana—E' um concelho relativamente salubre na costa e ainda mais para o interior.

E' aqui que se acha estabelecida uma missão do Espirito Santo, onde habitualmente se estão educando 100 a 120 indigenas de 5 a 20 annos, e d'onde sahem conhecendo differentes officios e os processos mais perfeitos e convenientes para a agricultura local.

Os terrenos da missão occupam uma área de 4 kilometros quadrados; na parte livre de edificações

estão quasi todos arroteados e plantados de vegetaes variadissimos e em parte exoticos.

A producção excede muito o consumo da missão, e a venda dos productos obtidos tanto na agricultura como nas officinas d'aprendizagem, dão pela venda uma fonte de receita tão importante que lhe permitte uma vida desafogada e independente de qualquer subsidio.

As casas da missão occupam cerca de um kilometro quadrado e são formadas por taboado, quasi sem trabalho de plaina, pregado sobre vigas e forquilhas; as melhores habitações são caiadas por fóra e por dentro como medida hygienica e economica.

São os proprios padres que dirigem, riscam, e cortam todas as obras.

Além dos padres ha como auxiliares operarios europeus *(irmãos)* que os coadjuvam na direcção e trabalhos das officinas.

O preto educando veste uma simples tanga ou blusa de riscado, conforme os sexos, e faz todos os serviços de carretos e limpeza, de agricultura, etc.

Todas as horas estão occupadas, entremeando-se os trabalhos intellectuaes com os manuaes uteis que absorvem quazi todo o tempo, e ainda com as distracções e recreios.

As creanças aprendem de religião o mais indispensavel e necessario.

Em volta da missão acham-se estabelecidos muitos casaes formando já hoje uma povoação importante a cêrca de 2 kilometros do rio Chiloango.

Santo Antonio do Zaire — na ampla e segura bahia do Sonho, apesar da sua insalubridade, constitue o principal centro commercial do districto.

Ha tambem n'este ponto uma missão portugueza, e tornam-se notaveis aqui as ruinas do convento dos barbadinhos onde ainda existem as alfaias e imagens, até ha pouco conservadas só pelos pretos com toda a veneração.

Ambrizete é um porto na costa de certo movimento commercial, d'onde se poderia facilmente haver muito minerio de cobre que existe a meia legua das feitorias, se os negociantes empregassem meios para isso, o que não era difficil.

S. Salvador do Congo — Outróra séde do governo da provincia e do bispado, é hoje a capital do decadente imperio do Congo que dominava em toda a larga zona habitada pela familia dos mussorongos.

Hoje muitos principes se tem declarado independentes negando-se a pagar tributo ao rei do Congo.

Esta povoação, que teria umas 700 almas quando o actual Rev.mo prelado de Moçambique, então simples missionario, para alli foi montar a missão, conta hoje para mais de 4000 almas em consequencia do commercio que para alli foi attrahido sob a benefica e pacifica acção protectora do primeiro estabelecimento catholico, genuinamente portuguez, que em Africa possuiamos ainda ha bem poucos annos.

Tambem aqui existe uma missão ingleza, mas é bastante antipathica aos indigenas.

*

II

DISTRICTO DE LOANDA

(Revisto e correcto pelos ex.mos srs. D. Antonio Barroso e Antonio Castilho.)

Este districto é limitado ao norte pelo do Congo, ao sul pelo de Benguella; na carta prolonga-se desde o rio Loje ao norte de Ambriz até ao Novo Redondo na foz do rio Gunza.

Acha-se dividido nos seguintes concelhos:— Loanda (capital), Barra do Bengo, Barra do Dande, Alto Dande, Icolo-Bengo, Zenza do Golungo, Golungo Alto, Calumbo, Muxima, Massangano, Cambambe, Cazengo, Pungo Andongo, Malange, Ambaca, Duque de Bragança, Encoje, Novo Redondo, Tala Mogongo.

Alem do porto de Loanda, que é o melhor da costa occidental, tem mais dous na Barra do Bengo e Novo Redondo, e outros abrigos menos importantes.

Em Loanda tocam vapores da metropole duas vezes por mez e muitos outros de differentes nacionalidades europeas. A viagem de Lisboa leva 24 dias.

Os rios principaes do districto, são: Dande, Ben-

go e Cuanza. Este ultimo é navegavel por umas 25 milhas até ao Dondo; d'ahi para cima só o é por partes, até muito para o interior, por lanchas de fundo chato.

No Cuanza ha carreiras regulares de vapores que ligam entre si Dondo, Massangano, Muxima, Loanda e Calumbo.

Junto do littoral os terrenos são baixos, premeaveis e áridos; para o interior vão-se gradualmente, elevando até uma altitude medea superior a 1:200 metros, para novamente descerem a leste do Cuango na direcção geral de N E, onde vem buscar a origem a maioria dos affluentes do Zaire.

Nos terrenos baixos a temperatura média annual póde calcular-se em 27° descendo nos concelhos altos do interior a 19° e menos.

A temperatura maxima attinge uns 50° nos mezes de fevereiro e outubro, e descem a 27° de junho a setembro.

N'este districto as chuvas são irregulares e já menos frequentes que no Congo. O periodo das pequenas chuvas é de setembro a dezembro e o grande periodo das chuvas está limitado aos mezes de fevereiro, março e abril e parte de maio. Durante o resto do anno abundam os cassimbos, sobre tudo nos pontos elevados. As sêccas são frequentes no littoral.

A salubridade do littoral e da maior parte das localidades onde se acham estabelecidas as feitorias e fazendas, deixa muito a desejar, porque negociantes e agricultores preferem as margens dos rios que, se são os pontos mais accessiveis e ferteis, são tambem

os que mais sujeitos estão ás emanações paludosas e aos seus habituaes effeitos.

Os concelhos do interior são relativamente salubres, e muito mais seriam se o mais absoluto desprezo ou a ignorancia das mais rudimentares praticas do aceio e hygiene, não fosse uma regra tão geral.

O periodo mais proprio para a chegada é de maio a outubro.

A população indigena não póde ser bem avaliada, mas ascende seguramente a muitas centenas de milhares. A população mestiça é tambem abundante em todas as terras, principalmente do littoral. O numero d'europeus eleva-se a mais de 10:000.

O preto em Loanda está já mais habituado ao trabalho do que em qualquer outro ponto d'esta costa.

A aridez do littoral desapparece nas regiões montanhosas; como regra geral, as margens dos rios gosam d'uma fertilidade assombrosa, rivalisando com os mais generosos territorios do Brazil.

A agricultura que n'este districto profunda muito mais no continente do que em qualquer dos outros, tem-se principalmente desenvolvido nas bacias hydraulicas do Cuanza e do Bengo, que formam o coração da provincia.

A importancia d'algumas fazendas e a sua multiplicação incessante, vae d'anno para anno, tornando este o typo predominante da colonia.

A cultura mais vulgar é a dos generos que ser-

vem á alimentação do preto: —mandioca, amendoim, milho, feijão, batata doce e redonda e a banana.

Para fonte de receita cultiva-se em primeiro logar a canna sacharina para a extracção da aguardente. Esta cultura tem-se desenvolvido a ponto de exceder o importantissimo consummo interno e de começar já a exportar.

A producção do café é tambem abundante. Entre as variedades que exporta, torna-se notavel uma silvestre, explorada pelo gentio nas cercanias de Encoje.

O algodão tambem se produz mas a sua cultura está bastante abandonada pelo baixo preço d'este genero.

A producção do tabaco augmenta muito. O indigena traz ao mercado de Loanda o tabaco já sêcco, limpo e separado em lotes.

De Casengo para o levante abundam os bois cujo preço oscilla entre 9$000 e 16$000 cada cabeça. No littoral, tanto o boi como o cavallo só se podem sustentar á mangedoura; a pasto morrem muito. Proximo de Loanda já houve uma caudelaria que desappareceu sem que a raça se fixasse.

A introducção do camello já foi tambem tentada sem resultado.

O rendimento medio do capital empregado na agricultura calcula-se entre 30 e 60 %.

Muitas fazendas teem já engenhos e machinas a vapor para a descasca do café, moagem de sementes, espressão da canna, ou serração de madeira.

A aguardente é obtida por processos bastante imperfeitos pois que apenas tiram da canna um rendimento de 7 % quando poderiam tirar 12 e, se a quizessem obter da mandioca, 25 %.

N'algumas fazendas tambem extrahem o assucar.

Ha em Loanda uma fabrica de tabaco que promette um bom futuro.

Tambem se preparam cabedaes e couros curtidos.

No Cacuaco, proximo da linha ferrea, está funccionando um grande e bom estabelecimento para a extracção do sal, mas ha muitas mais salinas tambem aproveitadas n'outros pontos da costa.

O mar é abundante de peixe, mas a pesca apenas se faz para consummo da cidade, vendendo-se baratissimo.

Os minerios conhecidos são: — ouro, no Golungo Alto, Ambaca (Lambije); — prata, entre os Jingas, na margem direita do Cuanza; — ferro em Cambambe, Cazengo, Golungo Alto, Massangano, Pungo Andongo, Zenza do Golungo; — cobre, em Ambaca e Encoje, Novo Redondo, Pungo Andongo; — sal gemma, em Muxima; — petroleo, no Golungo Alto e Novo Redondo; — carvão de pedra e ouro, em Massangano (margem do Cuanza), Lucala, etc.

Algumas d'estas minas estão sendo exploradas pelo gentio.

N'este ramo póde dizer-se que nada ha feito; é uma importantissima fonte de riqueza que deve chamar a attenção dos competentes.

E' pelo commercio que muitos dos nossos compatriotas teem n'este districto grangeado boas fortunas; infelizmente a pressa que sempre teem de voltar, e a modestia das suas aspirações priva-os dos melhores lucros que se auferem no negocio em grande escala, e rouba-os á provincia exactamente quando se acham em condições de maiores serviços lhe poder prestar.

Apezar d'isto e da notavel baixa que teem tido alguns generos de exportação e importação, o commercio tem triplicado o seu movimento nos ultimos vinte annos.

Os principaes centros commerciaes do districto são Dondo, Loanda, Novo Redondo e Malange.

Os principaes generos d'exportação pela ordem da sua importancia são: —café, cêra, borracha, oleos, gommas, marfim, sementes oleosas, aguardente, algodão, urzella, peixe sêcco e alguma madeira.

Em Cassanje, Dondo e Ambaca ha feiras periodicas onde afflue grande quantidade de generos.

Loanda (S. Paulo da Assumpção de)—É uma cidade de 15.000 almas, capital de toda a provincia e o melhor centro de população da Africa austral depois da cidade do Cabo.

Situada entre os rios Cuanza e Bengo, tem diante de si um bom porto abrigado pela restinga d'areia, sempre crescente, denominada Ilha de Loanda, que

a corrente oceanica, que caminha para o equador, deita para o lado quando desviada pela Ponta das Palmeirinhas.

A cidade divide-se naturalmente em duas partes: —a superior, que assenta n'um planalto de 70^{m} d'altitude e que pela sua salubridade é escolhida para a residencia das familias, e a baixa que é preferida pelo commercio.

Na cidade baixa o solo é premeavel e formado d'areias, arrastadas pelas chuvas torrenciaes da parte alta; o sub-solo é impremeavel.

A pequena profundidade encontra-se uma toalha d'agoa salobra que bastante tem difficultado o saneamento da cidade.

A agua potavel vem hoje canalisada do rio Bengo a 50 kilometros de distancia.

Tanto o aspecto como a salubridade de Loanda tem melhorado consideravelmente nos ultimos annos.

As febres diminuiram muito, tanto em frequencia como em intensidade; já hoje se veem familias europeas reproduzidas em terceira geração, o que não succedia d'antes.

O aspecto assemelha-se ao de uma cidade europea, de largas ruas arborisadas, com praças regulares, monumentos e boas casas.

Destacam-se principalmente os palacios do governo municipal, o observatorio, a escola profissional, e sobre tudo o hospital que tem merecido a admiração dos visitantes, quer nacionaes quer estrangeiros.

Tem mercado, hoteis, correio e telegrapho para a Europa, rêde telephonica na cidade, recursos de toda a ordem em abundancia nos estabelecimentos commerciaes. Tanto a cidade como o porto acham-se convenientemente illuminadas.

Ha transportes em carros, estradas para differentes pontos do districto, e um caminho de ferro que por Icodo Bengo, Zenza do Golungo, Dondo, Cazengo, Golungo Alto, se dirige a Ambaca projectando-se por Malange o seu prolongamento para o interior.

Em frente da cidade existe a ilha de Loanda muito salubre, onde ha algumas casas que são bastante disputadas para mudança d'ares.

O porto é amplo e seguro mas em via d'assoriamento; as grandes embarcações fundeam a cêrca de 1 kilom. da cidade.

O movimento do seu porto ascende a umas 250 embarcações medindo para mais de 200:000 toneladas.

No porto sente-se muita falta de botes para desembarque dos passageiros e mercadorias, ficando por alto preço este serviço.

Os homens praticos em trabalhos de caminhos de ferro, feitores agricolas, artistas de qualquer natureza, manipuladores de tabaco e pescadores, encontram alli facilmente emprego.

A pesca e a conserva do peixe póde ser desenvolvida, e teem no caminho de ferro uma garantia segura de lucros.

Dondo — E' uma villa de 3:000 almas na margem direita do Cuanza com estação de caminho de ferro e carreiras regulares de vapores, que a pôem em communicação com outras povoações marginaes do rio e da costa.

Fica n'uma baixa, encravada entre montanhas, cercada de pantanos, e banhada por correntes athmosphericas carregadas d'emanações palustres encanadas na ravina. As obras de saneamento ahi feitas pouco lhe teem aproveitado.

As ruas são largas e arborisadas, as casas regulares, as aguas estão encanadas; mas apesar de tudo a procreação do branco não vinga, a anemia e a cachexia são seguras, e a propria raça preta tem uma vida curta e uma natalidade inferior á mortalidade!

Apezar de tudo isto é ainda o principal interposto commercial do districto com o interior.

No Dondo vendem os generos mais baratos que em Loanda; mas por preços ainda assim muito remuneradores, porque as casas de commercio d'aquella localidade se abastecem directamente das fabricas estrangeiras.

O caminho de ferro, transformando o Dondo em estação intermedia e pondo outros pontos mais internados em facil ligação com o magnifico porto de Loanda, deverá fazer perder á primeira localidade uma grande parte da sua importancia commercial.

Casengo—Tem por séde do concelho: Camlo, pequena povoação formada por uns 100 europeus que habitam em soffriveis predios, e por uma multidão de cubatas indigenas mal alinhadas.

Os terrenos d'este concelho são bastante accidentados, ficam á altura media de 1000^{m} e em condições de salubridade relativa, superiores ás do littoral.

A riqueza e importancia d'este concelho é toda agricola, n'elle existem já muitas propriedades sendo algumas das melhores do districto. Exporta em longa escala o café.

Abundam já aqui os gados e são variados os productos agricolas da sua cultura.

Ambaca—A séde do concelho é Pemba, onde convergem os caminhos de Malange, dos Jingas e da foz do Cuango.

E' outro centro commercial onde reside uma população preta dotada d'actividade superior á do resto do gentio de toda a provincia.

O ambaquista traja aproximadamente á europea, sabe lêr na grande maioria e raro é o que não tem um dos officios de alfaiate, sapateiro, ferreiro ou carpinteiro. São os paes que ensinam os filhos. Chegado á maioridade assim prendado com os conhecimentos herdados ainda dos nossos frades, o ambaquista ou se dedica ao negocio e toma a vida errante do sertanejo ou, procurando exercer a sua profissão, emigra em qualquer sentido acabando por se fixar onde,

pelas suas habilidades possa conquistar as boas graças do regulo e os logares culminantes. E' assim que se tem espalhado pela provincia, pelo Lunda, e pelo Baroze, concorrendo poderosamente para disseminar em todo o sertão o nosso prestigio e o conhecimento da lingua portugueza.

Os terrenos do concelho estão bastante arroteados. Ha n'este ponto bastantes europeus e uma missão protestante americana.

Pungo Andongo — Fica n'uma altitude de 1020^{m} em terreno ondulado, e passa por ser um dos melhores climas do districto.

Apesar do calor que é aqui elevado, as febres não tomam grande intensidade, os brancos reproduzem-se havendo alguns em terceira geração e um grande numero de mestiços: no emtanto a população branca pura não augmenta o que pode tambem ser devido á falta de mulheres.

Tem alguma cultura e duas fazendas boas.

Como ponto commercial foi já importantissimo; mas nos ultimos tempos tem decahido muito, derivando-se o negocio que alli affluia para o Dondo, Malange ou Benguella.

Malange — E' a terra mais importante do interior e a guarda avançada da nossa acção civilisadora no sertão africano.

Fica a 200 kilometros do Dondo, n'um extenso planalto de mais de 50:000 kilometros quadrados e

passa por ser tão salubre que o europeu já n'este ponto se póde applicar impunemente aos trabalhos agricolas, durante algumas horas do dia.

Os europeus residentes n'este concelho tem boa côr, e tanto entre elles, como entre a população indigena, abundam os casos de longevidade.

Esta observação combinada com a do nenhum aceio da terra e da existencia d'um pantano, a cerca de 10 kilometros da villa, auctorisam a concluir que, com alguma hygiene, este planalto é perfeitamente habitavel pelo europeu e susceptivel de ser colonisado.

Os terrenos são muito ferteis e já se vê bastante cultura.

Cultivam a canna d'assucar, a fava, ervilha, cebola, nabo, pera, maçã, muitas plantas tropicaes e possuem bastante gado.

Fabricam a telha, o tijolo, a cal e a aguardente.

Os habitantes da villa têem canoas para navegar no Cuanza que lhe passa proximo.

O movimento commercial da villa calcula-se em 250:000$000, mas está já sentindo muito a concorrencia prejudicial do Estado Livre do Congo.

E' em Malange que residem os benemeritos irmãos Custodio e Saturnino Machado, introductores do fabrico da aguardente, principaes promotores da agricultura e negociantes que tanto teem auxiliado todas as expedições que por alli teem passado em direcção a Muataianvua.

A villa de Malange tem muitas casas á europêa, correio, municipio, quartel e as ruas illuminadas a petroleo.

III

DISTRICTO DE BENGUELLA

(Revisto, correcto e muito augmentado pelo ex.mo snr. Francisco Paula Cid, o governador benemerito do districto.)

Este districto fica ao sul do de Loanda, estende-se na costa desde o rio Tapado, que entra no mar um pouco ao sul do Novo Redondo, até ao cabo de Santa Martha; para o interior os limites seguem aproximadamente a direcção d'estes parallelos, sem que estejam senão parcialmente fixados, comprehendendo a léste as terras dos Bailundos, Bihé, Ganguellas e Ambuellas até aos limites orientaes dos terrenos reservados á expansão portugueza.

Tem o districto seis concelhos em Benguella, Catumbella, Donde Grande, Egyto, Quillengues, Caconda e tres capitanías móres no Bailundo, no Bihé e outra que comprehende os Ganguellas e Ambuellas.

Os portos principaes são Egito, Praia da Catumbella, Benguella, Tenda, Cuío, Equimina e outros.

O melhor porto do districto é a bahia de Lobito que não tem movimento algum apesar de ser amplo, bem abrigado, bastante fundo e riquissimo em ostras.

Em tempo pensou-se em mudar para aqui a cidade de Benguella.

O porto de Benguella é o que tem maior movimento; n'elle teem os negociantes os seus depositos para as fazendas que importam e as que exportam para Catumbella.

Pelos portos Tenda e Cuío é que se fazem as communicações de Benguella com Dombe Grande e outros pontos.

Estes ultimos dous portos teem pharoes.

O terreno silico-argíloso, baixo e plano na costa, desde uns 15 kilometros para o interior, começa a elevar-se, primeiro gradual e depois rapidamente, em elevados e ingremes contra-fortes até ao planalto que, começando na Chella se estende ondulado pelo Bihé, paiz de Sambo e Quioco em altitudes que oscilam entre 1.000 e 2.000 metros, até ligar com o planalto de Malange e dos Jingas.

As chuvas no littoral são menos frequentes, duram um periodo mais curto e teem maior irregularidade do que para o norte. No interior são mais abundantes e prolongadas. A temperatura média nos logares baixos eleva-se a 27°; nas regiões montanhosas desce a 18°, e menos.

O clima nos logares baixos, abrigados e pantanosos, é mau, mas a salubridade cresce com as altitudes até quasi rivalisar com a de Portugal, sobretudo para léste de Quillengues.

Já no planalto vivem numerosos europeus e mestiços que impunemente se dedicam aos trabalhos agricolas e a outros labores ao ar livre.

A costa é habitada por tribus pacificas de raça angola, menos intelligente, mais pacifica e submissa, que se entrega á pesca e á agricultura. Os planaltos do interior são habitados pela raça hotentote dividida em numerosos povos sendo os principaes os munanos, bailundos, bihenos, que formam tribus guerreiras, os ganguellas e ambuellas, que são mais pacificos.

A maior parte d'estes povos dedica-se á creação de gados que constituem toda a sua riqueza e lhes dão uma abastança muito superior á dos outros povos da sua côr. Ha sobas que possuem cinco e seis mil bois.

Os pontos em que este gado mais abunda são Quillengues, Lanha, Quissange e no planalto Ganguella e Quanhama. Estes ultimos tambem já possuem alguns cavallos.

Estas tribus acham-se munidas de armamento moderno, de tiro rapido, que lhe tem sido fornecido pelos negociantes inglezes e allemães, ao sul do Cunene.

Fortalecidos por esta vantagem levantam guerra pelo mais futil pretexto, ou mesmo sem nenhum, e em contínuas correrias pelos paizes visinhos mais pacificos, roubam os gados, saqueiam os campos, apossam-se das mulheres, escravisam os homens e matam os velhos.

Os bailundos estendem as suas correrias annuaes pelos sertões de Selles até perto do Novo Redondo e os quanhamas, ainda mais ferozes, infestam continuamente todas as regiões comprehendidas entre o Cunene e o Cubango.

O terror que inspiram é tal que basta a noticia da sua aproximação para que os campos e libatas se despovoem.

Para o lado do Cunene as tribus frequentemente batidas pelos nossos, estão já mais pacificadas e entregam-se ao commercio, á creação de gados e á agricultura.

Nos logares baixos e humidos a vegetação é luxuriante, nas encostas ainda são frequentes altas mattas; mas nos planaltos é a vegetação arbustiva e herbacea que predomina.

N'alguns pontos a producção só se obtem remuneradora regando a terra durante as sêccas que duram quasi todo o anno, e estrumando bem; mas ha muitos lugares como são as margens do Catumbella proximo da origem, as margens do Cunene, os terrenos comprehendidos entre o Cunene e o Cubango, as margens d'este rio, etc. d'uma uberdade expontanea e consideravel.

Emquanto á fertilidade póde d'alguma fórma estabelecer-se d'um modo geral que ella decresce do norte para o sul.

Todas as fructas da Europa prosperam magnificamente nas encostas; nas altitudes predomina a cultura das gramineas e todo o lavrador faz consistir na creação de gados a sua principal fortuna.

As riquezas mineiras não faltam apezar de estarem pouco pesquisadas e da sua exploração ser pouco convidativa em consequencia das difficuldades dos transportes.

Sabe-se da existencia do ferro que o gentio ex-

plora em Caconda, Quillengues, Bihé, cobre abundante, proximo de Benguella, enxofre no Dombe Grande, falla-se em minas de prata nas terras de Sambo e de ouro em Caconda e Quillengues.

Em toda a costa é abundantissimo o peixe, que já se pesca bastante.

O movimento principal do districto é commercial. N'este ponto o seu desenvolvimento tem sido tal que as receitas aduaneiras teem augmentado sensivelmente, mesmo apezar da baixa enorme que nos ultimos annos tiveram tanto os valores dos generos exportados como os lucros dos importados.

Para o gentio a moeda monetaria é o boi.

Benguella — capital de districto; é uma pequena cidade de 2270 habitantes incluindo 230 brancos e 675 mestiços; occupa uns dous kilometros de extensão e tem aproximadamente egual largura.

Benguella é atravessada pelo pequeno rio Coringa, quasi sempre sêcco, e tem diante de si uma enseada da costa abrigada e com bom ancoradouro.

Ao sul fica-lhe um pantano; para léste os terrenos elevam-se gradualmente até uns morros de gneis amphibalico que á distancia de 15 a 20 kilometros a abrigam dos ventos do quadrante, norte e léste, deixando-a apenas exposta aos do mar e aos de sudoeste que lhe acarretam emanações paludosas.

Em consequencia d'esta disposição topographica a cidade continua sendo bastante doentia apesar das

obras feitas para a salubrisar, que de resto já teem produzido resultados benéficos bem apreciaveis.

Ultimamente emprehendeu-se o aterro do pantano que mencionamos e tudo leva a crêr que acabado elle, o estado sanitario de Benguella melhorará sensivelmente.

No emtanto os negociantes ainda hoje continuam a ir convalescer e mandam suas esposas gravidas para Mossamedes, afim de ahi terem os filhos com probabilidade de subsistirem.

Benguella tem os predios espaçados e alinhados em boas ruas, largas e arborisadas; amplas praças e um formoso jardim dão a esta povoação um aspecto agradavel.

As ruas hoje manteem-se limpas e são illuminadas a petroleo.

Tem hospital, casa da camara, repartição d'obras publicas, quartel, egreja, alfandega e mercado.

As casas são terreas e feitas d'adobe; algumas bastante elegantes. Entre todas destaca-se, á beira-mar, a casa do governador, em forma de chalet, com um pavimento terreo a 1^m do solo e um corpo com dous pavimentos; apesar de ser uma construcção economica póde servir de typo para as habitações de climas quentes, que seria util imitar.

Em volta da cidade ha bairros indigenas de cubatas, tambem em parte feitas d'adobe.

Em Benguella ha rêde telephonica que tambem a põe em rapida communicação com Catumbella.

O movimento annual do porto eleva-se a uns 100 navios de longo curso a vapor e de vela, além d'uma consideravel navegação de cabotagem.

A importação deve ser hoje superior a 600 contos e a exportação a 500.

As lojas estão regularmente sortidas, nas ruas ha bastante animação em consequencia da população fluctuante de bihenos, bailundos, ganguellas e bananos, que alli affluem com negocio do sertão.

Na cidade encontram-se alfaiates, carpinteiros, barbeiros, calafates, colchoeiros, funileiros, ferreiros, serralheiros, tanoeiros, canteiros, curtidores e tecelões.

A maior parte d'estes artistas não prima pela boa execução das obras que effectua, mas o facto da sua existencia prova a segurança do emprego immediato para qualquer artista europeu, d'estas profissões, que aqui pretenda estabelecer-se.

Catumbella — cabeça d'um concelho de 18:500 almas, é uma villa com pouco mais de 2:000 habitantes incluindo uns 200 brancos e outros tantos mulatos. Situada na margem direita do rio do mesmo nome sobre o qual está lançada uma ponte, dista 5 kilometros da costa, 8 da bahia de Lobito e 25 kilometros de Benguella, que se transpõem, em tipoia, em tres horas.

A praia de Catumbella tem hoje grande movimento, mas está condemnada a perdel-o desde que se estabeleça por terra viação acelerada entre a villa e a capital do districto.

A salubridade de Catumbella é regular. O seu aspecto impressiona agradavelmente o viajante. Tem

quatro ruas, proximamente parallelas, formadas por umas 200 casas de côres variadas, entremeadas de frondoso arvoredo e centenares de cubatas; o todo destaca-se alegremente sobre o fundo denegrido d'uns formidaveis morros que esmagam de encontro ao rio o povoado.

Esta villa tem uma animação desusada; logo de madrugada se vêem os morros coalhados de numerosas caravanas de pretos, carregados de borracha, cêra, marfim, que de remotos sertões, muitas vezes com seis mezes de viagem e mais, alli veem permutar o seu negocio: d'esta massa confusa destaca-se um cordão movediço, formado pelos pretos, que a um e um descem a ingreme encosta, vindo diariamente reunir-se na villa em numero de 8, 10 e 12:000.

Apezar, porém, d'este afflûxo de população forasteira de gentio selvagem e armado, as transacções effectuam-se no mais completo socego sem que haja nem se torne necessaria numerosa força armada para manter a ordem.

As casas commerciaes d'este ponto são quasi todas dependentes das de Benguella.

No resto do concelho ha ainda mais seis sanzalas.

N'este concelho exploram as argilas plasticas para ceramica, trabalham regularmente em cantaria e produzem bastante aguardente e mantimento; mas ainda insufficiente para o seu enorme consumo: exporta gado e productos de negocio do interior.

Egito — É uma pequena povoação de 500 habitantes incluindo 24 brancos e alguns mestiços que se agglomeram em volta d'uma modesta fortaleza destinada a defendel-os de qualquer ataque, quer do lado de terra, quer pelo porto.

D'este povoado, que é cabeça de concelho, dependem varios povos que habitam no accidentado sertão de Celes completamente isolados da civilisação, sem jámais procurar o littoral.

O clima no littoral é mau. Existem no concelho importantes fazendas agricolas onde se cultiva de preferencia a canna saccharina. Fabrica-se cal: exporta aguardente e mantimentos para Benguella e Loanda.

Dombe Grande — Povoação de umas 300 cubatas, entre as quaes se destaca a residencia do administrador e um forte; fica a 75 kilometros de Benguella.

D'esta administração dependem os povos bandombes, bacuissas e ba-cuando, regidos pelos seus respectivos sobas formando um total de 15:000 almas.

O clima é bastante insalubre em consequencia dos muitos terrenos pantanosos que tem; mas em compensação as paizagens são encantadoras e os campos d'uma fertilidade extraordinaria.

Abundam aqui os animaes ferozes.

Quando cultivada pelos bandombes era o celeiro da provincia; mas ainda hoje exporta muitos mantimentos e aguardente.

Ha uns 43 brancos e meio cento de mestiços que residem n'este concelho habitando boas casas d'alvenaria, dispersas por algumas dezenas de fazendas onde dirigem a cultura da canna, algodão, café, etc.

A fazenda agricola mais extensa e conhecida é a do Luacho que só por si produz annualmente 2:000 pipas d'aguardente, alem dos outros productos que exporta em ser ou fabricados.

Quillengues — Fica a 159 kilometros de Benguella na encosta da serra Chiminga ou Huamba que é continuação da Chella; é a séde d'um concelho interior de 18:000 almas, á altitude media de 800 a 900 metros.

O clima é pouco saudavel. Os terrenos são fertilissimos, mas a falta de communicações torna impossivel a extracção e valorisação dos seus productos na costa. Possue em abundancia muito boas madeiras, exporta muito gado e já cultiva canna e café.

Vivem no concelho algumas duzias de europeus e mestiços distribuidos por tres fazendas que entre si distam 15, 25 e 30 kilometros.

A populção preta vive subordinada a 14 sóbas avassallados.

Caconda — Pequena povoação a 30 kilometros de Benguella, n'uma altitude de 1:642 metros.

Este concelho tem terrenos accidentados, solo fertilissimo, clima ameno e saluberrimo. O gentio é pacifico; dedica-se ao commercio e á agricultura: a população eleva-se a 26:500 almas.

Este concelho, outr'ora importantissimo pelo seu commercio, perdeu bastante desde que o negocio passou a seguir pelo Bihé e Bailundo; mas hoje está-se novamente levantando com o negocio que vem dos Ganguellas e a sua importancia tornar-se-hia excepcional se estivesse ligado ao littoral por um caminho de ferro: por agora apenas tem uma estrada.

A população branca do concelho eleva-se a uns 56 individuos e um cento de mestiços.

Ha aqui, além do administrador, o pessoal dirigente da colonia penal Rebello da Silva, um agronomo, e uma missão religiosa, estabelecida ha apenas um anno.

A má escolha de local, a pessima organisação da colonia penal e outras causas não a teem deixado prosperar; mas este facto não prova a affirmação baseada em factos bem averiguados, de que pela fertilidade do solo e pela salubridade excepcional esta região está convidando o nosso camponez pobre a vir para aqui tornar-se, em breve, rico proprietario.

O trigo, a cevada, o centeio, as hortaliças a vinha e muitos fructos europeus dão-se aqui admiravelmente.

Bailundo — Extensa região, de limites mal definidos, comprehendida entre o concelho do Egito e a

serra de Huambo. Occupa um planalto accidentado e salubre.

A sua população, numerosa e dedicada ao negocio, obedece a um regulo avassallado cuja libata fica a 10 dias de Catumbella.

Os europeus aqui são pouco numerosos, mas ha muitos mulatos provenientes de degredados fugidos dos presidios.

O soba actual é muito obediente ás leis portuguezas e respeitador da auctoridade do capitão-mór.

Bihé — Região comprehendida entre a serra Huamba e as origens do Cuanza, assente n'um planalto pouco accidentado, n'uma altitude superior a 1:500^{m}.

O clima é muito salubre, o terreno é fertil, abundante de aguas e minerios.

Os habitantes relativamente activos e intelligentes, são muito bellicosos.

Como as tribus d'além Cunene e todo o outro gentio, atacam com vigor, mas não sustentam um fogo aturado; em vendo que a resistencia se prolonga e que os seus cahem sob um fogo certeiro, embora de pequeno numero de inimigos, dão-se por vencidos e debandam em desordem.

Fazem as suas campanhas durante o verão, de setembro a maio.

Trabalham muito regularmente como ferreiros, serralheiros, carpinteiros; fazem agricultura e apascentam muito gado.

A sóde do governo, capitanía-mór, é em Belmonte, propriedade legada á nação pelo infeliz e benemerito Silva Porto.

A morte d'este heroe determinou a construcção d'um forte e a occupação militar d'esta região.

Acham-se aqui estabelecidas duas missões protestantes, nossas inimigas, uma americana e outra ingleza.

Na libata de Belmonte ficou uma escola instituida por Silva Porto, que brevemente deve estar dirigida por uma missão catholica portugueza.

Ganguellas-Ambuellas — E' uma extensa região comprehendida entre as terras de Sambo e Luxaze, ao norte e o Cunené ao sul.

O capitão-mór de toda esta vasta região tem sob suas ordens as forças que guarnecem os fortes de Maria Pia e Cassinga e as do forte Princeza Amelia, onde reside.

As margens do Cubango, apenas onduladas, são fertilissimas, d'uma notavel belleza e bem irrigadas por numerosos affluentes, taes como Cutato, Cuito, Cuebe, etc.

E' das margens do Cuito que vem a maior parte da borracha, que afflue a Benguella; esta borracha é extrahida das raizes d'um pequeno arbusto.

O indigena tem larga cultura e muito gado vaccum; fabríca enxadas e outros instrumentos.

Ha em Cassinga uma missão do Espirito Santo onde se ensina portuguez, e que está prestando relevantes serviços.

IV

DISTRICTO DE MOSSAMEDES

(Revisto e correcto pelo ex.mo snr. major Arthur de Paiva)

Fica ao sul do de Benguella e prolonga-se até ao limite sul da provincia.

Os seus concelhos são, a partir do littoral —Mossamedes, Bumbo ou Capangombe, Humpata, Huilha, Lubango, Gambos, Humbe, e uma capitanía-mór, hoje vaga, no Luceque.

Os portos da costa são: bahia de Mossamedes hoje illuminada por um pharol, Pinda ou Alexandre e Bahia dos Tigres. As ultimas são amplas e recebem os navios de maior tonelagem. No porto de Mossamedes ha uma funda e estreita reintrancia denominada Sacco de Giraul cuja disposição está perfeitamente talhada para uma doca; a despeza a effectuar com esta obra seria relativamante insignificante e os lucros importantes; porque desde Dakar até ao Cabo não ha um unico ponto onde os navios possam limpar ou fazer qualquer concerto.

Todos os rios do districto são insignificantes á excepção do Cunene que no interior é navegavel do Luceque ao Humbe (240 kilom.); o mesmo succede a outros rios de somenos importancia.

Este districto divide-se nitidamente em duas zonas: — uma perto da costa, baixa e arida; outra no interior mais ou menos alta e fertil.

A primeira zona que em frente da villa de Mossamedes se prolonga uns 100 kilometros para o interior, alarga-se gradualmente para o sul e, ultrapassando os limites da provincia, vae terminar ao sul do Cunene no grande deserto de Calahari que é o Sahara da Africa do sul, embora muito menos arido que este.

No littoral do districto de Mossamedes, as chuvas que sobreveem de setembro a março são raras e de pouca duração; na maior parte dos annos não chove mais de tres ou quatro vezes e ha muitos em que não cahe uma unica gotta d'agua.

No periodo das chuvas, os rios alimentados no interior enchem e alagam por algumas horas as campinas marginaes; mas passado este periodo as aguas descem mais e mais chegando os lavradores a ter de a ir procurar para as irrigações a 70 e 80 metros de profundidade.

A temperatura, bastante baixa no inverno, é durante o verão refrescada pelas brizas dominantes do mar; mas quando sopram as fortes ventanias de sudueste, que não são raras, o calor torna-se insuportavel e a marcha impossivel pelas nuvens d'areia sêcca e ardente que fustiga cruelmente o rosto do caminhante.

Os bois succumbem a estas tempestades e á falta d'agua, sem poderem transportar os vehiculos, produzindo trabalho inferior ao de um homem.

N'esta zona a areia transforma o relevo do terreno cobrindo montes, valles e obstruindo os leitos dos rios que vindo navegaveis e caudalosos do interior, perdem gradualmente ó seu volume á proporção que se engolfam n'este mar d'areia sem fim, chegando a desapparecer em muitos pontos, para irem infiltrados, surgir mais abaixo humildes e envergonhados n'alguma depressão do areal e em breve desapparecer de novo. Só no periodo das chuvas, fortemente engrossados, conseguem, os mais caudalosos, vencer os successivos diques permeaveis que lhes barram a passagem para em breve os deixarem reapparecer mais volumosos ainda.

A vegetação expontanea está reduzida a pequeno numero de especies que são a welwitchia mirabilis, o falso cedro (tamarix articulata) que estende es seus ramos na areia, algumas euphorbias que fornecem borracha de inferior qualidade, espinheiros, acacias e ainda o caniço; limitando-se tudo isto aos valles, ás ravinas e margens dos rios sêccos.

A não ser nos pontos onde a rega se torna possivel só ha a explorar o peixe da costa, os portos e talvez os minerios de ferro e cobre, que se diz abundarem nas margens do Cunene e perto da villa de Mossamedes.

O clima é sadio, e o europeu alli prospera maravilhosamente em toda a parte onde póde haver meios de subsistencia.

A segunda região, a planaltica, fórma todo o interior do districto e é constituida por terrenos ondulados, ficando a maior parte em elevadas altitudes.

A temperatura tem uma média muito mais baixa que no littoral; no inverno a média desce a 11°, chegando de madrugada a minima até 0° e — 2° resultando d'aqui a congelação da agua e abundantes geadas que queimam as plantações: no periodo das chuvas a temperatura não é superior á de Lisboa durante o estio.

As chuvas são muito mais abundantes que no littoral e no periodo sêcco são substituidas por cacimbas constantes durante as noites, que refrescam a terra dando-lhe uma fertilidade permamente e fazendo brotar magnifica relva.

Os herviboros abundam.

A reproducção da raça branca é aqui tão facil que os boers classificam esta região como analoga ao Transwaal. As creanças brincam ao ar livre e crescem vigorosas, mesmo creadas sem cuidados.

Os rios e as nascentes abundam; ha florestas de magnificas madeiras que podem, quando exploradas, ser origem de magnificas receitas.

O porte da vegetação diminue com a altitude, por forma que no planalto todo o matto é rasteiro e as especies pouco variadas. Em regra os terrenos teem por base a argila ferruginosa, arenosa, humosa ou calcarea, segundo as localidades.

De minerios aponta-se o ferro em Huilha e em Gambos.

Estas riquezas que o nosso emigrante pobre, sem receio do clima, poderia ir explorar, tornando-se em pouco tempo abastado proprietario, ficam infelizmente escondidas no interior a quatro dias, pelo menos,

da costa com a qual estão ligados por caminhos taes que só a troco de innumeras difficuldades se podem transpor. Durante 100 kilometros a falta d'agua e pastagens é absoluta; depois ha a vencer o colossal degrau da serra da Chella que tem um desenvolvimento rapido de 1000 metros d'altura.

Metade dos bois que pucham os largos e pezados carretos boers morrem de sêde, de cançasso e insolação ou por causa desconhecida.

Os transportes só se fazem depois das chuvas emquanto aos lados dos caminhos se conservam as poças com agua que o calor evapora em poucos dias.

Em consequencia de tudo isto o transporte para o littoral d'uma carrada que póde trazer uns 2:000 kilos da colonia mais proxima, a Humpata, custa 200$000 reis.

E' claro que não ha genero agricola que possa supportar um imposto de 100 reis por kilo; por isso todo o futuro do interior depende da viação facil e economica por meio d'um caminho de ferro.

A população preta do districto eleva-se a cêrca de 1.500:000 almas e é mais densa e rica do que a generalidade dos povos gentios.

Para léste do districto são frequentes as correrias dos aborigenes bem armados e muitas vezes montados; nas proximidades das colonias brancas do planalto estas correrias são menos frequentes, embora ainda appareçam algumas vezes.

Em todo o caso este estado de guerra permanente tem melhorado sensivelmente nos ultimos an-

nos; a agricultura e o commercio começam a fazer-se com segurança relativa: todos os sobas avassallados, mais de quarenta, a oeste do Cunene, pode dizer-se que já hoje acolhem bem o europeu que transite ou vá negociar ás suas terras.

Alem das tribus hotentotes guerreiras ha outras mandombi do littoral que são nomadas e vivem sem chefes: os pretos d'esta raça são humildes e prestam-se ao serviço de carregadores; mas teem emigrado em tal quantidade que começam a escacear.

As linguas que se fallam n'este districto são: a alunhaneca, alumkumbi e alumdiba.

A agricultura regular já apparece em volta das colonias, predominando n'ella a cultura das gramineas, hortaliças, tuberculos e alguns arbustos fructiferos da Europa.

Os bois, afamados como os melhores do continente africano, são numerosos e constituem a principal e mais productiva de todas as riquezas no planalto.

Apezar da enorme depreciação que tem tido no mercado, a urzella exportada do districto eleva-se a mais de 30:000$000 reis annuaes.

A gomma almeidinha está sendo regularmente exportada pelo preço médio de 1$300 reis que tende a augmentar, promettendo fazer d'esta industria uma das principaes fontes de receita do paiz.

O cará, que cultivam em grande, sêcco, em fatias, é vendido com o nome de mococa para alimentação dos pescadores da costa e de serviçaes das fazendas.

A aguardente de canna, distillada nas proprias fazendas, tambem começa a exceder o consumo local.

A industria de cortimento de couros, que já hoje se faz, deve vir a ser importantissima por abundar não só a materia prima, mas o tanino para a curtir.

A pesca, salga e secca do peixe tão apreeiado pelo indigena, já hoje se faz em toda a costa occupando 400 serviçaes e 102 barcos em 36 armações e tende sensivelmente a desenvolver-se. A exportação actual d'este producto para S. Thomé e Zaire eleva-se a mais de 1.000.000 de kilos.

A ceramica está ainda na infancia; reduz-se á fabricação de sangas, talhas, louças para cosinha, bilhas para agua, ladrilho e telha; tudo por vidrar.

Ha uma fabrica a vapor de telha, typo de Marselha, e tambem fabricam cal.

Na villa de Mossamedes ha duas fabricas de tecidos movidas uma a vapor e outra á mão; mas ambas teem difficuldade em competir com os productos europeus, em consequencia dos processos grosseiros que empregam e de importarem já tinto e em fio o algodão e a lã. Só o algodão grosseiro para cobertores tem origem local. Fabricam mantas de lã e algodão, barretes, camisolas, peças de panno crú branco e riscado.

Ha finalmente na villa tambem uma fabrica de conservas alimenticias que promette largo futuro pela boa acceitação que teem tido as latas de carne, peixe, fructas, doces e legumes de differentes qualidades, que produz.

O commercio para fóra do districto faz-se exclu-

sivamente pela villa; exporta productos agricolas, gado, peixe secco no valor de 70 contos, e importa mais de 150 contos em generos alimenticios.

Os braços obtem-se por engajamento em Loanda e S. Thomé.

A importancia d'este districto é de primeira ordem por ser n'elle só que, na costa occidental, podemos emprehender desde já uma colonisação branca regular e segura, com a certeza de formar um nucleo que irradiando para outros districtos, auxilie a sua nacionalisação e exploração.

Concelho de Mossamedes — A capital do concelho e do districto nascida em 1845 com o estabelecimento d'uma pequena colonia, conta hoje 5.000 habitantes, incluindo 600 brancos e 100 mulatos. Não ha aqui productos expontaneos; tudo o que ha é devido ao trabalho do homem; o solo é sêcco, arenoso, e areno-calcario acompanhado de rochas siliciosas. As ruas da villa são largas, bem calçadas, arborisadas, illuminadas e flanqueadas de predios regulares. Ha uns poucos de tanques abastecidos d'um grande deposito d'agua extrahida d'um poço por meio d'uma bomba americana que fornece 1200 lit. por hora.

O movimento annual do porto é de 50 embarcações a vapor e á vella.

A povoação é pouco limpa, mas a excellencia do clima é tal que, apezar da falta de hygiene, a população branca augmenta ainda mais rapidamente que a preta.

As doenças telluricas ainda aqui occupam os primeiros logares do quadro nosologico; mas os ataques são muito benignos: as preniciosas só apparecem em individuos que tenham vindo d'outras procedensias já depauperados e cacheticos.

As creanças brancas desenvolvem-se sem se lhe notar o mais pequeno vestigio d'entoxicação palustre, como succede ás que conseguem escapar nos outros districtos.

Mossamedes é hoje uma villa de bastantes recursos; a alimentação é excellente, barata e variada, as lojas e o mercado estão bem sortidas: tem um collegio d'instrucçao particular alem de outros estabelecimentos officiaes.

Ao norte da villa ha duas torrentes, e 60 kilometros para o sul corre o rio Caraca. Estes cursos d'agua, de janeiro a maio trasbordam por algumas horas fertilisando as margens; durante o resto do anno a agua vae descendo gradualmente a ponto de ser extrahida, para as regas, da profundidade de 70 e 80 metros. Nas margens d'estas torrentes existem hoje 78 fazendas abrangendo uma area cultivada de 8:900 hectares, onde cultivam a canna saccharina, a videira, a batata redonda e doce, o cará, feijão, laranja, tangerina, limoeiro, cidreira, macieira, pereira, marmeleiro, oliveira, bananeira, pitangueira, etc., alem de toda a especie de hortaliças. Alguns proprietarios, como o de S. Bento do Sul, applicam já os processos mais aperfeiçoados de cultura.

Mais para o interior ha outras propriedades onde tambem cultivam o sorgho saccharino que dá tres

córtes annuaes, duas variedades d'algodão, arbórea e herbacea, que se dão de sequeiro.

Ha aqui toda a especie de gado domestico; fabricam o queijo e a manteiga.

No porto Alexandre e na bahia dos Tigres ha colonias expontaneas de pescadores algarvios que alli se foram estabelecer sem auxilio do estado e, apezar da sua falta d'instrucção, de capitaes e de artificios para resistirem ao clima, tem-se multiplicado enormemente mostrando a aptidão d'esta população semi-arabe para colonisar paizes quentes.

Pena é que não possam ligar ao seu mister a agricultura necessaria para supprir o que falta á sua alimentação.

Bumbo ou Capangombe — Este concelho fica na encosta occidental da serra da Chilla; a sua população é avaliada em 9.000 almas, incluindo uns 30 brancos e 60 mulatos. Fica á altitude de 600 metros; tem um clima peor do que o littoral e o planalto.

Ha algumas propriedades cultivadas, com a superficie total de 5000 hectares, todas situadas nas proximidades das linhas d'agua. Cada fazenda constitue um fóco de colonisação branca.

Fazem as culturas mencionadas: o trigo produzlhes, em regra, 30 a 50 sementes e nos annos bons não é raro ouvir fallar em colheitas de 80 e 90 sementes.

Humpata — Este concelho fica a léste do precedente e é um fóco de colonisação europea; a popu-

lação avalia-se em 14.000 indigenas, 944 brancos e 55 mulatos: fica na altitude média de 1.800 metros, em terrenos accidentados e bem irrigados.

O clima é optimo.

A colonia de S. Januario, na Humpata, séde do concelho, fica a 1:900 metros d'altitude e tem uma população de 136 madeirenses que apenas se dedicam a agricultar nos terrenos da povoação o que necessitam para o seu consumo.

A 12 kilometros, nos terrenos da Palanca, vive uma colonia boer que se separou dos madeirenses, e que consta hoje de 258 individuos. Os boers são excellentes colonos pelo seu vigor, actividade e disciplina: fallam o hollandez e dedicam-se de preferencia á creação de gados, e transportes em carros; mas contam entre si curtidores, carpinteiros, sapateiros etc. e ainda teem uma cultura regular importante: as mulheres, além dos trabalhos domesticos, fabricam queijo e manteiga.

É assim que um grupo d'estes colonos, estabelecidos a muitas leguas da costa, quasi se basta a todas as suas necessidades, em quanto que o madeirense mal faz uma pouca d'agricultura.

Perto d'estas colonias ha florestas com madeiras para construcção; mas estas vão já escaceando: por isso o eucalypto, que aqui se dá muito bem, está destinado a prestar grandes serviços.

Nos campos abundam os bois, vaccas leiteiras, jumentos, muares, ovelhas, cabras e aves domesticas, pertencendo apenas a decima parte aos madeirenses.

Os boers tambem teem cavallos que alimentam

com aveia, resguardados em cavallariças tão bem construidas como as suas proprias casas. É este o unico meio de manter n'estas regiões tal especie de gado.

As casas dos colonos são feitas de adobe e, excepcionalmente, de pedra.

A colonia *Sá da Bandeira*, no Lubango, forma hoje um concelho; fica 20 kilometros a leste da antecedente, no sitio denominado Cacondo, em uma colina de 1:000 hectares, elevada uns 20 metros acima das varzeas vizinhas; é banhada a léste pelo rio Mapendo, ao sul pelo Muenfí, a oeste pelo Lubango, todos affluentes do Calcolavar. A terra é muito fertil e o clima saluberrimo.

E' aqui que de futuro ha de convergir a actividade agricola e civilisadora para se irradiar na direcção dos ricos concelhos de Gambos e Humbe.

A povoação occupa mais de 17 hectares de superficie, é dividida em quarteirões regulares com ruas largas e arborisadas.

As aguas estão derivadas para uma rêde de canaes de rega, que já attinge mais de 12 kilometros de extensão.

A população elevava-se em 1888 a 482 madeirenses, 7 mulatos, e 54 pretos, tendendo a augmentar d'um modo tão consideravel que mais de metade da população branca, 274, eram creanças.

Possuem bastante gado, propriedades regularmente cultivadas, moinhos d'agua para trigo, alguns estabelecimentos commerciaes, artistas e escola.

Concelho de Huilla — Tem 6:500 habitantes pretos, 156 brancos e 31 mestiços, desenvolve-se n'uma extensa area irregular, pouco fertil, falta d'agua e bastante fria. O clima é magnifico. A séde fica a 1:773 metrós d'altitude, nas margens do rio Mucha.

Proximo d'este povoado está estabelecido o seminario diocesano conjunctamente com uma missão do Real Padroado. Este exemplarissimo estabelecimento é dirigido pelo rev.do padre José Maria Antunes coadjuvado por quatro padres francezes e cinco irmãs educadoras da ordem de S. José.

Na missão, além das aulas ecclesiasticas e do curso do lyceu, ensinam-se os officios de sapateiro, ferreiro, serralheiro, alfaiate, pedreiro, typographo, photographo, tecelagem, etc., a agricultura, variadissima, pelos processos mais perfeitos e apropriados á região, alem de varios exercicios hygienicos.

Dos productos agricolas, das suas extensas propriedades e das obras manufacturadas nas officinas, tiram tudo o que necessitam para alimentos, construcções, mobilias, etc. da missão e uma fonte de receita na venda do excedente.

N'este estabelecimento, que conta hoje mais de 200 educandos, ha uma disciplina e uma ordem admiraveis a par da mais rigorosa economia ; o seu desenvolvimento tem sido verdadeiramente prodigioso.

S. Pedro de Chibia — a mais moderna de todas as colonias, pois data de 1885, fica a 5 kilometros para sul da Humpata, na margem esquerda do Chimpapunhime, á altitude de 1:515 metros, exposta ao sul. A sua população branca está crescendo espantosa-

mente, pois que contando apenas no começo 11 homens e 8 mulheres tem já 28 creanças de bom aspecto, apezar d'esta localidade não ser tão saudavel como as outras mencionadas.

Tem muita agua, madeiras de construcção e caça, o solo é fertilissimo na grande extensão que vae até á missão.

A cultura é tão variada como a que mencionamos no concelho de Mossamedes.

As casas estão alinhadas em duas ruas prependiculares entre si.

A 5 kilometros, no sitio denominado Joba, ha um segundo grupo de 15 familias boers que progridem rapidamente.

Em Java ha uma succursal da missão.

Concelho de Gambos — Tem a sua séde a sudeste da Huilla n'uma altitude inferior á d'este concelho; os seus terrenos são accidentados. A população preta é grosseiramente avaliada em 200:000 almas; a branca, muito limitada, acha-se dispersa por differentes propriedades agricolo-commerciaes.

O clima é insalubre por partes.

Concelho do Humbe — Fica situado a sudeste do precedente, tem cêrca de 35:000 almas, sendo pouquissimos os brancos. O clima em regra é mau. Na séde já se estabeleceu uma colonia branca que desappareceu.

Commando militar do Luceque — Occupa toda a parte do districto a léste dos concelhos precedentes,

e domina territorios extensos cujas populações são avaliadas em 200:000 almas.

A salubridade d'esta região varía muito ; a par de situações saluberrimas tem outras altamente pestilenciaes e mortiferas.

Estes povos, ainda mal sujeitos, vivem em completa liberdade. A população branca, aqui, falta completamente.

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

(Revista pelos Ex.mos Snrs. conselheiro Augusto Castilho e tenente coronel Joaquim José Lapa).

Esta provincia estende-se por 316 leguas ao longo da costa oriental da Africa, desde o rio Rovuma no parallelo 10° e 15' S., até ao paiz dos maputos no parallelo da confluencia dos rios Maputo e Pangulo.

O Rovuma separa-se ao N. da possessão allemã de Zanzibar, a léste é limitado pelo lago Niassa, pelos paizes de M'Pésene, parte do curso do Arnangoa, pelos paizes de Machona e Matabelles, de que ha pouco os inglezes se senhorearam, pelo Transwal e Suazieis, a sul pelo paiz dos Zulus.

Os limites não estão ainda marcados sobre o terreno, o que póde dar origem a importantes variantes; por isso apenas muito grosseiramente se poderá avaliar a superficie em 1.000:000 de kilometros quadrados.

Esta provincia acha-se dividida em dez districtos: Lourenço Marques, Inhambane, Sofala, Manica, Tete, Zumbo, Quilimane, Angoche, Moçambique e Cabo Delgado.

A divisão em concelhos ainda não está feita; só nas sédes dos districtos, e não em todos, se encontra a instituição municipal: nos commandos militares o official é tudo e reina com poder absoluto; nos prazos da corôa[1] e nas capitanías mores dominam quasi puros os costumes indigenas; nas terras dos regulos e xeques avassalados mais nenhum contacto ha com o nosso governo alem do tributo que pagam, quando pagam.

Esta provincia que outr'ora profundou o continente até ao paiz dos Matabelles, onde ainda se encontram restos derrocados d'antigos fortes, cahiu depois n'um profundo abandono que muito restringiu a area d'acção do dominio portuguez.

O clima differe bastante do norte ao sul; na sua generalidade, apezar de muito mais chuvosa do que Angola, passa por menos insalubre e nos planaltos ha pontos, ainda mal estudados, d'onde se diz que as intermittentes são desconhecidas.

As relações d'esta provincia com a Europa quasi se reduzem ás carreiras mensaes dos vapores da Mala Real Portugueza, allemã e ingleza que aqui veem, aquelles pela via de Suez e Aden e esta pelo Cabo.

As communicações com a India são muito mais frequentes e fazem-se por intermedio da empreza British India, por differentes vapores e navios de

[1] Prazos são extensões de terrenos, algumas do tamanho das provincias da metropole, onde ha um tributo de capitação chamado mussoco, cuja cobrança é arrematada em praça.

vella pertencentes a differentes casas commerciaes de Bombaim.

Os portos e terras que temos disseminados pela costa estão hoje ligados entre si por carreiras regulares de vapores costeiros, alem dos pangaios e almadias [1] que por conta dos banianes e mouros levam o commercio a toda a parte, fundeando em todos os abrigos e navegando os rios por onde podem passar.

As raças negras que povoam a provincia são muito variadas; mas entre ellas destacam-se os vatuas e landins que sobre os outros levam grande vantagem physica e intellectual; superioridade aliás reconhecida pelo restante gentio, que os trata com medo.

Nos sertões o indigena é, em regra, muito mais exigente que o da costa occidental.

Para o norte do Zambeze, entre o gentio, todos os lugares dominantes são occupados por arabes, banianes e mestiços d'estes com o indigena.

A raça arabe, sobre tudo, infiltrou-se no paiz cruzando-se com a raça indigena e dominando-a; transmittiu-lhe a sua religião, a escripta, muitas palavras da sua lingua e algumas noções d'agricultura, emquanto ella vivia da guerra, e do commercio, principalmente da escravatura, emquanto lho permittiram.

Seguem-se em numero os asiaticos banianes,

[1] Almadias são embarcações indigenas construidas d'um tronco d'arvore cavado, que se empregam só na navegação dos rios.

bathias, parses e mouros que veem da India portugueza e ingleza em procura de occupação e se estabelecem em todos os pontos, principalmente do littoral, que julgam mais favoraveis ao commercio.

Nas terras sem recursos os asiaticos vivem como os indigenas, em palhotas onde simultaneamente fazem os seus depositos de mercadorias, dormem e cosinham as suas frugaes refeições; vestem apenas uma cabaia, calçam chinelas e aprendem a lingua indigena para maior facilidade nas suas transacções.

Em concorrencia entre si e com os outros negociantes tem baixado o preço das mercadorias a ponto de derivarem para a nossa provincia parte do commercio de Zanzibar.

O asiatico tem um espirito pratico, falta absoluta de escrupulos, dedica-se com ardor ao seu negocio, é paciente, soffredor, economico até á sordidez, subordinado no serviço dos patrões: no negocio ou quando calcula impunidade só não rouba o que não póde; mas em regra é pontual no pagamento das suas letras. Deposita as suas economias em casas bancarias; logo que pode estabelece correspondencia directa com Bombaim e em tendo alguma fortuna repatria-se trespassando a casa a algum membro de familia. O jogo constitue o seu principal vicio. Faltos de trabalho ajustam-se por todo o preço. O ordenado d'um caixeiro baniano é de 100 rupias (38$000 reis) por anno ou seja vinte vezes menos do que o d'um europeu.

Os inglezes teem aproveitado com vantagem esta gente para fazer a cobrança dos impostos indirectos

que elles fazem render como ninguem. Uma disposição da nossa lei aggrava a situação já desvantajosa dos nossos patricios em face d'estes terriveis competidores: — a decima industrial é regulada pela predial, e como os europeus tem muito mais exigencias e necessidades, e vivem em melhores casas, segue-se que, com um movimento commercial muitas vezes menor, pagam cinco ou seis vezes mais do que o baniane.

Depois dos asiaticos seguem-se outros competidores que nos atacam o proprio dominio directo: são os inglezes que se espalham por toda a parte em procura do ouro, derramando libras ás mãos cheias, comprando tudo e intrigando-nos com os povos e regulos vassallos.

Este povo distingue-se pela sua actividade contínua e tenaz e pelo seu caracter pratico; os seus aventureiros são quasi sempre illustrados, mas perdem-se muitas vezes pela embriaguez que n'elles é quasi tão vulgar como entre o indigena.

Contra esta raça temos a vantagem de resistir melhor ao clima e de possuir a sympathia dos povos, emquanto o inglez pelo seu extraordinario orgulho se torna invariavelmente antipathico.

A população portugueza propriamente dita ainda hoje é numericamente inferior á que temos em Angola.

Os degredados já deixaram de ser mandados para esta provincia.

As riquezas de Moçambique encontram-se no solo que, como nos outros paizes virgens, é por partes

d'uma fertilidade desconhecida na Europa, nos enormes e variados jazigos minerios espalhados em todos os districtos e na situação junto da costa como testa de linha que naturalmente tende a concentrar enormes riquezas das que os inglezes estão em via de explorar no interior. Não ha escriptor que, occupando-se d'esta provincia, não teça os mais rasgados elogios a tão promettedora região; não ha governador nem individuo algum que tendo-a habitado, mesmo por pouco tempo, não veja o brilhante futuro que a espera.

As fontes de riqueza que em si possue e as circumstancias em que está, dão-lhe de sobejo elementos para prosperar largamente sem em nada se tornar onerosa á metropole; para seguir este caminho tem o estimulo de poderosos rivaes, o exemplo das populações trabalhadoras e illustradas que a cercam e invadem, a prompta valorisação dos productos e a quantidade de moeda que, a olhos vistos, vae hoje inundando o paiz em via de se abrir á civilisação e ao progresso. Quando porem os estimulos, os exemplos e os elementos que nos fornecem não bastem para iniciar em Moçambique um periodo de actividade que rapidamente a valorise, deve bastar, para nos fazer entrar n'esse caminho, a ameaça, sempre pendente, da sua absorpção pela federação dos estados inglezes do Cabo.

O que importa sobre tudo saber ao particular que para lá pertender dirigir-se é que, dentro em pouco tempo, por bem ou por mal, toda esta provincia hade ser um dos mais opulentos paizes do

mundo, onde o trabalho tem de ser cada vez mais largamente remunerado.

Mais de um terço da importação actuul (700 contos) vem de Bombaim.

A importação portugueza fica muito abaixo da ingleza e franceza; mas tem augmentado bastante nos ultimos annos e é de esperar que a quantia de 300 contos, a que hoje sobe, seja em breve muito superior, visto que em 1886 apenas se elevava ainda a 150 contos.

A importação, que em 1885 se elevava a 2:983 contos, subiu em 89 a 21:511, a exportação no mesmo periodo elevou-se de 53 a 172 contos.

Se a nossa emigração fôr convenientemente preparada e continuar em numero a se dirigir para esta provincia, é possivel que saiamos victoriosos da lucta de vida e de morte que n'este ponto estamos travando com os inglezes, independentemente de quaesquer tratados. Se a não nacionalisarmos promptamente é fóra de duvida que seremos suffocados e submersos pela onda inexoravel da civilisação extranha que de todos os lados nos ameaça pelo numero crescente de aventureiros que ahi affluem resolvidos a tudo emprehender para conquistar fortuna.

O ouro que se exporta cresce de anno para anno n'uma rapida proporção.

A moeda corrente é tão variada que embaraça seriamente os recem-chegados.

Em ouro ha:

Moeda portugueza (rara)

Libra (compram-n'a a 4$800 e 5$000 reis, embora o preço official seja 4$500 reis.)

Barrinha fundida (pezo 4 onças) 6$600 reis.

Em prata:

Pezo austriaco e chileno 860 reis.

Moeda portugueza, rara.

Barra de prata (pezo 1 onça) 600 reis.

Rupias 380 reis.

Shiling 225 reis.

Em cobre:

Moeda portugueza antiga e moderna.

Em papel:

Notas da Junta de Fazenda de 5$000 reis, 2$500 reis e 1$000 reis.

Notas do banco Nacional Ultramarino de 10$000 reis, 5$000 reis e 2$500 reis.

O valor das moedas metalicas tem sido por differentes vezes alterado.

I

DISTRICTO DE LOURENÇO MARQUES

(Revisto pelos ex.mos snrs. conselheiro Augusto Castilho e tenente coronel Joaquim José Lapa.)

Fica ao sul da provincia, separado do districto de Inhambane pelo rio Limpopo, do Transwal e Suazia pelos montes Libombos e confina ao sul com o paiz dos Zulos.

A sua superficie poderá aproximadamente calcular-se em 15:000 kilometros quadrados.

O seu porto principal e unico, é a ampla bahia de Lourenço Marques, incontestavelmente o melhor de toda a costa sul africana.

Este porto que já hoje tem pharoes, telegrapho semaphorico e balizas de entrada, está destinado a concentrar rapidamente em si todo o movimento commercial não só do districto, mas do Transwal, Suazia e talvez dos estados de Bechuana e d'Orange.

Este districto possue uma extensa rêde de rios navegaveis por pequenas embarcações como são: o rio Maputo que desce das regiões auriferas do sul da Suazia; o Tembe navegavel por 66 kilometros; o Umbeluzi e o Incomati que descem dos Libombos e, depois de atravessarem ferteis planicies, veem desaguar na bahia de Lourenço Marques; 98 kilometros ao norte da cidade lança-se no mar o extenso Lim-

popo, navegavel por mais de 100 kilometros não só no curso principal mas nos affluentes.

O rio Limpopo tambem chamado Inhapura ou dos Corcodilos tem a sua origem em Zoutpansberg, provincia mais septentrional do Transwal, ainda ha poucos annos aberta á presquiza e exploração aurifera e no paiz afamado em ouro de que os inglezes acabam de nos desapossar a oeste do districto de Sofala.

As mercadorias importadas em Zoutpansberg até ha pouco tempo vinham de Durban, a 1:100 kilometros, em pezadissimos vehiculos boers, importando cada tonelada em 150$000 reis. A abertura do Limpopo á navegação reduz esta distancia a 350 kilometros, atravez de terrenos muito mais faceis de transpor.

O clima é quente no littoral, mas arrefece tanto para as montanhas que os agasalhos se tornam indispensaveis.

De junho a setembro a temperatura desce muitas vezes a 10°, sobre tudo de manhã, e nas montanhas ha pontos onde baixa a 0°.

Na costa as maximas thermicas notam-se em novembro e dezembro e attingem 35°; as médias oscilam entre 20.° e 28°.

Na cidade o periodo chuvoso vai de novembro a abril embora nos outros mezes tambem chova um ou outro dia. [1]

[1] Vid. observações meteorologicas de 1876—1878 por Augusto Castilho.

No interior, as montanhas, que começam a 80 kilometros da costa, são tão salubres como a Madeira; os hollandezes ahi se aclimaram e vivem perfeitamente; mas nas margens dos rios e junto da costa as affecções palustres são as doenças dominantes.

Os habitantes indigenas são landins, robustos e elegantes.

O landim, em regra, despreza o serviço agricola e o de carregedor; faz um pouco de commercio e, quando não tem de comer, acceita por bom preço trabalhar como creado ou n'algum officio.

D'aqui resulta uma tal falta de braços nos pontos em via de civilisação, que em Durban ha fazendeiros que nem um guardador de gado conseguem ter, vendo-se obrigados a fazer por si todo o serviço.

Do Natal veem aos nossos districtos engajar pretos para trabalho; mas logo que estes se vêem com dinheiro bastante para comprar uma mulher que lhe cultive uma pouca de terra, regressam para viver na primitiva ociosidade até que a falta de recursos o resolva novamente a acceitar trabalho por algum tempo.

Nas tribus sertanejas já conhecem a libra, o shilling e dão á missanga e ao panno muito menos apreço do que no lado occidental; no emtanto estes artefactos ainda se empregam com vantagem para as compras de pequeno valor.

A bahia de Lourenço Marques formada de argila e areias tem uma vegetação rachitica; mas nas margens dos rios a vegetacão é enorme e permanente.

Nas encostas das montanhas predomina a acacia amarella que apparece a espaços.

No districto ha algum gado vaccum e cavallar; mas a sua propagação é limitada pela mosca tsé-tsé [1] que existe n'alguns pontos.

Só em Palanca o dr. Oscar Somer tem arroteada a sua concessão; no resto do districto a agricultura está por fazer.

Este facto é devido não só á falta de braços e ao systhema de concessões gratuitas; mas, principalmente, a que todo o europeu que alli apparece é promptamente contractado por alto preço pelas companhias mineiras ou pelas obras publicas. Seduzidos por lucros immediatos todos os que teem tentado a agricultura não tardam em a abandonar.

Póde, porem, affirmar-se que a terra produz quasi todos os generos que se cultivam na Europa, pagando magnificas colheitas e admittindo umas poucas de culturas por anno, sempre que ha agua para regar. Para vêr o que se póde fazer na agricultura, basta visitar o Natal onde ha fazendas tão bem cultivadas que poderiam servir de modelo em todo o mundo.

Os estimulos para o desenvolvimento da agricultura são de primeira ordem; todos os generos exoticos attingem preços fabulosos: uma couve, chega a vender-se por 300 reis; cada ovo custa 60 reis, um kilo de figos sêccos, 240 reis; as cebolas, os na-

[1] A mosca tsé-tsé, um pouco maior que a nossa, vive nos lugares pantanosos sempre em lugares restrictos; a sua picada mata o cavallo, o boi, o cão etc.

bos, as batatas e os fructos de toda a ordem, que se importam em caixas de lata, vendem-se por preços tres e quatro vezes superiores aos da Europa.

O sal, apezar da sua fabricação ser summamente simples e productiva, custa na cidade a 60 reis o litro e no interior chega a vender-se por 10 vezes este preço.

Um pequeno peixe que apenas deita tres postas vale 500 reis, e mais.

Em todos os paizes circumvisinhos se encontram riquissimos campos d'ouro e diamantes, muitos d'elles são explorados não só por poderosas companhias, mas por uma alluvião de aventureiros, na maior parte inglezes, que cobrem litteralmente os terrenos onde lhes permittem fazer as presquizas, ávidos por arranjar rapidas fortunas, como tantos outros já teem conseguido.

N'este campo o nosso districto está intacto, apezar de haver já registadas muitas minas e de se saber ao certo que existe o ouro em toda a encosta léste dos Libombos, cobre com vestigios de prata na proximidade do rio Inhapura, entre 32°,40′ e 32°,42′ de longitude e 23°,55′ e 23°,58′ de latitude; — ouro, prata e outros metaes na proximidade da confluencia do mesmo rio com o Limpopo; — ouro, prata, cobre, chumbo e pedras preciosas junto ao rio Bílulí, nos Libombos; — diamantes entre o kilometro 62 e 67 da via-ferrea até ao Incomati; — ouro proximo do kilometro 68 e para diante do kilometro 80; — ainda ouro na confluencia do Sabie e Incomati; — carvão entre os rios Tembe e Umbeluse; — anthe-

racite junto á povoação Bawane nas margens do Tembe, e muitos outros.

Em vista d'isto sente-se bem que uma região tão rica não póde por muito tempo resistir á aluvião de ambiciosos insoffridos e sem escrupulos que a envolvem e se multiplicam d'um modo espantoso.

As industrias faltam completamente; no emtanto a fabricação da cal, telha e outras obras de ceramica; de alcool, cerveja, assucar, conservas alimentares; o estabelecimento de serralharias aperfeiçoadas, de marceneiros, alfaiates, modistas d'obra branca e de côr, sapateiros, ourives, relojoeiros etc., offerecem seguras probabilidades de grandissimos lucros.

Não ha trabalho nem profissão que não seja largamente remunerado, não ha Brazil que eguale em promessas este paiz destinado talvez a exceder os milagres de rapida opulencia e grandeza operadas n'algumas cidades da America do Norte e da Australia. Basta trabalhar com vontade, sem desanimos nem perconceitos, para partilhar da febre d'ouro n'estas terras onde muitas fortunas apparecem como por encanto, e onde os felizes, pobres da vespera espalham a mãos largas o ouro e o luxo, levando-o a todas as classes. No districto não ha ainda hoje outro povoado europeu alem de Lourenço Marques; mas não tardará que elles surjam.

As propostas para concessões chovem no municipio, no governo do districto e no ministerio, impacientes porque a nossa ronceira politica lhes dê vasão e permitta aos pretendentes enriquecerem-se, enriquecendo o paiz.

Lourenço Marques que ainda ha quinze annos era uma miseravel povoação de palhotas, apenas com algumas casas modestissimas tem hoje um desenvolvimento já consideravel. Particulares e emprezas levantam constantemente numerosos e bons predios que, ainda mal acabados, são logo alugados por fabulosas quantias. Uma casa que importe em reis 2:000$000, arrenda-se por 5 e 6 libras mensaes. A camara tem aberto numerosas ruas, largas e arborisadas, avenidas, praças, e encanado aguas. Está em via de construcção um caes de atraque onde simultaneamente possam acostar uns poucos de navios d'alto bordo para facilitar as descargas, que hoje são difficilimas e dispendiosas. Cada tonelada de descarga importa em 2$250 reis.

Os pantanos que circumdam a cidade estão exgotados, e procede-se ao seu aterro.

A salubridade de Lourenço Marques, que era pessima, tem melhorado extraordinariamente e dentro em pouco estará, se não está já hoje, em boas condições para ser habitada por europeus. As febres ainda apparecem, sobre tudo no tempo das chuvas; mas raramente deixam de ter um caracter benigno.

As ruas são illuminadas, ha telegrapho submarino para a Europa e aereo para differentes pontos do continente.

Tem sete hoteis todos magnificos [1]. O movimen-

[1] Estes hoteis são todos de estrangeiros: a montagem d'um, portuguez, que seria preferido pelos nossos conterraneos, deveria deixar bastante.

to commercial é espantoso; conta 8 feitorias estrangeiras, 4 portuguezas e um numero extraordinario de lojas pertencentes a indios. Estes estabelecimentos acham-se abastecidos de tudo quanto um europeu póde carecer, e já hoje concentram em si uma grande parte do negocio do Transwal e do Suazia.

A falta de braços é enorme; chegada uma leva de emigrantes, apoz uma espectativa de alguns dias, melhor ou peor, tudo está empregado na cidade ou fóra: as casas não chegam e as familias são obrigadas a accumular-se.

Ê uma voragem; os milhares de emigrantes que teem ido de Portugal não chegam ainda para dar um typo nacional á cidade; nas ruas d'esta nascente Babylonia ouve-se fallar simultaneamente portuguez, inglez, hollandez, francez, e numerosos dialectos da India e do gentio.

Só uma emigração portugueza, progressiva, que possa dispor d'algum dinheiro e illustração poderá contrabalançar a esta invasão.

O caminho de ferro do Transwal está tendo um acrescimo de movimento tanto mais rapido quanto mais se aproxima de Pretoria. [1]

[1] Pretoria é a capital do Transwal.

Esta republica foi formada pelos boers descendentes dos colonos hollandezes que habitavam o Cabo quando os inglezes se apossaram d'elle no principio do seculo. Para fugir ao dominio estrangeiro emigraram em massa e foram fundar o Natal d'onde foram desalojados pelos bretões; não se dando por vencidos emigraram novamente, e fundaram as republicas d'Orange e do Transwal que, a troco

A estrada que parte do rio Tembe para a Suazia não chega para o movimento nem satisfaz as necessidades da população que deseja anciosa um caminho de ferro e está prompta a garantir-lhe magnificos dividendos.

A alfandega de Lourenço Marques, que em 1868 apenas rendia 6 contos, produziu em 1889, 160 contos e nos primeiros dez mezes de 1890, 204 contos.

O movimento maritimo tem crescido a ponto de se encontrarem fundeados no porto dezeseis e mais embarcações a vapor e de vella, quando ainda ha cinco annos, quando muito, se encontravam dous, de tempos a tempos.

de renhidas luctas e sacrificios, teem mantido até hoje a sua independencia.

Os inglezes batidos, emfim, deixaram de os perseguir com as armas; mas infiltram-se nos seus territorios onde se teem estabelecido como agricultores, mineiros, commerciantes ou industriaes, augmentando sempre em taes proporções que se elevam hoje no Transwal a 35.000, quando a população boer não excede 80.000 almas.

A continuação d'este movimento deixa antever que n'um futuro não muito remoto o numero de inglezes excederá o de boers, e então o paiz terá mudado de nacionalidade e mais uma vez os boers serão dominados.

È a prespectiva que nos espera nas nossas colonias se não tomarmos muita cautella.

Apezar da paz os dous grupos Transwalianos são irreconciliaveis, e já hoje, nas luctas politicas, o partido inglez, mais poderoso em dinheiro, tem conseguido vencer o boer.

Os boers são pois naturaes alliados que encontraremos sempre promptos para defender a mutua indepencia.

Ha seis missões inglezas em Catembe, Matala, Maguia, Cassini e na propria cidade.

Estas missões são protestantes e ensinam ao indigena a sua lingua. Isto é perigosissimo para o dominio portuguez, tornando-se urgentissimo o estabelecimento de collegios e missões catholicas portuguezas, que possam neutralizar-lhe a influencia e nacionalisar a população infantil que ha de formar as novas gerações.

Tal é o paiz que os nossos emigrantes devem preferir ao Brazil; em todas as nossas colonias, protegidos pela mãe patria encontrarão previlegios que não teem nos outros paizes: particularmente os que partirem munidos de alguns conhecimentos, capitaes e vontade de trabalhar podem ter a certeza de adquirir boas fortunas e ao mesmo tempo ajudarão a patria a conservar preciosissimas joias, hoje tão cubiçadas por extranhos.

DISTRICTO DE INHAMBANE

(Revisto pelo ex.mo snr. conselheiro Augusto Castilho e tenente coronel Joaquim José Lapa)

Este districto tem aproximádamente a forma d'um triangulo, confinando a leste com o mar, a norte com o districto de Sofala do qual está separado por uma linha que se aproxima do parallelo 20; ao sul e oeste, o terceiro lado do triangulo, é formado pelo Limpopo desde a foz até ao extremo do Transwal onde toma o nome de Bumbe ou dos Corcodilos.

Este districto foi ha pouco entregue a uma empreza com poderes de soberania.

O interior não está bem conhecido; consta apenas que n'elle abundam os rios, os lagos e a caça.

Junto da costa o terreno é apenas ondulado; mas para o interior parece ir-se elevando, se o avaliarmos pelo que succede na margem direita do Save e esquerda do Limpopo.

O porto principal d'este districto é a bahia de Inhambane onde desagua o rio do mesmo nome; mas tem outros abrigos de somenos importancia, tanto para o norte como para o sul.

A bahia d'Inhambane tem na barra, durante a baixa-mar 4^m de fundo, é um ancoradouro abrigado, seguro e está illuminada por um pharolim.

Os seus rios principaes são o Ouro e o Inhapa-

lela que, dilatando-se no interior, forma o lago Inharime.

Apezar de não haver nenhuma serie de observações metereologicas que mereça credito, parece poder affirmar-se que a temperatura média annual não excede 16 ou 18 graus; de maio a setembro poderia classificar-se este paiz como temperado, tão baixa é a sua temperatura.

Em volta da villa os terrenos são tão pittorescos e salubres que mereceram a denominação de Cintra d'Africa.

Já varios individuos teem proposto a creação d'um posto sanitario n'este lugar, tão vantajoso o consideram para a saude do europeu. As informações colhidas das margens do Limpopo fazem esperar para o interior um clima egual ou melhor, pois que as insuas que lhe bordam as margens são limitadas por montanhas que se vão elevando successivamente mais, á proporção que se avança para o interior.

Ha exploradores que chegam mesmo a affirmar que nas montanhas do alto Limpopo ha pontos onde as febres passam por desconhecidas.

Devemos, porem, dizer que todas estas affirmações devem ser acolhidas com reserva, porque se não baseiam em estudos serios.

A densidade da população do districto parece constituir mais uma prova da fertilidade e salubridade do interior.

As raças indigenas que povoam esta região são os bitongas, barrongueras, landins e os mindongues que vivem mais para o interior.

Os bitongas são pacificos, cobardes, sordidos, ratoneiros e muito desconfiados; entregam-se á lavoura e á creação de gado caprino: tambem obteem aguardente de canna, improvisando um alambique com duas panellas de barro com as bocas adaptadas e barradas, e abrindo um buraco proximo ao fundo d'uma das panellas, no qual adaptam um cano de espingarda.

Os mindongues são muito mais trabalhadores e activos que qualquer das outras raças; monipolisam os officios de ferreiro, carpinteiro, pedreiro e ourives; cultivam terras e fazem o commercio das suas producções. Passadas as colheitas veem á costa para negociar, trazendo mel, gallinhas, arroz, cêra, borracha, esteiras, etc; mas a sua principal industria consiste no fabríco de enxadas que constituem a moeda do paiz e que correm com um valor oscilante entre 300 e 450 reis.

A população do littoral é docil e contrata-se á razão de 50 á 80 reis por dia; este preço, porem, tende a subir muito em consequencia da emigração que é em alta escala, sobre tudo para as ilhas da Reunião e Natal.

As raças que habitam o interior são mais bellicosas fazem correrias contínuas e não poucas vezes teem chegado até o littoral.

D'entre todos os mais notaveis são os vatuas que pela sua força, corpulencia e robustez inspiram aos outros povos um verdadeiro panico.

A população europea do districto limita-se a um pequeno numero de negociantes e empregados publi-

cos residentes na villa não perfazendo no total mais de 100 individuos.

A população aziatica é mais numerosa, e pode elevar-se na villa a uns 150 individuos.

As linguas que se fallam são tão variadas como os povos mencionados.

O solo é fecundissimo e eminentemente proprio para enormes plantações de canna saccharina, algodão, sementes oleaginosas, cereaes, batatas, café, etc.

Já se fez uma tentativa de cultura de chá que promettia bom resultado; mas com a morte do iniciador ficou abandonada.

O café de Inhambane é o melhor da provincia e na opinião de varias pessoas, entre as quaes se conta o fallecido sultão de Zanzibar, Said Borgacho, é superior ao de Moka.

A planta do café existe no estado selvagem em muitos pontos; mas melhora consideravelmente quando cultivada.

O unico agricultor que o cultiva é o snr. João Manoel Cerqueira de Souza que foi tambem quem descobriu a borracha e primeiro a exportou.

A cultura indigena tem decrescido sensivelmente com a exportação de braços.

No paiz não existe gado bovino nem cavallar.

As riquezas mineiras estão vagamente conhecidas por intermedio dos indigenas: mas suppõe-se serem muito abundantes.

Sabe-se que a tres dias da villa existe uma mina de cobre; na peninsula, junto da bahia, tambem cons-

ta haver minerio e nas montanhas que seguem o Limpopo existe cobre, ferro, e marmore de varias côres.

N'este districto está tudo por fazer mas com a creação da companhia que é obrigada a construir um caminho de ferro e que vae certamente emprehender valiosos trabalhos de exploração é seguro que dentro em pouco offerecerá aos nossos emigrantes um largo campo para exercerem a sua actividade.

A villa de Inhambane é uma povoação de umas 1500 almas, assente n'uma collina com bastantes casas d'alvenaria, entremeadas de palhotas.

As ruas são illuminadas e algumas profusamente arborisadas, o que dá á villa, vista de fóra, um aspecto altamente pittoresco.

Tem um pequeno caes de embarque, telegrapho semaphorico e deve em breve começar a montagem do eletrico.

Esta povoacão acha-se dividida em cinco bairros que separam as differentes populações indigenas, de mouros, a commercial e a europea.

Os habitantes, em grande parte mestiços de diffetes raças, dedicam-se exclusivamente ao commercio,

Exporta muito milho, amendoim, meixoeira, arroz, jugo, feijão, hortaliça, pelles e borracha no valor total de 250 contos: o valor da importação eleva-se a 230 contos.

III

DISTRICTO DE SOFALA

(Revisto pelos ex.mos snrs. conselheiro Augusto Castilho e tenente coronel Joaquim José Lapa)

Este districto fica ao norte do precedente, separado do de Manica pelo rio Buzio e é limitado a oeste pelas recentes possessões inglezas.

A administração e exploração d'este districto foi ha pouco entregue, juntamente com o de Manica, á companhia de Moçambique sob a fiscalisação do nosso governo.

Os portos mais notaveis do districto são os da ilha Chiluane e de Sofala; mas tambem são accessiveis: a foz do Save, as bahias de Mufumeno e de Mazanzane e a foz do Pungue.

Os rios principaes são os Save, navegavel em mais de 150 kilometros, que nasce na mais afamada região aurifera da Africa do sul e o Buzio, tambem navegavel, que nasce nas altas montanhas onde reside o celebre regulo Gungunhana, herdeiro dos invasores d'uma boa parte do vasto imperio de Monomutapa.

Caminhando da costa para o interior encontram-

terra guarda-a hoje pelo lado do mar. A população actual vive n'um enorme areal, ao norte da praça, em casas mal construidas de madeira e barro, cobertas de palha. Ha tres bairros: o de Inhacamba onde residem negociantes mouros e batias, o de mussungos do paiz e o da gente branca.

Os campos em volta estão incultos.

A séde do governo do districto acha-se na ilha Chiloane desde 1860.

Esta ilha, baixa e insalubre, não offerece recurso algum; a villa acha-se no ponto mais insalubre e em lugar opposto á enseada onde fundeam os navios.

A villa de Chiloane tem hospital, residencia do governador, tribunal, casa de escola, municipio, quartel e alfandega; mas tudo pobrissimo. Em volta d'estas construcções acham-se agglomeradas casas de negociantes e palhotas de pretos serviçaes.

A importação deve regular por uns oitenta contos.

Do governo de Chiloane depende tambem o archipelago de Bazaruto formado pelas ilhas de Bazaruto Grande, Bazaruto Pequeno, Santa Carolina Bunguerua, Magaruque e Chigene.

Bazaruto Grande é uma ilha importante, muito fertil e povoada por uns 800 indigenas pacificos; n'ella abunda o gado e a caça.

IV

DISTRICTO DE MANICA

(Obtido por informações directas do ex.mo snr. Francisco S. Gorjão de Moura primeiro governador do districto e pelo ex.mo snr. Luiz Ignacio, ultimo governador do Zumbo.)

Este districto confina ao norte com o Zambeze, a sul e leste com o de Sofala, a oeste com as possessões inglezas.

A séde do governo é em Gouveia na falda septentrional da montanha Gorungoza.

Na parte confinante com o Zambeze está este districto dividido em prazos, alguns de grande extensão.

O unico rio importante d'este districto é o Pungue, navegavel por uns 200 kilometros.

A salubridade do districto é variavel.

No prazo Gorungoza, onde existem gigantescos pantanos, as febres abundam, mas a dous dias de marcha da estação Nunes Ferreira para oeste e leste, os terrenos elevam-se e começam logo a apparecer pontos salubres e abundantes de boas aguas; no praso Cheringoma, na montanha Gorumgoza, em todo o Quiteve e no Zamve existem pontos favoraveis ao estabelecimento do europeu. A população

preta tem a designação geral de cafreal mas decompõe-se nas mesmas raças que os districtos anteriores.

O socego n'este districto é completo; a abundancia relativa de população branca e os recursos de que dispõe para a exploração do ouro determinam já a completa extincção das correrias dos vatuas, que tanto incommodam os outros districtos.

O europeu transita, presquiza o ouro ou dedica-se á cultura da terra emquanto o preto, já livre de sustos, se entrega ao ocio favorito, se contracta com o branco ou faz as sementeiras.

Nos prasos o preto trabalha a duas braças d'algodão por semana; mas no littoral e em Manica as suas exigencias teem já subido extraordinariamente.

Na agricultura predomina o typo indigena; nos ultimos tempos teem-se feito algumas plantações nos prasos, apezar dos arrematantes se dedicarem principalmente ao commercio e um pouco á exploração do ouro nas areias aluviaes dos rios.

As terras são fertilissimas e abundantemente irrigadas pela natureza; os generos são facilmente valorisaveis no proprio local da producção em consequencia da invasão sempre crescente de exploradores mineiros e da facilidade de transportes que já hoje ha pelo Zambeze.

A riqueza mineira é de primeira ordem. Só em 1889 a companhia de Moçambique descobriu cinco campos de ouro, alem de algumas dezenas que já possuia.

Este districto foi o campo de batalha onde mais vivamente se degladiaram os interesses dos portu-

guezes defendidos pela companhia de Moçambique contra a South Africa o que não nos impediu de perdermos uma porção de territorios já em exploração.

A riqueza aurifera d'esta região e o desenvolvimento do paiz dos matabelles, hoje dos inglezes, são garantia segura de que em breve attingirá um desenvolvimento consideravel.

A bahia de Mazanzane terá dentro em pouco os melhoramentos necessarios para satisfazer ás exigencias da navegação, a pobre povoação de Bangue e o modesto porto da Beira serão substituidos pelo levantamento d'uma cidade nova no Jobo ou em algum outro ponto, proximo, mais salubre.

A navegação dos rios Pungue, Busi e Save que já hoje serve de via de communicação entre a alta Manica e a costa, será substituida pelo caminho de ferro que a companhia de Moçambique tem obrigação de construir n'um curto prazo.

Por agora a povoação mais importante do districto é a de Paiva de Andrade no Massiquesse onde a companhia de Moçambique tem os seus armazens e onde existem ainda as ruinas d'um nosso forte antigo.

A villa de Sena na margem direita do Zambeze é uma velha povoação que foi outr'ora a capital d'um vasto districto do mesmo nome; tem hoje apenas uns 1:500 habitantes, em parte descendentes dos opulentos e numerosos moradores d'outr'ora.

As casas são terreas, mas construidas á europea; as ruas estão illuminadas.

Todos os generos alimenticios que se consomem em Sena veem da outra margem do Zambeze que é muito mais fertil e salubre.

Ao longo do Zambeze ha valiosos pontos commerciaes nas aringas, residencias dos arrematantes dos prazos e junto das fortalezas onde estacionam as guarnições.

V

DISTRICTO DE TETE E ZUMBO

(Revisto pelos ex.mos snrs. conselheiro Augusto Castilho, tenente coronel Augusto Cesar Oliveira Gomes e tenente Luiz Ignacio.)

Estes dous districtos, hoje encravados nas terras inglezas, foram pelo tratado consideravelmente reduzidos na sua extensão anterior avaliada pela área da nossa influencia real sobre os regulos.

N'esta região ha pontos excellentes para a saude, como são a Makanga, onde as intermittentes passam por serem raras, o cimo da serra Massancoa, a leste do Zumbo, as terras de Macomo, Bruma, Hilara e outras.

Durante o inverno os terrenos altos chegam a cobrir-se de gelo como as provincias do norte de Portugal.

No districto fallam-se as linguas cunda, m'uiza, uemba, iramba, hilara, urange, sari, mueune e ambuera; todas com muitas affinidades entre si.

Esta região é cortada por varios rios navegaveis, pelo menos durante seis mezes do anno.

A tres kilometros de Tete começam logo as aflorações dos immensos jazigos carboniferos que se

estendem n'uma larguissima área de muitos graus, tanto para o norte como para o sul, onde egualmente abunda o ouro e pode apparecer o diamante.

Ha conhecidissimas minas d'ouro em todo o paiz de Macomo, Inhamaconde, Chôto, Mase-amutanda, Makanga, Pimbe, Hilara, rios Changoa, Choa e suppõe-se com fundamento a existencia de muitos outros campos.

Na serra Capçuco, que corre parallela ao rio Maze-amutanda e ao Zambeze, existem importantes jazigos de cobre e ferro; na Manica do Norte existem os mesmos metaes e a hulha, que tambem afflora em muitos outros pontos.

Nos prazos dependentes d'este governo cultiva-se bastante trigo e outros productos apropriados ao europeu, que se dão d'uma maneira prodigiosa em quasi todo o paiz; mas não se vendem, porque a extracção é impossivel em consequencia da carestia e morosidade dos transportes.

A caça do bufalo, zebra, elephante etc. constitue ainda a principal fonte de receita do negociante; o marfim d'elephante começa já a ser bastante escasso mas o do cavallo marinho abunda.

As madeiras são abundantes.

O algodoeiro expontaneo assim como outras fibras vegetaes são aproveitadas para a confecção dos tecidos grosseiros indigenas. Ha muita borracha, cêra, optimo tabaco, pontas d'abada, etc. Os generos para consumo do gentio são baratos; para o europeu não são caros os productos na região.

Abunda o gado lanigero, o suino e bovino.

Na Manica do Norte compra-se um boi por uma peça de algodão crú.

O unico commercio do districto consiste na permutação de polvora e armas por marfim, pelles e ouro em pó.

O salario do preto regula 50 reis por dia.

A antiga villa de Tete não tem progredido; mas conserva uma população numerosa e constitue o centro commercial, por ora unico, d'essa vasta extensão que vai do lago Niassa aos Matabelles.

A villa fica n'um outeiro proximo ás abas occidentaes da serra Caroeira, na margem direita do Zambeze, a trinta dias da costa.

A sua temperatura de verão oscilla entre 15 e 40° centigrados.

Em volta da villa ha umas depressões do terreno que alagam pelas chuvas produzindo, principalmente n'esse periodo, uma larga messe de affecções palustres.

Os habitantes dedicam-se quasi exclusivamente ao commercio, que fazem mandando aviados ou pombeiros trocar nos sertões circumvisinhos os productos europeus.

Uns 20 kilometros a montante de Tete, tambem na margem direita do Zambeze, fica a missão jesuitica de S. José, hoje arrematante do prazo Baroma onde educam umas cincoenta creanças indigenas ensinando-lhe varios officios e lingua portugueza.

Infelizmente as condições de salubridade da missão são pessimas.

Esta missão apesar de completamente desarmada

tem sido sempre respeitadas pelas correrias do gentio, que muitas vezes tem chegado a atacar Tete.

O Zumbo é a guarda avançada do nosso dominio no interior; fica na margem esquerda do Zambeze a 100 kilometros de Tete. A viagem entre os dous pontos faz-se por terra até Chicôa em sete dias e d'ahi ao Zumbo vae-se pelo rio em 15 a 18 dias, ou por terra em 8 a 9 dias.

Nas margens do Zambeze continuam espaçadas as feitorias e aringas de differentes negociantes e capitães-móres até á fóz do Sanhati d'onde introduzem no Baratoze as suas mercadorias.

A villa do Zumbo é uma pequena povoação isolada, onde reside a auctoridade portugueza que tem sob suas ordens differentes commandos militares.

Ultimamente levantaram-se no Zumbo varias casas de construcção regular, tanto do governo como de particulares e outras se cobriram de telha; tambem se abriram novos caminhos, e construiram embarcações.

A villa assenta n'um plano inclinado e não tem pantanos em volta; a sua temperatura é um pouco mais baixa que a de Tete mas apezar de tudo, talvez em consequencia dos ventos reinantes, as condições de salubridade deixam bastante a desejar.

Os prazos andam arrendados por uma insignificancia; a sua cultura offerece vantagens bastante convidativas para quem tenha algum capital, instrucção e souber dirigir o preto.

VI

DISTRICTO DE QUELIMANE

(Revisto pelos ex.mos srs. conselheiro Augusto Castilho e Cesar Augusto Gomes Ribeiro).

Este districto estende-se da margem esquerda do Zambeze até ao rio Moniga que o separa do districto de Angoche; acha-se dividido n'uma multidão de prazos, principalmente accumulados na margem do Zambeze. Alguns d'estes prazos são tão grandes como districtos da metropole, pois chegam a ter 40:000 almas: os principaes são hoje directamente administrados pelo estado e estão guarnecidos por destacamentos militares.

Os portos principaes do districto são: — a foz do Licungo, o Linde, o rio Mucusse, cuja barra dá accesso a navios de 2000 toneladas, e algumas bocas do Zambeze, destacando-se entre todas o Chinde.

O estuario do Zambeze estende-se de Quelimane, onde fica a sua entrada do norte no tempo das cheias, até ao Inhamissengo.

A barra de Quelimane é a mais constante, porem a de Chinde é por agora a que offerece maior fundo, pois que nas minimas aguas mede tres metros.

O Zambeze, hoje de livre navegação, é a maior arteria do interior da Africa austral, pois que as suas aguas veem do Cubango e Liambege no paiz dos Ganguellas, que faz parte do nosso districto de Mossamedes.

O Zambeze é navegavel por vapores de fundo chato desde a foz até Cachoeira de Quebrabassa, d'ahi em diante, pelo menos durante seis mezes do anno, pode navegar-se em pequenas canoas até alem da foz do Sanhati: porem, toda esta navegação é difficil, umas vezes pelos baixios e estoques d'agua, outras pela impetuosidade da corrente.

O Chire que liga o Niassa com o Zambeze, pode ser todo percorrido nas mesmas condições por vapores, mas a navegação é interrompida pela cachoeira Mamoira.

Na zona do Zambeze o periodo das chuvas começa em meados d'outubro e já se prolonga um pouco mais do que em Lourenço Marques.

No vasto estuario d'este rio, reina, soberano, o impaludismo, apezar de os seus effeitos estarem já n'alguns pontos sensivelmente attenuados em consequencia do saneamento que naturalmente deriva da agricultura.

Marginando o rio existem nas mesmas condições de insalubridade extensissimas varzeas de terrenos d'alluvião, annualmente submersos pelas gigantescas inundações do rio, que em muitos pontos eleva o seu nivel de dez metros e mais.

Os mezes mais insalubres são de dezembro e abril.

Para o interior do districto ha muitas montanhas

como é Milange, ao sul do lago Chirua, Chimioara, Punduma, Morrumbala, onde a altitude se eleva de mil a tres mil e quinhentos metros e onde o clima se pode considerar bom, havendo informadores que o egualam ao sul de Portugal e chegando outros a affirmar, provavelmente com exaggero, que n'alguns pontos são desconhecidas as febres que não sejam importadas.

No interior do districto de Quelimane a raça arabe toma definitivamente o ascendente sobre o indigena; d'ella, pura ou mestiça, sahem todos os regulos que d'aqui para o norte se chamam Xeques e alguns dos maiores teem mesmo a pretensão de se denominar Sultões.

A Zambezia é o coração da provincia. N'alguns dos prazos que marginam o rio começa já a esboçar-se o typo de fazenda agricola que tanto convem ao nosso colono.

O indigena é ainda hoje quem cultiva principalmente o solo, visto que muitas das tentativas europeas teem abortado por falta de conhecimentos, de experiencia, de capital ou de segurança.

Mas desde que a policia e a cobrança dos impostos em muitos prazos começou a ser feita pelo governo o socego estabeleceu-se e os braços abundaram.

Hoje contrata-se um homem de 60 a 120 reis por dia, ou á razão de quatro braças de panno riscado por semana. As mulheres ganham metade.

Actualmente apenas se sente a necessidade de policiar melhor os campos porque o indigena acos-

tumado a não ter propriedade, colhe os fructos ou extrae a seiva da palmeira onde quer que a encontre.

Apezar de tudo teem-se feito ultimamente importantes plantações de palmeiras, não só para serem louvadas á sura [1] mas para a exploração dos fructos e da fibra.

Ha varias plantações de canna saccharina para a extracção d'aguardente. A antiga companhia do opio, reconstituida hoje, tem uma enorme plantação de canna e procede á montagem d'uma grande fabrica para a preparação do assucar em Mopea, onde um colono inglez tambem já tem tirado abundantes colheitas de magnifico café.

Nota-se um desenvolvimento consideravel em todas as culturas dos indigenas e d'outras apropriadas á alimentação do europeu.

Entre todas as propriedades merece especial menção o prazo Mahindo na foz do Linde, pertencente á firma Correa & Carvalho cuja iniciativa e actividade honram o nosso paiz; porquanto a cultura d'estes terrenos é tão bem dirigida que póde servir de modelo em toda a provincia.

A borracha é abundantissima e está-se exportando em quantidades crescentes. Infelizmente a exploração barbara do gentio já tem exterminado a trepadeira que a dá nos prazos Madali, S. Paulo e n'outros. Tem-se fallado em ensaiar a plantação de differentes outras especies exoticas que produzem a bor-

[1] Colheita da seiva para vinho.

racha; mas até hoje ainda nada se fez n'este sentido apezar de ser negocio para grandes lucros.

Tambem são frequentes as arvores rezinosas que fornecem a gomma copal, arabica e outras, as plantas textis como o buazi, cangé, mololá, inhakoè, kiabós, ananaz, sumaúma, algodão, palmeiras, etc.

A fertilidade da margem do Zambeze é enorme; os preços dos generos obtidos é insignificante. E' porém de esperar que com o movimento de viação crescente do Zambeze, que já hoje põe em ligação facil com a Europa extensas regiões, e com a exploração do ouro, os preços subam aos valores fabulosos que attingem no sul.

Os preços dos generos arrematados para o batalhão de Quelimane em 1890, foram:

Grão................	160	reis	o	litro
Macarrão............	395	»	»	kil.
Carne...............	240	»	»	»
Hortaliça...........	100	»	»	»
Vinagre.............	195	»	»	litro
Azeite..............	599	»	»	»
Vinho...............	1$200	»	»	»
Milho...............	600	»	a	panja[1]
Amendoim............	500	»	»	»
Gergelim............	600	»	»	»

[1] A panja deve ter 24,5 litros, mas varia, não só de terra para terra, mas de casa para casa; por forma tal que as oscilações vão de 15 a mais de 40 litros.

*

O commercio para o interior tem-se feito por intermedio de numerosas caravanas arabes que em épocas fixas vêm ao prazo Boror e chegam mesmo a Quelimane.

E' n'este districto que até agora os europeus teem tirado maiores lucros do seu commercio e onde os indios estabelecidos se acham relativamente em maior numero.

Emquanto á riqueza mineira não está conhecida. Apenas se sabe que na Serra Morrumbala existem nascentes thermaes sulfurosas e falla-se vagamente em muitos jazigos metalicos.

Este districto deve particularmente attrahir o nosso colono que disponha d'alguns recursos, porquanto encontra n'elle pontos salubres, terrenos riquissimos, pontos commerciaes importantes e muito provavelmente riquezas mineiras.

Quelimane, capital do districto, é uma villa de tres mil almas, situada em terrenos baixos e paludosos, na foz commum dos rios Lucuari e Mirramboni que no tempo das chuvas communicam com o Zambeze.

As casas são espaçadas, baixas, mas arruadas e regulares.

A massa da população é tão pouco illustrada que mal se encontra gente para constituir uma commissão municipal. Os mais competentes para estes cargos acham-se disseminados pelos prazos dedicando-se á agricultura onde tem ligados os seus interesses.

Apezar da posição, a insalubridade de Quelimane é muito menor do que era de presumir; muitos dos individuos que teem regressado depois de alli residi-

rem muitos annos não trazem affecções apreciaveis no figado nem no baço.

N'esta povoação ha telegrapho para Chiromo no Chire, para Tangalane, Chiloane e está-se construindo para Tete; tem jornal, edificio municipal e outras repartições officiaes.

O desembarque de mercadorias é feito por trasbordo a 4$500 reis por dia; a distancia a percorrer é muito curta. No caes de madeira, em frente da alfandega de Quelimane, cobra-se um imposto de 450 reis por tonelada.

O porto está exposto ás monções de nordeste e a fortes correntes maritimas.

A alfandega deve accusar hoje uma importação approximadamente de 430 contos, a avaliar pela progressão média de 20 contos que tem tido annualmente nos ultimos tempos.

A exportação eleva-se a 400 contos e tem crescido 5 contos por anno.

Projecta-se um transway em Magourromba, da ribeira Quouaxiema até ao Zambeze proximo de Mopea, ligado com um serviço de pequenos vapores até Quelimane, com o fim de conservar a este porto o privilegio da navegação do Zambeze, como até aqui tem tido.

Inhamissengo é uma pequena ilha na foz do rio do mesmo nome, onde temos um posto fiscal em torno do qual residem alguns negociantes e os seus dependentes.

O terreno da ilha não tem em si valor algum; mas como ponto commercial é de primeira ordem, não só

por ser o complemento do porto de Quelimane para a entrada do Zambeze; mas porque não podendo os navios d'alto bordo navegar o rio, teem aqui de fazer as baldeações e de se fornecer com mantimentos para o interior. Estas circumstancias apontam a ilha de Inhamissengo como um natural deposito das mercadorias para o interior, como prova o movimento da alfandega que está tendo um desenvolvimento rapido.

De Inhamissengo ha telegrapho para a Conceição.

Mopea é um posto militar no ponto de confluencia das boccas do Zambeze na margem esquerda do Quaqua. Todos os barcos que podem entrar o Zambeze tocam aqui e d'este ponto tambem partem todas as caravanas que por terra se dirigem para o alto Chire e Niassa.

A importancia commercial de Mapea está muito ameaçada pela navegação regular do Zambeze e do Chire e sobretudo pela ligação facil do lago Niassa com a bahia de Tungue.

VII

DISTRICTO D'ANGOCHE

(Revisto pelo Ex.mo Snr. Conselheiro Augusto Castilho e coronel Augusto Cesar d'Oliveira Gomes).

Fica ao norte de Quelimane e ao sul de Moçambique do qual está separado pelo rio Sangage.

O seu unico porto é o de Parapato, séde do governo, onde podem fundear as maiores embarcações. O seu rio mais conhecido é o Angoche, navegavel até á ilha Esperança por embarcações costeiras; n'este rio entra-se pela barra do sul, que os indigenas denominam Janga.

O rio Melure é navegavel por umas 30 milhas até ás terras de Imbamella. Os rios Quissungo, Moluqui e Mlela estão por explorar.

Do interior pouco mais se conhece para além do monte Parapato, mas sabe-se que os terrenos são accidentados.

Na costa abundam os areaes e as dunas que tendem a crescer.

De dia a temperatura eleva-se, aproximadamente, de verão, até 40° e de inverno a 28° ou 30° mas faltam completamente as observações regulares.

O clima do littoral passa por mau em consequen-

cia da abundancia dos charcos e da cultura dos arrozaes.

A população vive sujeita a xeques, quasi todos vivendo ainda na mais completa independencia.

Apenas na costa temos alguns postos militares nas localidades onde ultimamente se tinha abrigado o commercio da escravatura.

A população parece relativamente densa e avalia-se aproximadamente em 200:000 almas.

Os habitantes d'esta região não constituem uma raça pura; além da indigena escravisada ha a classe dominante que é semita e mestiça, com o typo denominado mouro.

Esta raça é intelligente e ousada; tem manifestas vantagens e uma civilisação muito superior ao typo mais elevado da raça mongolica.

O mouro não gosta de trabalhar; as suas occupações predilectas são o commercio, a escravatura e a guerra; a sua religião é a mahometana de que fazem larga propaganda.

Além do mouro encontram-se espalhados no districto muitos arabes puros e alguns banianes e batiás, que aqui veem negociar.

Portuguezes poucos mais existem além das auctoridades.

As linguas que se fallam são o macua, arabe e portuguez.

Das riquezas a explorar não ha estudos; apenas se póde dizer que abunda o braço do indigena (aqui bastante habil) prompto a enriquecer aquelles que alli forem explorar em beneficio da civilisação.

Não ha um unico estabelecimento agricola europeu, nem seria por agora facil montal-o em consequencia da falta de segurança.

As artes indigenas estão aqui mais desenvolvidas que nas provincias do sul; os objectos metalicos manufacturados pelos naturaes provam a existencia de jazigos de ouro, ferro e cobre em condições de facil exploração.

As florestas abundam.

A exportação principal do districto é amendoim, em que excede todos os outros e depois o arroz, milho, gergelim, marfim, gomma copal, artigos de tecido vegetal e pouca borracha.

O unico ponto d'alguma importancia commercial onde se acham estabelecidos uns poucos de negociantes aziaticos e a filial d'uma casa europea de Moçambique, é Parapato.

Em Parapato, além das edificações officiaes e do forte, ha muitas casas regulares, muitas das quaes estão hoje cobertas de telha ou zinco.

VIII

DISTRICTO DE MOÇAMBIQUE

(Revisto pelos Ex.mos Snrs. Conselheiro Augusto Castilho e Cesar Augusto Gomes Ribeiro.)

Este districto fica entre os de Angoche e Cabo Delgado, tendo por limite norte o rio Lurio.

A capital do districto e da provincia ainda permanece na ilha de Moçambique.

O porto mais frequentado do districto é o de Moçambique que se está assoreando; mas cinco milhas para o sul existe no continente um explendido e amplo porto na bahia de Mucâmbo, para onde fatalmente se hade transferir todo o movimento commercial do primeiro.

Ha ainda outros abrigos e ancoradouros na costa; mas estão mal conhecidos e teem pouca importancia commercial.

A população dominante ehama-se macua e pertence ás mesmas raças que a do precedente districto.

O macua submettido é indolente e estupido; mas os manjáos (mouros) que dominam os primeiros, são intelligentes e dão com facilidade bons artistas em qualquer officio que se lhes ensine. Estes ultimos fa-

zem uma larga propaganda da sua religião mahometana, até mesmo na capital, onde possuem umas poucas de mesquitas.

Alguns macuas fallam o portuguez, mas não o escrevem, apesar de muitos saberem escrever o arabe.

Abundam os aziaticos, quasi todos de Bombaim, vindos em procura de emprego; são em regra artistas, negociantes e empregados publicos.

A costa é doentia; mas nos planaltos, cujos contrafortes começam logo a 30 kilometros da costa, referem-se pontos muito salubres, embora tenhamos de acceitar com reserva taes informações por falta de estudos inteiramente dignos de credito.

O districto é muito arborisado.

Convergindo ao porto de Mucambo, ha muitas estradas, ou antes caminhos, por onde se faz o transito para as fazendas.

O povoado mais importante da parte continental é Mussuril, que constitue o mercado onde a cidade se abastece e o gentio vem em grande massa fazer o seu negocio.

Embora os generos não affluam sempre com a mesma regularidade, apparece á venda no mercado de Mussuril, arroz, feijão, chicote, jugo, ervilha, milho grosso e fino, gergelim, amendoim, maraca, muxiri, mafurra, coco, manga, ata, cajú, ananaz, laranja, limão, cidra, tangerina, banana, goiaba, amora, jagama, jambo, jambelão, melão, papaia, romã, maçã silvestre, carrapato, purgueira, couve, repolho, alface, nabo, cenoura, rabano, tomate, alho, cebola, agrião, salsa, coentro, hortelã, mostarda, pimenta, gonçali-

nho, aboboras, quiabos ou bendas, pepino, melancia, gengibre, açafrão, beringella, bretalha, café, canna saccharina, batata doce e redonda, mandioca, inhame, ichinquilha, algodão, sêda vegetal, etc.

Ha muito gado vaccum e caprino.

Tambem apparecem á venda maticaes[1] d'ouro, barras de prata, malachite, ferro, cêra, anil, obras de tartaruga, sagu e cauril.[1]

A ilha de Moçambique, onde fica a cidade de S. Sebastião, capital do districto e da provincia, é baixa, de formação carolina, tendo cerca de meio kilometro de largo por tres de comprido e fica tão perto do extremo sul da pequena peninsula do Mussuril que alguns governadores se teem já lembrado de ligar a ilha por uma ponte. Parece porém que este projecto não tem creado adeptos.

Entrando-se no porto de Moçambique fica á esquerda a ilha e á direita as terras firmes de Cabeceira Pequena (povoação só de mouros), Cabeceira Grande, Mussuril, (onde ha um palacio para o governador); Ampoense, Ampopa, Sumbo e Sancul.

A estação da chuva vai dos meados d'outubro a fevereiro, mas até maio sempre cahe alguma agua.

[1] Matical é um tubo de penna contendo 1,5 oitava d'ouro em pó que n'alguns pontos serve de moeda.

[2] Cauril é um pequeno buzio que apparece nas praias em grande quantidade. O fino vende-se á razão de 600 reis a panja. O cauril serve de moeda em muitos pontos do interior e é exportado pelas casas francezas para a costa da Mina.

O clima é insalubre, sobretudo em fevereiro e março.

A melhor época para a chegada dos emigrantes é de abril a agosto.

Os saneamentos a que se tem procedido na cidade e as medidas policiaes, teem melhorado menos do que era de esperar o estado sanitario da cidade, em consequencia do pouco aceio dos habitantes e da falta d'agua.

Os baneanes sobretudo teem no interior das suas casas verdadeiros focos d'infecção.

A agua para consumo é toda de chuva, depositada em grandes cisternas, que nem sempre estão nas melhores condições de aceio.

O uso dos filtros é considerado como um luxo inutil e extravagante.

A ilha não offerece em si recursos alguns; basta o mar conservar-se mau por quatro ou cinco dias para que se comece logo a fazer sentir uma crise alimenticia.

A pequena pesca que se faz de forma alguma chega para a população de 12:000 almas que cobre a ilha.

A falta de recursos, o assoreamento do porto que se acha já reduzido a ponto d'um navio grande não poder já voltar e o isolamento em que se encontra de todo o movimento continental a séde do governo d'uma provincia tão vasta e rica, fazem antever que a ilha hade acabar por ser abandonada pelas auctoridades principaes e pela importante força armada que ali estaciona na mais completa inutilidade.

A cidade de S. Sebastião tem apenas umas quarenta ruas e sete largos; está dividida em dous bairros: — o europeu, onde tambem vivem os negociantes asiaticos, e o indigena.

As vias publicas são espaçosas, arborisadas, illuminadas a petroleo e apparentemente aceadas. Tem varias egrejas e conventos, mas tudo deteriorado, porque a religião que prevalece e progride é a mahometana. Ha bastantes edificios civis de bom áspecto, destacando-se entre elles o palacio do governo, que foi primitivamente uma fortaleza edificada por D. Affonso d'Albuquerque.

Ha na ilha um arsenal importante regularmente provido, que já hoje presta bons serviços no concerto de navios, pharoes, armamento e correame do exercito.

A cidade possue tambem uma escola d'artes e officios, um bom hospital, ponte d'atraque com guindaste, etc.

Tem bastantes casas commerciaes importantes, tanto estrangeiras como nacionaes.

O Banco Nacional Ultramarino monopolisa a permutação de fundos em toda a provincia para o que tem agencias em differentes pontos; mas o seu exclusivo não poderá durar muito.

A importação de Moçambique tem crescido annualmente uns 40 contos e deve hoje elevar-se a 800.

A exportação tem ficado estacionaria nos ultimos tempos; não excede a 350 contos.

Na cidade, como tem odo o norte da provincia,

os braços faltam; porque o mahometanismo junta á indolencia natural provocada pelo clima, o prejuizo de que o trabalho é deshonroso e só digno de escravos. Este facto, a falta de instrucção que se nota na capital e ainda a exportação das libras que em alta escala se faz para Bombaim, são factores que muito prejudicam o rapido desenvolvimento de que a provincia carece.

Apezar de tudo o numerario augmenta sensivelmente, fazem-se esforços por derramar a instrucção e em todos os ramos d'actividade humana se notam symptomas de progresso, embora mais lento do que era para desejar.

As industrias limitam-se á fabricação de cachimbos, barretes de palha e algodão branco, louça de barro muito ordinaria, sal, cal, queijo, aguardente, oleos, obras de palma, tartaruga e alguns trabalhos em metal.

A capital não offerece attractivos para quem se queira estabelecer nas proximidades, mas no continente do mesmo districto ha elementos muito importantes para crear riqueza.

IX

DISTRICTO DE CABO DELGADO

(Revisto pelo Ex.mo Snr. Constancio José de Brito, dig.mo governador do districto.)

Este districto occupa todo o norte da provincia e districto de Moçambique; fica ao norte separado da possessão allemã de Zanzibar pelo rio Rovuma.

Apezar das explorações de Silva Porto, Monteiro, Gamito e outros, o interior d'esta região ficou e está ainda desconhecido.

O seu porto mais frequentado até hoje tem sido o de Ibo, mas possue outros magnificos nas bahias de Tungue e Pemba, destinados ambos a um largo futuro.

Tem varios rios mal conhecidos, sendo de todos o mais importante o Rovuma, navegavel n'uma grande extensão, que não só póde facilitar o movimento commercial até perto do Nyassa, mas no interior do nosso districto, pelo seu principal affluente, o Sienda, que vem das proximidades do lago Chirua.

A temperatura medea deve ser um pouco superior ás dos districtos do sul; mas apezar d'isso, Cabo Delgado passa por ser geralmente salubre, não só no littoral mas no interior.

E' certo que nas proximidades das terras baixas e dos pantanos, as manifestações palustres grassam com intensidade; mas este inconveniente está aqui attenuado pelas boas situações excepcionalmente escolhidas para construir algumas das fontos existentes, em volta das quaes se devem de futuro erguer as povoações.

Tungue tem um porto amplo e bem abrigado, com ancoradouro d'areia e um fundo de 9 a 33 metros.

A existencia d'este porto, proximo do rio Rovuma, sem outro ponto na costa de Zanzibar que lhe possa fazer concorrencia, deixa seguramente prever que o estabelecimento da navegação regular do Rovuma e a sua ligação fácil com o Nyassa por um caminho de ferro seria bastante para levantar aqui uma importantissima cidade, emporio do commercio de toda a região dos Lagos, que constitue, póde dizer-se, todo o interior da Africa Central.

A povoação de Palma, onde fica o commando militar de Tungue, assenta n'um formidavel pantano mixto, altamente insalubre e de difficilimo esgoto; mas na mesma bahia existe em muito melhores condições de salubridade um vasto terreno apropriado para uma povoação.

Ibo, onde fica a residencia do governador, é uma ilha muito quente, mas muito salubre; apenas no fim das chuvas apparecem ali algumas febres; mas nunca de mau caracter.

Esta villa dista cinco milhas do porto, o que representa um dia para as embarcações lá irem e voltarem.

A alfandega d'Ibo, pela qual se afere o movimento commercial do districto, tem crescido cerca de 20 contos por anno; em 1889 elevou-se acima de 500 contos. A exportação tem crescido 15 contos por anno e eleva-se a cerca de 190 contos.

No continente, a delegação de Musingane teve o movimento de 6 contos.

Mossimboa, que tem defronte uma magnifica bahia, é outro ponto commercial importante.

São tambem dignas de menção as povoações de Quissanga e Fumbo pelo movimento que teem. Todos estes pontos são irradiações commerciaes da bahia de Pemba.

Em 1857 tentou-se crear n'este ponto uma colonia europea; mas por differentes circumstancias dispersou completamente.

Este districto exporta borracha, cauril, gergelim, gomma copal, cereaes, marfim, aljofres, café e calumba.

A via commercial mais importante do interior é a que vae de Mido (Mualia), paiz vasto e rico, ao longo do fertil rio Montepués, para Quissamba.

Nas margens do Rovuma existem gigantescos jazigos de hulha.

No archipelago de Cabo Delgado, formado por 20 ilhas, das quaes só Ibo, Quirimba, Matenio, Bringosa e Fumbo são habitadas, existe tambem a ostra da perola até agora muito pouco explorada.

Este districto acaba de ser concedido a uma poderosa companhia, que seguramente não deixará de explorar não só a posição commercial, mas as rique-

zas mineiras e agricolas que possue e, desde que os capitaes ali comecem a affluir, é de presumir que offereça aos nossos emigrantes vantagens muito convidativas.

Esperamos que este periodo não se fará esperar muito.

CAPITULO III

HYGIENE, THERAPEUTICA, FORMULARIO

PRIMEIRA PARTE

HYGIENE

As regras da hygiene ensinam a evitar as doenças e conservar a saude.

A importancia e efficacia das praticas hygienicas é tal que na India, os inglezes, conseguiram com o seu auxilio reduzir a mortalidade annual dos seus soldados, de 82 % a 14,84 %.

Se nas cidades europeas que gosam d'um clima salubre a hygiene é necessaria, como todos reconhecem, nos paizes intertropicaes, altamente insalubres, ella é absolutamente indispensavel para o europeu ahi poder viver.

A improficuidade dos nossos trabalhos de colonisação na Africa, para onde ha quatro seculos mandamos soldados, empregados, degredados e colonos é devida ao desprezo que temos tido pela hygiene: como

prova, basta considerar que os degredados que vivem miseravelmente morrem em maioria, e a quasi totalidade dos empregados que vivem confortavelmente resiste ao clima, regressando muitos com perfeita saude, até dos pontos mais doentios.

Hygiene alimentar—O immigrante africano deve esforçar-se por abandonar a alimentação do seu paiz e adoptar por typo a do indigena.

Esta mudança, porem, deve ser tanto menos radical quanto mais adiantada for a edade, mais differente o clima e a alimentação a que se estiver habituado; e convem que seja feita não subita, mas lentamente.

O regulador da marcha na rapidez das alterações alimentares deve ser o estomago de cada um, quando esteja são, isto é, só se devem comer alimentos quando se deem bem com o estomago.

Habitualmente só se deve comer quando já se sinta vontade.

Quando a vontade falte para as horas da comida, deve-se fazer antes algum exercicio para despertar a vontade e podem-se usar os amargos.

Todas as comidas indigestas devem ser cautelosamente evitadas; porque a indigestão é a parte de entrada dos embaraços gastricos, dyspepsias e diarrheas que ceifam muitas vidas nos paizes quentes.

Estão n'este caso os fructos verdes, os que tendem a produzir relaxação do ventre: como os tamarindos, a ameixa, etc.: os alimentos de difficil digestão, como a melancia, o melão, a manga, os ovos cosidos,

as comidas salgadas, todos os alimentos alterados, etc.

A alimentação vegetal de sopa de vinagre, milho, mandioca, pão, inhame, arroz, grão, feijão, bolacha chocolate, leite, ovos crús ou quentes, banana, laranja, etc., e mesmo peixe fresco e as carnes brancas são preferiveis ás carnes vermelhas e sobre tudo ás gorduras.

Quando se use de carne, não deve ser cosinhada logo depois de abatida, mas passado o tempo necessario para começar o primeiro periodo de decomposição, isto é, de 4 a 12 horas.

Devem-se usar temperos excitantes nas comidas, taes como pimenta, pimentão, conserva, mostarda, canella, vinagre, alho, gengibre, hortelã, rabão, agriões, etc., nas quantidades apenas sufficientes para estimular a digestão, que nos paizes quentes tem sempre tendencia para se enfraquecer e retardar.

Não se deve, porem, nunca esquecer que o abuso das especiarias, póde determinar perigosissimas inflammações intestinaes.

E' perigoso deitar-se á noite com o estomago cheio. E' um bom regimen jantar ás 5 horas e deitar sem ceia.

Depois de jantar póde-se dormir a sesta; mas não por mais de uma hora e com a condição de fazer depois bastante exercicio physico.

Quando, apesar de todas as cautellas, sobrevenha qualquer perturbação digestiva, deve ser desde logo combatida; mesmo quando não venha acompanhada de qualquer incommodo.

Para restabelecer as defecações retardadas (prisão do ventre), deve-se successivamente empregar os seguintes meios:

1.º — ir repetidas vezes á látrina, mesmo sem vontade, e fazer os esforços convenientes.

2.º — usar á comida esperregado, fructo de tamarindos, ameixas ou outros alimentos purgativos.

3.º — um clyster d'agua fervida ou filtrada, simples ou com uma colher de sal.

4.º — purgantes leves, como: magnesia, sedlitz, chá de Chambart, sal de fructas, etc.

Se pelo contrario aparecer alguma diarrhea, use-se, antes das medicações apropriadas:

1.º — á comida, arroz cosido sem ser lavado, doce de goiaba ou outros alimentos que produzam constipação de ventre.

2.º — para bebida ordinaria, agua fervida com arroz e coada (agua d'arroz) ou com uma pouca de gomma arabica.

A agua para beber deve ser escolhida d'entre as mais puras da localidade; não deve ter côr, sabor nem cheiro e deve dissolver bem o sabão.

Para beber e mesmo para cosinhar, nunca se deve empregar agua senão filtrada (1). Não havendo filtro

(1) Em Loanda, Mossamedes e Boa Vista de Cabo Verde fabricam-se filtros de pedra muito aproveitaveis.

Para viagem ha differentes systemas de filtros portateis, recommendando-se entre todos pela sua efficacia o de Pasteur.

Em ultimo caso pode-se improvisar um filtro com um simples tubo de vidro, dentro do qual se mette: 1.º uma

deve-se pelo menos fervel-a e arejar antes de a usar.

As aguas mineraes de meza, quando bem captadas, teem um valor inapreciavel e podem ser usadas como sahem da nascente.

E' altamente prejudicial o uso das aguas muito frias e de bebidas geladas e frescas depois de comer ou quando se chega suado.

Em marcha pode-se beber refrescos estando quente, com a condição de continuar a fazer exercicio muscular.

A sangria (agua com pouco vinho e assucar) pode beber-se suado sem continuar a fazer exercicio.

O chá e o café podem ser largamente usados como excitantes do systema nervoso, que tem sempre tendencia a enfraquecer nos climas quentes.

As melhores horas para tomar café são de manhã ao levantar e uma hora depois de jantar.

Para quem está habituado pode usar o vinho de pasto durante a comida. Devemos porém lembrar que a Sceptre Life Association (sociedade de seguros de vida) estabeleceu vantagens especiaes aos individuos que não bebessem vinho e que os factos

pequena rolha d'algodão esterilisado; 2.º uma camada d'areia fina e lavada; 3.º uma camada de carvão vegetal ou d'arroz em pó; 4.º nova camada de areia; 5.º outra rolha de algodão.

Adaptando dous pequenos tubos de borracha ás extremidades é facil fazer funccionar este apparelho, quer como syphão quer por sucção.

teem mostrado o bom fundamento d'esta avaliação (1) porque a media da vida n'estes individuos é maior. Ora, os effeitos dos alcoolicos são muito peores nos climas quentes que nos frios.

O abuso dos alcoolicos é tão funesto que póde considerar-se perdido todo o homem, branco ou preto, que se entrega á embriaguez.

No emtanto de manhã em jejum e depois de jantar, com o café, póde usar-se com vantagem até um pequeno calix de qualquer licor estomacal.

O tabaco fumado é peor ainda; o mascado só offerece desvantagens.

Hygiene da bocca — Todos os dias de manhã se devem esfregar os dentes e ligeiramente as gingivas empregando algum bom elixir tonico.

Depois de comer convem tambem lavar a bocca.

Hygiene da pelle — Nos climas tropicaes tem a pelle um activissimo trabalho; porisso mesmo está sujeita a mais enfermidades do que nas zonas temperadas e frigidas.

E' por meio dos suores que o nosso organismo mantem a temperatura que lhe é conveniente quando se acha mergulhado n'um ambiente mais quente.

Os desarranjos nas funcções da pelle difficultam ao organismo a conservação da temperatura mais

(1) *Revue d'Hygiene*, 1891 — pag. 705.

propria para a manutenção da vida e da saude; porisso ella deve ser objecto d'assiduos cuidados.

Todos os dias se deve tomar um banho geral d'agua fria. Estes banhos hygienicos não devem exceder 15′ mas pódem prolongar-se até meia hora quando durante elles se faça exercicio.

Nos banhos póde-se deitar um pouco d'alcool aromatisado.

Nos rios e no mar onde não haja pé, são perigosos os banhos por causa dos crocodilos e tubarões, que são frequentes em muitos pontos.

O banho deve-se tomar sempre com o estomago vasío. Entre a comida e o banho nunca deve medear menos de tres horas, e cinco quando aquella tenha sido abundante ou a digestão retardada.

Depois do banho convem friccionar fortemente todo o corpo e fazer a massagem lubrificando-o com um corpo oleoso, que modifica o excesso da transpiração, antiseptico e tonico; como é aquelle que propomos sob o nome de unguento cutaneo.

Quando se chegue suado a casa e depois dos suores das febres, deve-se mudar de fato e friccionar o corpo com alcool ou, estando em paiz pantanoso, com tintura de sulfato de quinino.

A mais pequena affecção local ou geral que se observe na pelle deve desde o começo ser combatida.

Para evitar as empolas nos pés durante as longas marchas: 1.º — usem-se botas hygienicas, feitas á forma do pé, com sola larga e grossa.

2.º — usem-se dous pares de meias, sendo umas mais finas junto da pelle (nunca de lã).

3.º—não se marche dias consecutivos com o mesmo calçado.

Para evitar affecções geraes nunca se durma ao ar livre, nem com as janellas abertas, nem completamente nú; porque de madrugada arrefece muito em Africa.

E' bom costume deitar, com um cobertor á mão, para poder cobrir quando apeteça.

Quando se tenha de sahir á noite deve-se levar um fato mais grosso, correspondente aos nossos de meia estação, e uma capa impremeavel; por causa das cacimbas, que molham muito e são frequentes nas estações seccas, ou das chuvas, que são torrenciaes.

Sempre que se tenha de caminhar ao sol deve-se usar, alem do chapeu de sol, um panno claro e leve cobrindo as costas. O chapeu da cabeça deve ser leve, bem ventilado e mau transmissor do calorico, para se poder tolerar sem incommodo e para evitar o effeito da acção dos raios solares.

Quando em marcha se sentir muito calor na cabeça póde attenuar-se mettendo na copa do chapeu algumas folhas verdes ou um lenço molhado.

Para evitar os golpes de sol, que são perigosissimos, nunca se deve expôr a cabeça nua nem estar parado ao sol.

Das 11^h até ás 12^h nunca se descance em barracas de lona sem as cobrir de verdura; porque são muito quentes.

Nunca se trabalhe ao sol.

Quando haja que fazer n'um local ao ar livre, prepare-se primeiramente um toldo ou abrigo adequado.

Hygiene muscular—O calor tende a produzir uma depressão notavel em quasi todos os orgãos da economia; d'aqui uma sensação de preguiça e o horror ao movimento, que caracterisa todos os povos da zona torrida.

O europeu que se deixa arrastar n'este sentido, vê em breve o apetite diminuir e com elle a assimilação de todos os orgãos; sobrevem-lhe emagrecimento e a fraqueza que augmenta constantemente, trazendo como consequencias finaes, alem dos prejuizos materiaes, a anemia que frequentemente se agrava e complica terminando pela morte.

E' pois indispensavel resistir á ociosidade fazendo todos os dias bastante exercicio muscular; e o proprio interesse monetario recommenda isto mesmo.

Nunca, porem, os trabalhos mecanicos devem ir até ao cançasso, nem exceder 8^h por dia, para individuos sadios e robustos.

Sob a alta temperatura africana quem quizesse trabalhar tanto como nos paizes frios, sentiria desde o começo os mais energicos protestos da natureza e, se tivesse força bastante para os desattender, estaria exhausto dentro de muito pouco tempo.

Os proprios trabalhos musculares devem ser variados por fórma que se possa descançar d'uns n'outros serviços.

Cada trabalho deve ser interrompido logo que se comece a sentir fadiga para o recomeçar depois de descançar.

Para trabalhar procurem-se logares frescos; mas evitem-se todas as correntes d'ar frio que pos-

sam determinar uma subita suppressão de suores.

Deve-se descançar durante as horas de mais calor; das 11 ás 2 da tarde.

As marchas no sertão, principalmente quando são em logares pantanosos, devem-se fazer das 6 ás 11 e das 2 ás 5 da tarde.

Hygiene intellectual e moral—Os trabalhos intellectuaes e sedentarios, taes como leitura, escripta, desenho, costura, bordados, etc., nunca devem ser feitos logo depois das comidas e devem ser alternados com outros onde se exercitem os musculos.

As horas mais productivas para trabalhos intellectuaes, são as da manhã.

E' bom costume escrever de pé em mezas altas, sobretudo quando a profissão sedentaria obriga a estar diariamente muitas horas á carteira.

Um moral abatido, predispõe para muitas enfermidades; por isso convem que o emigrante dos paizes quentes se esforce por abandonar todas as idéas tristes e por cultivar as alegres e esperançosas.

O cerebro deve andar sempre occupado com algum projecto animador e esperançoso.

Empreguem-se as horas vagas em trabalhos uteis.

Os trabalhos e emprezas que conciliam o interesse proprio com o collectivo, pódem trazer a fortuna e trazem sempre o respeito dos outros e a alegria propria.

O egoismo sordido e tacanho que só vê os interesses proprios immediatos, em toda a parte acaba

por prejudicar quem o tem e é desastroso, sobretudo em terras longincuas, onde o esforço combinado de todos se torna indispensavel para manter a saude e facilitar a acquisição de fortuna, pois que ha a sustentar renhida lucta contra o clima, o indigena e o concorrente estrangeiro. E' pois indispensavel nunca esquecer que a união faz a força.

Sempre que succeder um desastre, o homem deve considerar que nada ha absolutamente mau e, em logar de se deixar abater pelo desgosto e pelo medo, procure as vantagens que pode tirar da situação, que as ha-de encontrar, e em harmonia com ellas, talhe o seu modo de proceder. Procedendo assim ha-de ver quasi sempre a verdade do rifão:—ha males que veem por bem.

Na obediencia exacta a este preceito está o principal segredo da felicidade e do successo.

Aquelle que todos os dias lêr ou escrever alguma cousa e trabalhar physicamente em harmonia com as suas forças, mantendo o equilibrio na actividade de todos os orgãos, manterá a saude, subirá em posição social e augmentará a sua fortuna.

O melhor estimulo intellectual é a digestão das proprias ideias.

E' bom costume pensar nos negocios da vida passeando aô ar livre.

Os livros são bons quando á propria actividade intellectual falta alimento.

Hygiene da respiração—A respiração d'uma atmosphera viciada pela propria expiração, por gazes dele-

terios ou por micro-organismos, produz sempre uma hematose viciada e consecutivamente verdadeiras intoxicações d'effeitos lentos ou subitos, a malaria, etc.; porisso deve-se:

1.º — Dormir em quarto tão espaçoso e bem ventilado, que de manhã, quem venha de fóra, não sinta o cheiro tão vulgar dos quartos de cama.

A' falta de ventiladores, póde-se dormir com a porta entre-aberta ou fazer na parte superior d'esta um buraco.

A ventilação do quarto nunca deve ser tal que se produzam fortes correntes d'ar.

Para facilitar a ventilação podem as vidraças ser vantajosa e economicamente substituidas por portas de taboinhas moveis, construidas por forma que possam graduar egualmente a luz e a entrada do ar.

2.º — Evitar na casa d'habitação e arrederes toda a decomposição de substancias organicas que possam viciar a atmosphera desenvolvendo micro-organismos.

Para o conseguir deve-se

a) Manter muito limpas não só as vasilhas da cosinha, dos quartos e despejos, mas os soalhos e recantos das casas por meio de repetidas limpezas, pelo arejamento, lavagens e mesmo por desinfecções.

Para facilitar estes trabalhos são muito recommendaveis as superficies lizas e sem anfractuosidades.

b) Ter em casa apenas os trastes necessarios, porque a sua abundancia difficulta a boa execução e frequencia das limpezas.

c) Os moveis devem ser lisos para se poderem

limpar com facilidade e bem; e devem ser leves para se poderem remover.

As camas devem ter por baixo espaço bastante para se poder varrer diariamente o pavimento que occuparem.

A mobilia de bambu é facil de fabricar, bonita e satisfaz a todos estes requisitos.

c) Deve-se banir escrupulosamente o uso de tapetes, cortinas e reposteiros, que só servem para difficultar o arejamento, accumular o pó, creando verdadeiros ninhos d'infecção, e multiplicar a despeza.

d) Não se devem usar roupas que se não possam levar a desinfectar, tanto no corpo como nas camas.

Os colchões europeus de lã e sumauma devem ser banidos não só por muito quentes e porque se impregnam de suores, mas porque se não podem lavar com facilidade.

A cama indigena formada de um simples tecido de fibras, as camas de lona ou d'ar e ainda os colchões d'arame americanos, são os que melhor satisfazem, deitando-se-lhe por cima, quando seja necessario, alguns cobertores, podendo-se fazer a cama á europea.

Quando, de manhã, se fizerem as camas deve-se sempre arejar todas as roupas.

e) Evite-se o uso de fossas fixas e dos canos d'esgoto, quando não se tenha muita agua para os lavar.

A fossa movel é a que geralmente todos poderão usar com vantagem.

f) Todos os dias se deve remover da casa e seus

arredores todas as substancias organicas susceptiveis de decomposição como as folhas, restos de fructas, despojos animaes, etc.

Todo o lixo da casa deve ser deitado longe da habitação, em local opposto ao dos ventos reinantes, onde não possa prejudicar as aguas que se bebem.

Depois de vazados na estrumeira convem cobrir os despejos com uma pouca de terra, cinza, restos de carvão ou de cal.

g) Para habitar deve-se escolher local salubre.

3.º — Nas explorações:

a) Nunca se deve acampar em logares pantanosos nem nas margens dos rios.

b) Nunca se deve dormir no chão.

c) O solo das barracas em que se acampar á noite, convem cubril-o com cobertura impermeavel.

d) Quando o immigrante seja forçado a viver em sitios menos salubres, deverá todos os annos ir passar os mezes mais doentios n'algum ponto mais saudavel.

Este preceito torna-se sobretudo indispensavel quando o individuo se começa a tornar palido e a enfraquecer.

e) As explorações devem ser feitas de preferencia nos mezes em que não chove, porque são os mais commodos e os menos doentios.

4.º — O individuo estabelecido n'um logar fixo:

a) Nunca deve andar fóra de casa antes de nascer e ao pôr do sol, porque são as horas em que mais facilmente se é atacado de impaludismo.

b) Nunca deve sahir em jejum, porque no estado

de vacuidade do estomago mais facilmente se é atacado pelas influencias morbidas teluricas.

c) Antes d'anoitecer deve-se fechar as janellas para evitar a entrada dos mosquitos e insectos, terrivel praga que, atrahida pela luz, invade todos os quartos.

d) Nunca se tente dormir sem mosquiteiro na cama, sob pena de não fechar olho.

e) Nunca se durma ao sereno nem com as janellas abertas; porque de madrugada arrefece muito e póde contrahir-se um ataque de rheumatismo ou febres.

f) No arroteamento de terras virgens, mesmo não pantanosas, deve o europeu empregar largamente a machina e o negro, e expor-se o menos possivel; porque durante estes trabalhos recrudescem sempre as manifestações palustres.

g) Todos devem concorrer quanto possam para os trabalhos de saneamento das terras; teem n'isso o interesse da propria conservação.

h) Quando se queira regressar á Europa devem-se preferir os mezes que vão de maio a setembro; aquelles que o fazem durante o inverno veem ás vezes soffrer na patria mais do que em Africa.

i) As mulheres gravidas, devem sem demora mudar de residencia para logares salubres e frescos; porque taes estados favorecem as metrorrhagias e peritonites puerperaes quasi sempre funestas; alem de que as creanças nascidas de taes mães nenhuma probabilidade teem de viver.

j) Os recem-nascidos devem ser creados em logares escolhidos pela sua salubridade; pelo menos até aos tres annos (vid. art. creança).

Fato—O fato deve ser largo, permittir ampla liberdade de movimentos, ser de fazenda que se possa lavar e má conductora do calor.

O fato arabe, indiano, chinez offerecem modelos muito aproveitaveis; do fato europeu pódem utilisar-se muitos typos com a condição de satisfazerem ás clausulas supra.

O uso de camisolas e ceroulas de algodão ou lã junto do corpo é de rigor; nunca o linho que arrefece muito com o suor.

A lã é condemnada por alguns medicos e ás vezes insupportavel por irritar a pelle e incommodar fortemente.

A camisola deve ter o collarinho largo e voltado: o colarinho alto e o engommado torna-se incommodo e dentro d'algumas horas depois de posto está todo molhado e engelhado com o suor.

O fato de fóra deve ser claro, de sarja, algodão, lona ou flanella.

Para a noite é necessario roupa de meia estação, mescla de lã, melton etc.

A calça muito fina e estreita tem o inconveniente de se molhar muito com o suor.

A cinta fina de lã, algodão ou seda, como usam os arabes é muito util para conchegar e defender o estomago, sobre tudo quando se anda a cavallo.

Para a cabeça póde usar-se no periodo secco chapeu de palha ou feltro, com abas largas; tambem é aproveitavel o bonet usado na Algeria pelos soldados francezes e o chapeu inglez de dupla pala. Qualquer que seja o typo que se adopte deve ser

bem ventilado, ter a copa ampla, ser leve e ter um panno fino e branco, bastante grande, para cahir cobrindo as costas.

Para de noite e tempo das chuvas, o chapeu deve ser impermeavel.

O calçado deve ter sola grossa não ser muito pesado e não magoar os pés.

Em viagem deve usar-se bota de cano ou polaina de coiro leve.

E' util banir do vestuario do homem e da mulher todas as inutilidades como gravatas, folhos, etc. que multiplicam o trabalho e as despesas, avolumam as bagagens e dfficultam o aceio.

A capa impermeavel e o chapeu de sol são accessorios indispensaveis (1).

E' inutil acrescentar que o enxoval, sobre tudo de roupas brancas, deve ser abundante.

Escolha do local para habitação — Quando se tratar de escolher o sitio que mais convem para um individuo fixar a sua habitação, devem-se adquirir previamente dados seguros sobre a sua posição em relação com as localidades proximas, facilidade de communicações, valor e costumes dos habitantes, natureza e frequencia das molestias reinantes, condições climatericas, excellencia e abundancia d'aguas

(1) Torna-se uma roupa impermeavel banhando-a em solucção de alumen a 3:100, ou de sal ammoniaco a 2:100 e deixando-a seccar ao sol.

potaveis e riquezas ou antes probabilidades que ha de as adquirir, e em que condições.

Tudo isto póde influir depois, pelo lado hygienico, no futuro bem estar physico e moral.

Mas como todos estes conhecimentos demandam longos estudos e tempo, e muitas vezes é necessario escolher de prompto, daremos algumas indicações sobre as observações que se podem fazer de passagem para acrescentar ás informações que fôr possivel colher n'este sentido.

São salubres os logares elevados sobre os terrenos adjacentes, os afastados de pantanos ou abrigados de ventos que por elles passem, e os terrenos seccos.

Muitas vezes os terrenos apresentam-se sem agua á superficie, em consequencia do solo ser formado de uma camada de terreno permeavel repousando sobre um subsolo impermeavel; n'este caso as aguas formam muitas vezes um pantano subterraneo.

Calcula-se a existencia d'estes pantanos:

1.°—pelos animaes da região, que teem o ventre volumoso e, quando abatidos, apresentam o baço e o figado volumosos e pouco consistentes.

2.°—pelos habitantes que teem o ventre elevado, cara emagrecida, membros delgados e poucos filhos vivos.

3.°—pelos vegetaes onde predomina a manga, o coco e outras plantas que vivem com as raizes na agua.

4.°—pela athmosphera onde abundam os mosquitos e pode haver a mosca tsé-tsé.

Construcção da casa—Nos primeiros tempos o

colono falto de recursos terá de se contentar com uma cubata indigena, que deverá aperfeiçoar.

1.º—Construindo-a sobre estacaria dous metros acima do solo, fazendo paredes duplas, e um tecto falso dando-lhe mais pé direito, caiando o barrado que cobre as paredes.

As coberturas de colmo devem ser substituidas a miudo, por forma que nunca cheguem a apodrecer no logar.

Como os terrenos mais ferteis em regra são os mais insalubres, o agricultor deverá edificar a morada n'alguma encosta proxima d'onde possa vigiar a propriedade e gosar uma atmosphera mais pura.

As casas devem ter:

1.º—paredes más conductoras do calor, grossas ou duplas. A taipa, a argamassa, o tijolo forrado de tabuas separadas da parede, ou a dupla parede de ferro só, ou de ferro e madeira, satisfazem.

2.º—pavimento 2^m, ou mais acima do solo, com uma caixa d'ar inferior susceptivel de ser visitada.

3.º—um passeio impermeavel largo de 4^m, em volta da casa com facil escoante para as aguas.

4.º—telhado liso e inclinado para as folhas soltas ahi se não accumularem, e bastante saliente das paredes para formar em volta um alpendre que resguarde a casa dos raios directos do sol.

5.º—quartos, particularmente os de dormir, com um systhema de ventilação completo.

6.º—paredes interiores lisas escaioladas, forradas d'azulejo, pintadas a oleo ou caiadas, mas nunca forradas a papel.

7.º—cantos dos quartos oleados.

8.º—soalhos lisos betumados, encerados, asphaltados, ladrilhados ou de formigão (argamassa batida).

9.º—tecto duplo para a caixa d'ar comprehendida entre este e o telhado proteger o interior contra o calor directo do sol; a abobada tambem é boa.

10.º—defronte da habitação devem-se evitar cores claras que ferem a vista e refletem intensamente o calor.

Este preceito satisfaz-se em grande parte plantando em volta da habitação e a certa distancia sebes vivas [1].

A estampa que apresentamos é o typo de construcção dos paizes quentes; independentemente dos materiaes este systema representa a solução completa e perfeita d'este próblema tendo, a nosso ver, apenas o defeito de o seu custo ser ainda bastante elevado.

Hygiene publica—As regras principaes são:

1.º—defender as habitações dos ventos pantanosos por florestas onde abundem os eucalyptos.

2.º—dispor as casas isoladas umas das outras

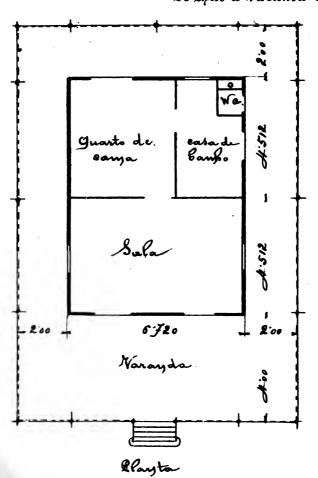
(1) Entre os vegetaes mais apropriados para sebes vivas citaremos o espinheiro, a ateira, a nespreira, o sunguengue de Angola (spandeas lutea), a adamsonia digitata, a mopane, a cassoneira, a teca, o eucalypto, a acacia.

Nº. 435.

EXTERIOR D'UMA CONSTRUCÇÃO TYPO PARA PAIZES QUENTES (MODELO EM AÇO ESTAMPADO E GALVANISADO, COM PAREDES DUPLAS DA SOCIÉTÉ DES FORGES D'AISEAU EM AISEAU, BELGICA).

Nº 435.

Altura 4m686 de pé direito
do chão à varanda 1m00

Planta

em ruas largas, arborisadas, regularmente pavimentadas.

3.º—manter bem limpas as ruas e os quintaes.

4.º—evitar a canalisação subterranea dos despejos das casas quando não haja agua bastante para as lavar em grandes jorros.

5.º—esgotar e aterrar os pantanos ou, não sendo isto possivel, reduzir-lhe a superficie augmentando a profundidade.

N'esta ultima hypothese devem-se plantar em volta da agua estagnada grandes massas de eucalyptos.

Para tirar alguns lucros d'estes trabalhos tambem se pode plantar a manga, o coqueiro, o cacto, a sacharina e aproveitar o lago para fazer, em ponto grande, a creação de patos, gansos, cysnes e a exploração da pesca.

Todas as regras de hygiene se podem reduzir a tres:

1.º—exercitar, sem excessos, todos os orgãos.

2.º—subtrahir-se o mais possivel á acção perniciosa do calor e do miasma.

3.º—combater o miasma pelo aceio, desinfecção e saneamento da localidade.

SEGUNDA PARTE

THERAPEUTICA [1]

O primeiro cuidado de quem, á falta de medico, tem de tratar um doente deve ser não o prejudicar [2].

[1] Abreviaturas:

aa — partes eguaes.
ac — acido.
ap — aplique-se.
ag — agua.
art — artigo.
d — distillada.
dec — decocto = cosimento.
et — etiologia = causas.
ext — extracto.
fric — fricção.
fr — furunculos
gat — gattos.
h — hora.
inf — infusão.
inj — injecção.
int — interinamente.
lim — limonada.
pil — pilula.
pous — pousada.
pr — prophylaxia = prevenção.
sol — solução.
symp — symptomas.
temp — temperatura.
tr — tratamento.
u — uza-se.
x — xarope.
3 : 3 h — de 3 em 3 horas.
4 : 4 h — de 4 em 4 horas.
+ — mais.
= — egual.
— — menos.
! — Muito bom.
* — conveniente.
** — indispensavel.

[2] Para facilitar isto são indicados no formulario só medicamentos innocentes por forma que o seu emprego dirigido por mãos inexperientes não possa offerecer maiores perigos do que os da inoportunidade.

Comece-se por investigar bem: 1.º as causas da doença, 2.º a séde, 3.º a natureza.

No tratamento deve-se:

1.º—Sempre que fôr possivel subtrahir o enfermo ás causas que determinaram a doença.

2.º—Evitar tudo o que possa produzir nova doença (vid. art. hygiene dos doentes).

3.º—Quando se saiba, combater directamente o mal.

4.º—Limitar a combater os symptomas que por si aggravam o mal ou se tornam excessivamente incommodos, não havendo inconvenientes.

Usem-se os medicamentos nas menores dozes para produzir effeito.

Quando se não saiba fazer o diagnostico (determinar a doença) ou conhecendo-a se não saiba curar (como nas bexigas) limite-se o tratamento ao hygienico e a manter a regularidade nas funcções.

Àbcessos, furunculos, pustulas malignas, etc.—Todas as doenças caracterisadas pela inflamação mais ou menos viva dos tecidos superficiaes, terminam quasi sempre pela supuração.

Tr.—Emquanto duros, ap.:—cataplasmas emolientes. Tambem se usa o tr. abortivo logo no principio pintando a parte vermelha com ac. phenico. Logo que haja materia, o que se conhece pelo amolecimento e côr da parte inflammada, abra-se com um bisturi, esprema-se e lave-se bem com qualquer agua antiseptica.

Se os tecidos estiverem polidos, frios e a tumefacção evoluccionar muito devagar, e o pus fôr agua-

do, dupliquem-se as dóses dos ac. nas aguas antisepticas.

Se o fóco purulento fôr pequeno basta applicar-lhe, depois de lavado, um emplastro de dyachilão gommado que adhere sem carecer de mais ligaduras; se o fóco fôr grande, cubra-se com uma pom. antiseptica applicada em fios, pondo-a sobre uma compressa, e mantenha-se o todo com ligaduras.

Todo o apparelho póde ser de vez em quando refrescado com uma agua antiseptica fraca.

Afogado (soccorros ao) 1.º—Deitar o doente sobre o lado direito n'um travesseiro—nunca de cabeça para baixo.

2.º—Esfregar fortemente todo o corpo com panno de lã.

3.º—Levantar e abaixar simultaneamente os dous braços muitas vezes e devagar.

4.º—Dar a cheirar aguas aromaticas ou vinagre forte.

5.º—Applicar um clyster d'agua e sal.

Estes cuidados devem ser continuados durante horas, se fôr necessario. Ha esperança em quanto se sentir um sopro de vida.

Apparelho digestivo (doenças do)—*Dysenteria*—Doença epidemica contagiosa. *Simp.* colicas, burborigmos no ventre, dores ao fundo das costas (sacro), similhantes ao peso d'um corpo estranho, incessante necessidade d'evacuar (puchos), dejecções transparentes, aguadas, sanguinolentas, misturadas de pelli-

culas; nauseas, vomitos, pulso fraco, olhos encarnados, labios fuliginosos, prostração extrema. Termina muitas vezes pela morte.

Et. Bacterias. Constante nos climas quentes, toma muitas vezes a forma epidemica. O contagio effectua-se sobre tudo nas pessoas debilitadas, dyspepticas, nas que se sujeitam á causa da enterite.

Tr. Dieta rigorosa, repouso, etc. D'ipéca 2:100= 250 gr. em duas vezes por dia. A mesma ipéca dá para tres dec., o mesmo com tanino em clyster, salol, todos remedios da diarrhea.

Dyspepsia — E' um embaraço gastrico, chronico, com menor intensidade nos symptomas: — digestões lentas, peso ou dôr no estamago, regorgitamente dos alimentos, calor ardente no estomago, arrotos e flatulencias, dores de cabeça, caracter irritavel, indolencia, côr baça da pelle. Estes *symp.* nunca apparecem todos.

Et. embaraço gastrico, abuso dos alcoolicos e do tabaco, molestias do figado e coração, tuberculose, excesso d'alimentação, periodo menstrual e de gestação nas mulheres, falta d'exercicio physico.

Tr. Por vezes é difficilimo; combater as causas, manter liberdade de ventre, lavagem do estomago, combater os symp.

Atonia intestinal Por amargos, carminativos, uma colher de limonada chlorydrica depois de comer, duas gottas de tint. d'iodo em poção, um laxante ligeiro.

Colica ou dores — Bicarbonato de soda 10 dc. repetidos, subnitrato de bismoutho 10 a 20 cg., depois de comer, hydrato de chlorot 50 cg., agua 50 gr., brometo de potassio 2 gr., agua 50 gr., carvão vegetal 5 gr., clyster purgativo, chá de casca de pepino.

Diarrhea — Solicilato de bismutho 3 a 6 gr., decocto d'ipeca 2:100=360 gr., tanino 0,55 cg. a 2 gr., dec. de casca de carvalho.

Fastio — Exercicio, banhos frios, curtas massagens do corpo, amargos.

Gazes nos intestinos (arrotos, ventosidades) — Carvão vegetal, pastilhas, magnesia calcinada 50 cg., bismutho 30 cg.

Embaraço gastrico. Molestia aguda—Symp. mal-estar, fastio, lingua suja, alimentos amargosos, sêde, nauseas, vomitos, mau halito, prisão de ventre ou diarrhea.

Na sua forma mais simples e passageira é uma *indigestão*, mas a intensidade póde augmentar muito, desenvolver-se a febre (emb. gast. febril); complicar-se de ictericia (emb. gast. bilioso) ter longa duração e causar a morte.

A repetição predispõe para menos ataques de gravidade crescente.

Et. — Suppressão subita de suores, bebidas muito frias pouco depois de comer ou quando se está suado, excessos de meza, comidas indigestas.

Tr. Dieta rigorosa. — Esta doença mata-se á fo-

me. Vomitorio, logo depois de cessar o effeito, purgante salino e depois lim., chlordydrica, de laranja, limão, vinagre: — inf. d'aniz, casca de laranja azeda, camomilla, canella.

Baço—Todas as affecções conhecidas d'este orgão teem de commum um augmento de volume, que se aprecia palpando a parte esquerda e superior do ventre por baixo das castellas, durante uma profunda inspiração, estando o doente deitado de costas com as pernas meio dobradas e entreabertas.

Hyperemia do baço—Apparece subita depois dos ataques de febres. *Tr.*—Fartas dóses de sulfato de quinino.

Hypertrophia do baço—Chega a ser enorme, é chronica, acompanha as febres palustres prolongadas e é constante na anemia e cachexia consentiva. Tr. — Difficil — Mudança para logares não pantanosos, combater causas, fricç. diarias com unguento de brionia e orthenite.

Bexigas (Variola)—Muito frequentes e perigosas em Africa.

Pr.—Evita-se pela vaccina a que todos se devem submetter antes de partir; durante as epidemias isolem-se os doentes, sobretudo no periodo da designação das pustulas já seccas e façam-se aos doentes repetidas lavagens geraes com esponja de agua 1:000 gr. ac. salicilico 30 gr.

Boca—O estado da boca e sobretudo da lingua espelha o do estomago.

Inflamações e ulceras—Et. Comidas picantes, tabaco picado, falta d'aceio, mudança subita de temperatura.

Tr. Gargarejos ou pinturas de agua com alumen, borax! chloreto de potassa 100:3, limonadas fortes, balsamo do Perú.

Cabeça—Depois de longas marchas ao sol, sem resguardo, apparecem:

Golpes de sol (insolação)—Simp. Secura, calor na pelle, vertigens, vomitos, sangue pelo nariz, dor de cabeça, prostração, febre, delirio. Póde produzir a morte ou a

Meningite lenta—Tr. no começo: Mudar o doente para logar fresco e arejado, um panno sempre molhado sobre a cabeça, clyster purgativo d'assafetida, sinapismos nos pés. Quando os olhos estejam injectados e a face vermelha, sanguesugas atraz das orelhas, purgantes fortes repetidos, agua ou x. de tamarindos, bebidas frescas, franca luz.

Cachexia (palustre)—Symp. Elevação de ventre, dyspepsia, engrandecimento do baço, do figado, anemia profunda, ascite, doença dos membros, diarrhea.

Est. Impaludismo.

Callos — Applicar á noite por uma ou duas vezes um pouco de ac. salicyclo, cobrindo-o com fios de linho molhados. De manhã lavam-se os pés e extrae-se o callo.

Congestão — é o affluxo de sangue para um orgão; pòde dar-se na cabeça, no baço, no figado, nos rins, no pulmão. *Tr.* — *Ext.*, ap. frias sobre o orgão. Sanguesugas, sinapismos e causticos. Int. — Limonadas, purgantes, diureticos.

Contusões (pancadas com ou sem ferida) *Tr.* — *Ext.*, pannos embebidos em agua e vinagre, vinho ou tintura d'arnica, agua de vegeto. Se fôr grande, accrescentar socego, uso de cerveja preta como diuretico. Sendo grande e com ferimento, os pannos devem-se conservar sempre molhados e os liquidos supra podem-se substituir por aguas antisepticas.

Convulsões — Contracções musculares repetidas independentemente da vontade. Et. — affecções nervosas, inflamações no cerebro, vermes.

Tr. — combater causas, clyster com agua, vinagre, assafetida, poc. de chá de flor de laranjeira, lucia lima, de valeriana com 2 gottas d'ether sulfurico, n'uma chavena. — Contra as c. d'origem nervosa brometo de camphora, brometo de potassio, brometo d'ammonio ãã 50 cg. por dia. — X. d'hydrato de chloral 30 gr. — oleo de figado de bacalhau. Tranquilidade.

Creanças (cuidados com)—Necessitam de muito mais cuidados d'hygiene que os adultos, porque morrem muito nos climas quentes.

Roupa mudada com frequencia; amamentação artificial banida.

Só se devem começar a dar alimentos liquidos aos 6 mezes; os moles como: sopa, papas, etc., quando tenham os dentes incisivos, e os solidos mais tarde.

Convém desmamar depois de nascerem os caninos, a não ser que se demorem muito.

Quando se dê leite a creanças doentes deve-se sempre addicionar para cada chavena duas colheres de sopa d'agua de cal ou uma pequena colher de bicarbonato de sodio.

Nunca se deve impedir as creanças de pular e saltar á sombra e n'uma atmosphera pura.

Nunca se obrigue uma creança a estar sentada por mais de meia hora antes dos 9 annos e por mais de uma antes dos 15.

Não se force a creança a trabalhos intellectuaes exagerados.

A instrucção deve ser dada em forma de contos e brinquedos para se tornar agradavel.

Os dormitorios e aulas devem ser optimamente ventilados, ter temperatura egual e baixa.

Nunca se deem remedios a creanças no primeiro dia de doença.

Para creanças não ha medicação bastante innocente.

Não se dê sulfato de quinino internamente, senão

em perniciosas, em todos os mais casos uze-se a tint. em fric. no tronco.

As creanças podem usar mais das gorduras que os adultos.

Delirio — Loquacidade incoherente e desordenada. E' symp. de febre intensa, loucura, ebriedade, affecções cerebraes.

Delirio dos bebedos (tremens) — Symp. agitação, tremor dos membros, grande loquacidade sem nexo, mau halito, insomnia. Tr.: no começo, emetó-cathartico, depois brometo de potassio, hydrato de chloral, em dozes repetidas, até fazer dormir.

Dor — Symp. commum a grande numero de doenças. Tr. combater causas. Ext. oleo de belladona, de meimendro, fricções com balsamo tranquillo, banhos de vapor d'agua, cataplasma de cabeças de papoulas e meimendro, panno de lã bem quente, sinapismos, tintura de iodo, causticos. Int. pil. calmantes.

Dôr de cabeça — Cafeina, purg. ligeiros, repetidos.

Dôr de dentes — Extracção.

Dôr de estomago e ventre — Clyster e purgantes, semicupios mornos, chá de herva cidreira, panno quente no ventre, chá de casca d'abobora ou pepino, fricções com oleo de camomila camphorado, clyster com 10 got. de laudano, capsulas d'ether, subnitrato de bismutho, aguas mineraes gazosas.

Dôr no figado (colica hepatica) — Int. dous decil. d'azeite com agua.

Dôr de ouvidos — Toucinho quente no ouvido, va-

por d'azeite, leite quente, oleo de meimendro ou belladona laudanisado.

Envenenamentos—*Tr*. ao começo: emetico 20 cg. e muita agua morna com azeite, ou agua albuminosa, clysteres purgativos repetidos. O tratamento subsequente tem que ser apropriado ao veneno e aos estragos.

Escorbuto—Symp.: manchas lividas pelo corpo, entorpecimento geral, vermelhidão e tumefacção das gengives, mau halito, tendencia para hemorragias. *Et*. Habitação em logares humidos, tristeza, fadigas excessivas, falta ou má alimentação, falta de comidas suculentas, abuso de carnes e peixe salgados. *Tr*. combater causas, usar rabano, agriões, limão, laranja, chicoria, couve e outros alimentos vegetaes, bebidas frescas, banhos frios de meia hora, massagem, gargarejos de clorato de potassio 2:100.

Febre—Symp. commum a todas as molestias agudas de certa intensidade: mais de 80 pulsações, temperatura axilar superior a 37°,5.

Febre palustre—Ataca 87 % dos doentes dos climas tropicaes africanos. Symp., nos casos mais simples: accessos intermittentes regulares e periodicos em tres phases, de frio, de calor e suor. Muitas vezes substituem-se por febre lenta (38°,5) apenas com remissões matinaes que, continuada, acaba por exgotar completamente o organismo; outras vezes por accessos violentos e perigosos, apparecendo ape-

nas um dos symp., e denominam-se perniciosas algidas, comatosas, biliosas, hematuricas; podem apresentar-se remitentes ou continuas. A sua presistencia produz a intoxicação palustre, anemia, cachexia. *Tr.* sulfato de quinino 0,60 cg. a 1 gr. por dia, tres horas antes do accesso. Se ha lingua saburrosa comece-se o tr. por um emeto-cathartico. Para prevenir novos accessos use-se tres semanas o sulfato em dózes decrescentes de 0,5 cgr. de 3 em 3 dias. Casca de quina em pó 3 gr. com mel ou chá de casca ou folhas d'eucalyptos. Mudança para ares não pantanosos e seccos. Pr. uso diario de sulfato de quinino 15 a 50 cg., quando se atravessa ou reside em terrenos pantanosos. O abuso continuado do sulfato produz tumefacção do estomago, a dispepsia, tornando-se então ineficaz contra as febres.

O sulfato int. está contra-indicado nas mulheres gravidas e creanças, devendo n'estes casos substituir-se por tint. de sulfato de quinino em fricções repetidas e continuadas no tronco, previamente lavado em agua alcalina (sub-carbonato de soda ou potassa) e a horas em que o estomago esteja vazio.

Febres algidas (Symp. muito frio) — Tr. fric. com tint. de sulfato de quinino com panno de lã, bilha d'agua quente aos pés; int. bebidas quentes estomachicas, saes de quinino.

Febres biliosas — Symp. côr icterica, dôr, congestão do figado, urina escura. Tr. ordinario, purgantes de rhuibarbo e tamarindos.

Febres continuas ou remittentes — Tr. ordinario e mudança d'ares, dous clysteres diarios, frios, de

15 gr. de limonada sulfurica sulfato de quinino 50 gr.

Febres hematuricas — Symp. urina sanguinolenta cor de vinho de Malaga, deixando deposito no fundo do vaso. — Tr. essencia de therebenthina, leite, diureticos, semicupios mornos, injecções abundantes d'agua morna da bechiga, cataplasmas de linhaça no ventre — Int. camphora, saes de quina, calomelanos.

Febres nervosas — Symp. dores, convulsões, delirio. — Tr. valeriato de quinino 60 cgr... 1 gr.

Febres perniciosas, comatosas. — Symp. prostração extrema. Tr. debaixo dos sovacos esponjas embebidas em tint. de sulfato de quinino, injecções hypodermicas de brombydrato, chorlydrato ou sulfato de quinino 1:10 de agua dist. em dozes duplas das ordinarias, clysteres de saes de quinino.

Feridas recentes. — Tr. extrahir todos os corpos extranhos, lavagem abundante, sustar hemorrhagia, regar com tint. de arnica, aguardente simples ou camphorada, polvilhar com camphora em pó, acido borico puro ou com iodoformio; sobre isto fios de linho ou algodão phenicado molhados em liq. antisepticos.

Ferida grande. — Tr. alem do anterior, unir os bordos com adhesivo simples ou pontos verdadeiros, usando agulha curva e linha dobrada (de linho, seda ou cathegut), manter o aposito com ligaduras, reformal-o no fim de quatro dias, cortando pontos verdadeiros, e depois diariamente.

Ferida com perda de substancia. — Tr. aproxi-

mem-se os bordos tanto quanto se possa, irrigação antiseptica continua.

Ferida com carnosidades.—Tr. reprimir estas com crayon de nitrato de prata ou alumen calcinado.

Figado.— (abcesso do, congestão, hepatite aguda ou chronica). Frequentes nos paizes quentes e palustres, difficeis de differençar entre si. Symp. communs: dor, pezo e tumor no hypochondrio direito, dyspepsia, emagrecimento, cor terrosa ou icterica; quando teem a forma aguda ha febre. Tr. combater impaludismo, dyspepsia, evitar alimentos gordos, condimentos, alcoolicos, variações de temperatura, paixões violentas, vida inactiva; nas formas agudas — sanguesugas, synapismos ou causticos sobre o figado; nas formas chronicas —unguento d'arthenite e brionia, cataplasmas d'orgibão. Int. aguas de Vidago, Pedras Salgadas, Gerez, etc., alcalinos, uso de rhuibarbo q.b. para obter 2 a 4 dejecções diarias.

Fractura.— Tr. 1.° reducção, puxar os membros para pôr os topos nos respectivos logares; 2.° applicar apparelho para os manter por quarenta dias. Quando não ha ferida, dous ajudantes manteem o membro reduzido em posição não dolorosa para o doente, emquanto o operador envolve aquelle com: (a) uma camada de algodão, (b) uma atadura em largas espiras, (c) tiras de papelão molhado longitudinaes e cruzadas, (d) tres camadas de ligaduras embebidas em gomma caseira ou gesso, em espiras estreitas sobrepostas.

Fractura complicada ou proxima do tronco.—Tr. colloque-se o membro, reduzido, sobre goteira de lata ou arame acolchoado; mantenha-se immobilisado pela tracção continua e laços circulares d'adhesivo segurando outros que passam pela planta do pé e se prendem com elastico ou a um cordel que suspende o pezo de 1k. Sobre o apparelho dous ou tres laços circulares para impedir movimentos do membro. Para as soluções de continuidade a nú, vide feridas.

Fraqueza.—Et. acção continuada dos climas quentes, diarrhea, excessos, tuberculose, febres, hemorrhagias, periodo adiantado da anemia e cachexia cujos symp. são palidez, magreza, falta de forças, pulso fraco, pobreza de sangue. Tr. combater causas, exercicio, viagens, ar fresco e puro, banhos frios, massagens, licores estomacaes com leite em jejum, amargos, vinho nutritivo ou elixir de Tisy uma hora antes de comer, succo de carne, banhos quentes aromaticos muito curtos seguidos de fricções tonicas, vinho de quina ferruginoso, x. d'alcatrão ferruginoso, x. de rabano iodado, boa e facil alimentação. O tr. deve ser regulado pelas forças do doente.

Gangrena.—Mortificação e morte dos tecidos, caracterisada por um fetido particular. Tr. polvilhar com quina em pó, carvão, camphora, ac. salycilico, ac. borico e lavagens com aguas antisepticas. Nos curativos cortam-se as partes mortas que tendem a destacar-se.

Hemorrhagias.— Perda de sangue pela bocca (*hematemese* do estomago).— Tr. sol. de perchloreto de ferro 2:100 d'ag. distillada x., uma colher de sopa de 3 em 3 h. de tint. ratanhia 4 gr. ag. 150 gr. x. de limão 30 gr.; uma colher de 2 em 2 h.

Hemorrhagia cerebral (apoplexia).— Symp. perda subita dos sentidos, rosto vermelho, olhos injectados, respiração roncante, pulso cheio, estado seguido de paralysias mais ou menos extensas e completas, ou da morte. Tr. do ataque: sanguesugas 10 a 20 ou ventosas escarificadas atraz das orelhas, ou sangria; sinapismos nas coxas e pernas, banhos sinapisados aos pés e mãos. Tr. apoz o ataque: purgantes fortes e muito repetidos com força decrescente. Tr. de paralysias: fric., exercicio, electricidade, banhos sulfurosos.

Hemorrhagia pelo nariz (epistaxis).— Lavar com ag. fria, agua e vinagre, summo de limão, sal perchloreto de ferro, metter rolhas de fios embebidos n'um d'estes liquidos na narina.

Hemorrhagia do pulmão (hemoptisis).— Vide tuberculose.

Hemorrhagia traumatica (de qualquer ferimento). — Lavar em ag. fria pura, com vinagre, summo de limão, perchloreto de ferro ou alumen; comprimir vasos acima do foco, laquear topo d'arteria cortada.

Hemorrhagia uterina (metrorrhagia).— Tr. posição horisontal, bacia levantada, socego, pannos molhados frios nas coxas e ventre, muitas injec. vaginaes de ag. fria com sal, vinagre, alumen, borax, tanino

ou ac. salicylico; bebidas frias acidulas, poc. de perchloreto de ferro ou ratanhia.

Hemorrhoides.— Tumores sanguineos no recto, visiveis ou internos, com ou sem fluxo de sangue. Exageram-se muito nos paizes quentes. Tr. lavagens frias apoz cada evacuação, semicupios salgados, sanguesugas no anus, pom. de tanino e balsamo tranquillo, laxantes brandos em pequenas dozes, repetidos.

Hygiene dos doentes.— Ventilação do quarto tão completa que não sinta cheiro quem entrar, mas evitar correntes d'ar. Temp. entre 15 e 25° sem oscillações bruscas.

Roupas do corpo e cama mudadas, sem resfriar o doente.

Mudar de vez em quando a posição do doente, quando este o não possa fazer.

Vazos e roupas do doente sempre lavadas e desinfectadas.

O rigor da dieta em relação com a saburra da lingua e fastio.

Desconfiar do fastio quando se tornar muito prolongado, consecutivo a grandes suores, febres, diarrheias, hemorrhagias passivas; quando augmente o emagrecimento ou o halito, as fezes e suores são fetidos e então alimentar bem o doente.

Dieta menos rigorosa para as creanças, homens de vida activa, e molestias chronicas.

Dieta necessaria e muito escolhida nos derrames

de serosidade, hemorrhagias e congestões activas, febres agudas.

Basta a 3.ª dieta nas intermitentes, partos e febres puerpuraes, quando a lingua esteja limpa.

Nunca se passe subitamente da 1.ª dieta á alimentação habitual.

1.ª dieta—caldos de carnes brancas, vermelhas, leite, gema d'ovo crua.

Quando o leite não seja bem digerido tome-se com bicarbonato de soda 100 : 1 ou agua de caldo 100 : 10.

O intervallo dos caldos deve ser de tres horas.

Os caldos devem ser feitos, levando para o fogo a carne em agua fria.

Com esta dieta uzem-se bebidas frescas, alimentares, adjuvantes de medicação, ex.: —agua d'arroz, albuminosa, d'avenca, cevada, linhaça, café, aniz, flor de laranjeira, casca de laranja azeda, salparrilha, canella, vinho, vinagre, laranja, limão, etc. Quantidades á vontade do doente.

2.ª dieta—succo de carne, ovos crús ou quentes, carnes brancas, sopa de pão torrado, biscoitos sem manteiga, mão de vitella, arroz, mandioca, tapioca, milho cosido, fructa de calda, banana.

3.ª—puré de batata, beef com manteiga, carnes cosidas, macarrão, peixe vermelho, fresco, cosido.

Para tratar bem é indispensavel ter a confiança do doente e despertar-lhe idéas alegres e ardente desejo de promptamente se restabelecer.

Infiltração de tecidos.— *Anasarca* (em todo o corpo); *ascite* (no ventre); *edema* (localisado em qual-

quer parte); *hydrotorax* (no torax). Et. doenças do coração, dos rins, do figado, cachexia palustre, supressão subita de suores. Tr. combater causas, alimentação lactea exclusiva, limonada nitrica, aguardente d'acajú e outros alcoolicos, iodeto ou potassio, sal das cosinhas, banhos quentes, de casca de acajú, de vapor; massagem, purgantes frequentes, vinho de quina, alimentação boa e variada, mudança d'ares.

Inflamação.—Inchação do tecido, com o calor, tumor, dor e por vezes febre. Tr. repouso, laxantes, cataplasmas, emolientes; no estado chronico pinturas de tint. de iodo, mostarda, terebenthina. As cataplasmas devem ser feitas com agua antiseptica.

Medicamentos.—Nunca se acorde o doente para o medicar, excepto quando o somno seja excessivo.

Em regra a medicação deve dar-se quando a digestão esteja feita.

Antes de comer ministrem-se os alcalinos, saes metallicos, tanino, alcool, tonicos.

Durante a comida deem-se: oleo de figado de bacalhau, ferro, amargos, digestivos.

Depois de comer: digestivos, medicamentos activos, absorventes.

Tomando por 1 as dozes medicamentosas a dar a doentes de mais de 20 annos, dar-se-ha aos individuos de

16 annos — $^3/_4$ = 8 annos — $^1/_2$
4 annos — $^1/_3$ = 2 annos — $^1/_4$
1 anno — $^1/_8$ = 6 mezes — $^1/_{16}$
até 5 mezes—nada.

Mordeduras e picadas.— Tr. como o das feridas; sendo venenosas faça-se sangrar expremendo bem, lavando em muita agua; comprimir a arteria acima, effectuar a succção, cauterisar com permanganato de potassio puro, ferro em braza ou outro cauterio.

Mulheres (doenças de)

Amenorrhea (falta de regras). Tr. pil. emenagogas, banhos e pediluvios quentes, sinapisados; sanguesugas nas coxas.

Gravidez.— Tr. fugir de logares pantanosos e doentios, banhos frios, fricções tonicas, vestidos largos, exercicio ao ar livre, alimentação variada e facil de digerir, evitar coito, espirito animado com idéas agradaveis e esperançosas, manter regularidade de ventre.

Lucorrhea.— Corrimento branco pela vagina, frequente nas anemicas. Tr. Inj. vaginaes diarias de agua borica, salgada, com vinagre, alumen a 4 : 100, de inf. de cascas taninosas. Int. ferro, excitantes na comida, vinho, carnes; muito exercicio ao ar livre, banhos frios e de mar.

Leite.— Para augmentar a secressão, alimentação vegetal abundante e salgada, exercicio moderado, friccionar os peitos com vinho ou alcool aromatico. Para seccar: banhos de vapor d'agua aos peitos, cataplasmas emolientes.

Parto (depois do).— 20 injecções vaginaes abundantes, e com pressão, não havendo complicação, bidiarias, á temperatura interna do corpo, de ag. borica, phenica ou salycilada 1 lit. Alimentação nos pri-

Pulex penetrans.—Pulga do Brazil e Angola que se introduz debaixo da pelle onde fabrica o casulo e deposita os ovos. Começa por um ponto negro que depois se inflama e acaba por ulcerar. Multiplica-se expantosamente quando se não combate ao começo. Pr. andar calçado, uso de meias de malha fina, não dormir no chão, lavar diariamente os pés. Tr. extracção immediata com uma agulha ou pau aguçado, cobrir a ferida com pó de tabaco, camphora, ac. borico, compressa embebida em alcool camphorado.

Peito.—(doenças do)

Constipação.—(bronchite) Tr. sinapismos volantes no peito ou nos pés, pediluvios sinapisados, agasalho Int. tisanas peitoraes abundantes e bem quentes ao deitar, vinho e alcoolicos, gemadas com leite, de manhã.

Constipação rebelde.—(bronchite prolongada ou chronica). Tr. pil. e xx. peitoraes, inspiração de vapores d'agua pura, com vinagre, alcatrão, creosota. pil. de cynoglossa 1 a 3 por dia, conforme o habito.

Pneumonia.—Ataca muito os pretos. Et. resfriamentos subitos. Symp. tosse funda, opressão no peito, difficuldade de respirar, escarros barrentos expessos que pegam ás paredes dos vasos, pontada do lado, febre, lingua secca, suspensão e fervor localisado do murmurio respiratorio. Tr. xx. de plantas peitoraes, alcoolicos. inf. d'ipicacuanha 2 : 100 + x. de balsamo Tolú, Perú ou terebenthina. Se a expectoração for difficil, junte-se ao x, acetato d'amoniaco 2

gr.: — uma colher por hora. Sobre a pontada um caustico. Para bebida ordinaria um infuso peitoral.

Tuberculose (tysica).— *Et.* hereditariedade, excessos de toda a ordem, mau ar respirado nos quartos, reuniões, etc., falta d'exercicio. *Symp.* 1.º periodo: tosse curta e frequente, expectoração opaca ou esverdeada, por vezes com estrias sanguineas ou hemoptisís, dôr aos lados da parte superior do torax, suores nocturnos no peito e palmas das mãos, fraqueza, perda de appetite; 2.º periodo: mesmos symp. aggravados, suores nocturnos geraes, diarrhea e febres intermittentes, emagrecimento; 3.º periodo: exaggero dos symp., tosse renitente, expectoração fetida, rouquidão quando a t. é na larynge. Transmitte-se nos escarros, saliva e talvez pelos suores. *Pr.* desinfectar louças e roupas d'uso do doente, separar louças do seu uso, não beijar na bocca, não dormir junto. *Tr.* nenhum seguro. 1.º periodo: — mudança d'ares para climas doces e eguaes, ou estações alpinas; em todos os periodos combater symp. alarmantes, hygiene, alimentação boa e facil.

Queimaduras.— *Tr. immediato. Ext.* lavagens prolongadas de ag. fria, picar empolas, vaselina camphorada, x. simples balsamo do Perú, azeite doce ou manteiga sem sal, linimento calcareo.

Queimadura profunda.— *Tr.* egual, algodão phenico sempre molhado em ag. antiseptica; cahindo a parte mortificada *tr.* das feridas simples.

Rheumatismo.— Muito frequente em Africa. *Et.*

arrefecimento subito. *Symp.* dores nas articulações, na pelle, ventre, peito ou cabeça, mudando de logar ou fixando-se n'um ponto e produzindo engorgitamento, deformação das articulações, atrophia muscular, inflamação do coração. *Tr.* fric. com opodeldoc, oleo de palma (azeite de dendé) balsamo tranquillo, cobrir parte dolorosa com camada expessa de flor de enxofre. *Int.* salicylato de sodio 1 a 3 gr. por dia, em hostias, antipyrina 5 gr. por dia em poc. Passadas as dores diminua-se lentamente a medicação. Havendo manifestações syphiliticas simultaneas: iodeto de potassio 0,50 cg., por dia, em poc.

Rheumatismo chronico.— Sem febre. *Tr.* banhos salgados a 32° descendo de dois em dois dias 1° até á temp. da agua commum; banhos sulfurosos naturaes ou artificiaes; sulfureto de potassio 100 gr., para deitar no banho. Os banhos curtos.

Suores.— Continuados e abundantes enfraquecem muito. *Tr.* bebidas refrigerantes, cerveja, tanino 20 cg. por dia.

Suores (suppressão dos).— *Tr.* exercicios violentos, banhos de vapor d'agua, bebidas quentes abundantes, agasalho.

Syphilis.— *Tr.* nunca ter coito com mulher suspeita sem camisa de venus, ou, pelo menos, urinar logo depois e lavar abundantemente o membro.

Cavallos (cancro venereo).— Ulcera nos orgãos genitaes. *Tr.* cauterisar bem com nitrato de prata, permanganato de potassa, polvilhar com azotato de

potassio, iodoformio, assucar de leite, camphora, lavagens antisepticas, sempre que se urine.

Esponjas (vegetações).— *Tr.* polvilhar com pó de sabina + alumen calcinado + colomelanos ãã, lavagens diarias antisepticas.

Esquentamento (blenorrhagia).— *Symp.* purgação pela urethra com ardor durante a micção. *Tr.* abster de prazeres venereos, de alcoolicos, acidos, salgados, e comidas indigestas; tres inj. por dia de nitrato de prata, sulfato de zinco 0,30 a 0,50 : 100, int. cubebas 8 gr., capsulas de copahiba.

Mulla (bubão).— Abcesso nas virilhas. *Tr.* dos abcessos ordinarios.

Transporte de doentes.— Improvisa-se uma maca, com dois paus compridos a que se pregam travessas, deita-se por cima um bocado de esteira ou tecido para servir de cama. Aos pés e acima da cabeça, cruzetas levantadas dos varaes sobre que se apoia uma vara longitudinal onde se suspende a cobertura para livrar do sol.

Se ha fractura, um individuo toma conta do membro, mantendo-o direito sem causar dores ao doente, outros pegam no tronco e pernas. Caminham todos a passo certo até á maca, onde o membro deve ficar na posição menos dolorosa.

Torceduras — *Tr.* massagem, linimento camphorado, ligadura, repouso da articulação.

Vermes — *Symp.* comichão no nariz, anus e vulva,

dormir com os olhos entre abertos, estremeções, vertigens, convulsões.

Lombrigas — *Tr.* alho pisado com leite, cebola, succo d'hortelã, pó de carvão 0,50 cg., santonina 20 cg. por dia.

Oxiuros — *Et.* vermes de 2 millim. como linhas de cambraia, formam novellos volumosos. *Tr.* durante o somno, tiral-os do anus onde apparecem; clysteres de agua e vinagre, á noite.

Tenia — *Symp.* pequenas pevides brancas nas fezes. *Tr.* cousso 25 cg., agua 250 gr., feto macho em pó 5 gr., pevides d'abobora com pelicula 60 gr. amassadas com assucar e leite; use-se dias consecutivos de manhã, sem se ter ceado, e 2 horas depois um purgante d'oleo de ricino.

TERCEIRA PARTE

PHARMACOLOGIA

Absorventes — *U.* para combater a existencia de gazes nos intestinos (tympanismo) ardores no estomago (pyrosis); — bicarbonato de soda! carvão vegetal! magnesia calcinada! subnitrato de bismutho! giz. Todas estas substancias se usam em pó, sós ou associadas, em dozes de 20 a 50 cgr., por differentes vezes ao dia, em hostia, ou encorporadas n'uma pequena sopa.

* *Acetato d'ammoniaco* — Pó. Excitante e dyaphoretico. *U.* — na supressão subita das regras, prostração, pneumonia sem expectoração, ascite. *D. Int.*, 1 a 4 gr., em poc. ou hostia, fraccionado pelas 24 horas.

* *Acetato de chumbo* — Liq. *U.* — fracturas, queimaduras, ophtalmias, inflamações francas, abcessos ganglionares agudos, ozagre. *D. Ext.* 2 : 100 d'ag. + 8 d'alcool camphorado = (ag. branca), pom. 1 : 9 vaselina ou lanolina.

* *Ac. borico* — Pó branco, crystallino antiseptico. *U.* feridas recentes, ulceras. *D. Ext.* puro, com camphora + iodoformio āā : — para lavagens, ophtalmias chronicas! injecções nas blenorrhagias, na leucorrhea, para gargarejos nas inflamações da bocca e garganta 3 : 100 d'agua, para esfregar os sapinhos na lingua das creanças de peito 1 : 15 de agua mel.

* *Ac. chlorhydrico* — Liq. *U.* dyspepsias, para preparar o ext. de carne *D. Int.* limonada 2 a 4 gottas n'um copo d'agua.

* *Ac. nitrico* — Liq. *U*: — edemas, ascites. *D. Int.* limonada 2 a 4 gottas n'um copo d'agua. Como cauterio *D. Ext.* puro.

* *Ac. phenico*—Liq. amarello antiseptico. Quando crystalisado dissolve-se com umas gottas d'alcool. *U. Ext.* —lavagens de feridas, injecções vaginaes depois do parto 2 a 4 : 100 d'ag. para lavagens como desinfectante ás mãos, instrumentos, roupas, etc. 5 : 7 de glycerina + 100 d'ag. Nas affecções cutaneas e feridas pom. 1 : 20 de vaselina.

** *Ac. salicylico* — Pó branco. *U.* e *D.* as mesmas que do ac. phenico.

** *Ac. sulfurico* — Liq. incolor, caustico. *U. Int.* febres palustres como excipiente do sulfato de quinino em lim. 2 a 4 got. n'um copo d'agua.

* *Ac. tartrico* — Pó branco. *U.* preparação das sodas 0,90^{cg} : 1^{gr} de bicarbonato de soda em agua assucarada e copos separados; juntem-se para beber. Estas mesmas poções, bebidas separadas e consecutivamente, para combater vomitos.

Agua — Nos colyrios e com perchloreto de ferro só se deve usar agua distillada ou directamente colhida das chuvas; com todos os outros medicamentos ag. limpida, sem sabor nem cheiro: nas gastralgias quente *Int.* em grandes dozes, *Ext.* n'um panno molhado sobre o ventre. Nas constipações de ventre, quente, em clysteres muito abundantes. Vid. hydrotherapia. Ag. muito quente para sustar hemorrhagias.

Agua branca ou de vegeto — Vide acetato de chumbo.

Agua de cal — Prep. deitando em agua uma pouca de cal viva e mexendo bem; logo que assente vaze-se a agua e deite-se outra que se aproveita decantando-a no dia seguinte. A mesma cal serve muitas vezes.

Agua sedativa — Alcool + sal + ammoniaco.

Alcalinos — Bicarbonato de soda 10 gr. — agua de cal 2 colheres de sopa. Qualquer d'estes medicamentos na doze supra, n'uma chavena de leite impede que este se coagule no estomago o que succede

em muitos doentes agravando-lhes o estado das vias digestivas.

* * *Aloes* — Bocados compactos irregulares amarello-esverdeados, purgante energico *D.* 60 cgr.; tonico estomachico 5 a 20 cgr. *U.* amenorrhea subita, golpes de sol, congestões cerebraes, ictericia, constipação de ventre, — em pil. ou tint.

* *Alumen (pedra hume) calcinado* — Pó branco. *U.* ulceras fungosas, hemorrhagias, unhas encravadas, *D.* puro.

* *Alumen crystallisado*—Crystaes brancos pequenos. *U.* inflamações da bocca, garganta, ophtalmias, em injecções na leucorrhea *D.* 3 : 100 d'ag.

Amargos — Musgo islandico *U.* em infuz. de manhã; quassia em maceração antes de comer, camomilla romana em inf. de manhã.

* *Ammoniaco* — Liq. incolor *U.* embriaguez em inspirações Int. 2 got. n'um copo d'agua; *Ext.* como revulsivo, em fric.

Analepticos—(reconstituintes) medicamentos destinados a levantar as forças dos doentes. *U.* estados de fraqueza geral nas convalescenças, anemias, etc. — vinho puro velho, vinho nutritivo de carne, oleo de figado de bacalhau, agua ferrea, ferro, quina, quassia, camomilla, pepsina, diastase, papaina, extracto de carne. Vid. salada de carne.

** *Antipyrina* — Pó branco crystallino. *U.* dores, febres. *Int.* 5 gr. + 150 gr. ag. + 4 got. essencia d'hortelã. Uma colher de sopa de 4 em 4 h.

Anticepticos — Impedem a putrefacção. *U.* lavagens de feridas, ulceras, instrumentos, compressas, ligaduras, mãos: — ac. borico, phenico, salicylico, alcool, chloreto de calcio, iodoformio, permanganato de potassio.

* *Arnica* — Flores de — *U.* feridas recentes, contusões. D. tint. pura ou com agua.

* *Arthenite* e *Brionia* — *U.* engorgitamento do baço, em pom.

* *Assafetida* — Gomma resina, excitante antispasmodico; *U.* ataques e colicas nervosas, dysmenorrhea, constipação de ventre; *D.* em clyster 4 gr. + gemma d'ovo n.° 1 + ag. 150 gr. + oleo de ricino 40 gr. O oleo pode ser substituido por sulfato de soda. *Int.* em pil. 0,50 cgr. a 2 gr.

Azeite d'oliveira — *U.* envenenamontos (excepto pelo phosphoro) vermes, colicas do figado! *D. Int.* 2 a 4 colheres de sopa com pão ou agua morna.

* *Azotato de potassa* — (nitro) Crystaes brancos: — diuretico *U.* inflamações das vias urinarias, ictericia, hydropisia. *D. Int.* 50 cgr. a 2 gr.; 360 gr. de liq.: cancros syphiliticos Ext. em pó.

em muitos doentes agravando-lhes o estado das vias digestivas.

** *Aloes* — Bocados compactos irregulares amarello-esverdeados, purgante energico *D.* 60 cgr.; tonico estomachico 5 a 20 cgr. *U.* amenorrhea subita, golpes de sol, congestões cerebraes, ictericia, constipação de ventre, — em pil. ou tint.

* *Alumen (pedra hume) calcinado* — Pó branco. *U.* ulceras fungosas, hemorrhagias, unhas encravadas, *D.* puro.

* *Alumen crystallisado*—Crystaes brancos pequenos. *U.* inflamações da bocca, garganta, ophtalmias, em injecções na leucorrhea *D.* 3 : 100 d'ag.

Amargos — Musgo islandico *U.* em infuz. de manhã; quassia em maceração antes de comer, camomilla romana em inf. de manhã.

* *Ammoniaco* — Liq. incolor *U.* embriaguez em inspirações Int. 2 got. n'um copo d'agua; *Ext.* como revulsivo, em fric.

Analepticos—(reconstituintes) medicamentos destinados a levantar as forças dos doentes. *U.* estados de fraqueza geral nas convalescenças, anemias, etc. : — vinho puro velho, vinho nutritivo de carne, oleo de figado de bacalhau, agua ferrea, ferro, quina, quassia, camomilla, pepsina, diastase, papaina, extracto de carne. Vid. salada de carne.

** *Antipyrina* — Pó branco crystallino. *U.* dores, febres. *Int.* 5 gr. + 150 gr. ag. + 4 got. essencia d'hortelã. Uma colher de sopa de 4 em 4 h.

Anticepticos — Impedem a putrefacção. *U.* lavagens de feridas, ulceras, instrumentos, compressas, ligaduras, mãos: — ac. borico, phenico, salicylico, alcool, chloreto de calcio, iodoformio, permanganato de potassio.

* *Arnica*—Flores de — *U.* feridas recentes, contusões. D. tint. pura ou com agua.

* *Arthenite* e *Brionia* — *U.* engorgitamento do baço, em pom.

* *Assafetida* — Gomma resina, excitante antispasmodico; *U.* ataques e colicas nervosas, dysmenorrhea, constipação de ventre; *D.* em clyster 4 gr. + gemma d'ovo n.º 1 + ag. 150 gr. + oleo de ricino 40 gr. O oleo pode ser substituido por sulfato de soda. *Int.* em pil. 0,50 cgr. a 2 gr.

Azeite d'oliveira — *U.* envenenamentos (excepto pelo phosphoro) vermes, colicas do figado! *D. Int.* 2 a 4 colheres de sopa com pão ou agua morna.

* *Azotato de potassa* — (nitro) Crystaes brancos: — diuretico *U.* inflamações das vias urinarias, ictericia, hydropisia. *D. Int.* 50 cgr. a 2 gr.; 360 gr. de liq.: cancros syphiliticos Ext. em pó.

tympanismo, diarrhea *D. Int.* 4 gr. por dia em 4 papeis, hostias.

* * *Carbonato de soda (bi)* — Pó branco — absorvente, *U.* colicas hepaticas, areias, dyspepsias *D. Int.* 1 a 20 gr. em ag. ou leite; — doenças de pelle *Ext.* para cada banho 150 gr.

Carminatinos — bons para a digestão — licores estomachicos — anizado, de casca de laranja azeda, canella, cognac, tint. d'açafrão.

Carne (salada de) — Bate-se e pica-se até ficar em massa, raspa-se para separar só o succo, junte-se polpa de tomate cru, tempere-se com sal, cebola, vinagre e azeite. Tambem se póde juntar ao succo da c. pó de pão torrado fazendo bolas que se tomam por si só ou em caldo quente. *U.* anemias e convalescenças.

Caldos para doentes — devem-se fazer pondo a carne ao fogo em agua fria e deixando ferver bem.

* *Carvão vegetal* — Prepara-se de qualquer madeira leve e branca. *U.* confecção dos filtros, ulceras, mau halito, engorgitamento e dor de estomago *D.* Int. 1 a 2 gr. por dia, em pil. ou pastilhas: gangrena Ext. pó.

* *Cathgut* — Fio de origem animal, antiseptico *U.* para dar pontos verdadeiros e laquear os va-

zos! Não é necessario extrahir depois de applicado.

Causticos — Revulsivos cuja energia vae até empolar a epiderme. Empl. Albespeyres — applique-se e conserve-se por 24 h. Quando levantado, querendo continuar a acção, corte-se a pelle levantada e applique-se unguento amarello ou pom. com tartaro emetico 1 : 15, terebinthina 1 : 15 succo d'euphorbias ou qualquer corpo irritante. Não querendo que suppure piquem-se as bolhas sem esfolar e applique-se pom. phenica-boríca, ou camphorada. Quando se applicar um caustico, deve-se fixar sobre uma toalha ou ligadura que o não deixe deslocar.

Cera — *U.* diarrhea. *D. Int.* 5 gr.

Cevada aveia — *U.* inflamações intestinaes dec., na alimentação das creanças, dec., papas brandas.

* *Chloral (hydrato de)* — Crystaes em agulhas. *U.* nevralgias, vomitos, insomnia. *D. Int.* 1 a 5 gr. poc.

* *Chlorato de potassio* — Crystaes em laminas incolores. *U.* inflamações da bocca e garganta, na ozena *D.* sol. 3 : 100, + 30 de X. ou agua mel: — lupus, lavagens a 4 : 100.

** *Chloreto de cal* — Pó branco amarellado. *U.* desinfecções de quartos, conserve-se uma porção n'um prato com uma pouca d'ag. algumas got. d'ac.

chlorhydrico, para lavagens de roupas, camas, soalhos, paredes, etc. sol. 3 a 5 : 100.

Cousso—Pó amarellado *U.* tenia *D. Int.* 25 cg. em inf. ou hostia. Uma hora depois, purga de oleo de ricino.

* *Cubebas* — Pó amarellado *U.* blenorrhagia. *D. Int.* 8 gr. em pó, hostias, agua ou X de Balsamo do Perú.

** *Diastase*—Pó branco. *U.* pouca salinação, dyspepsia, fastio, gastralgia, fraqueza, vomitos *D.* 2 gr. em vinho ou hostias com pepsina.

Decocto (cosimento) —deixar ferver um corpo em ag. até esta se reduzir a metade.

Desinfectantes — Os mais economicos são : — cal, carvão para usar em pó sobre as estrumeiras, enxofre ardido sobre brazas para desinfectar quartos, ou chloreto de cal para desenvolvimento do chloro ou para lavagens, em sol.

** *Digestivos*—Que substituem o trabalho do estomago para a digestão—Mamoeiro, papaina (1 gr. + pepsina acida amylacea 0,50 cgr. + chloreto de sodio 0,20 cgr.) para uma hostia antes ou depois de comer, cerveja de Malt, vinhos de Castillon, Defresne...

** *Emetico (tartaro)* — Vomitivo energico. Não

se deve ministrar a creanças nem a pessoas muito fracas. *U.* envenenamentos, febres palustres antes do sulfato, *D.* 15 cg. em agua em 3 vezes com 15' d'intervallo, bebendo depois de cada dóse muitissima agua morna; purgante e expectorante 5 cg. em poc.

Emolientes — folhas de imbondeiro, de mamona, de banana, de couve, papas de farinha d'arroz, batata, mandioca, miolo de pão com leite. As cataplasmas devem ser feitas com ag. antiseptica; as preparadas com leite devem levar um pouco de bicarbonato de soda para impedir de azedarem.

** *Enxofre (flor de)* — *U.* sarna *D.* pom 20 : 10 carbonato de potassa ou soda + 10 ag. + 10 oleo + 10 vaselina, prurido na pelle 30 : 30 alcool camphorado + 150 infuso de tabaco : — no primeiro periodo da tuberculose, inhalações de vapores da combustão bastante fracas para não forçarem a tosse : — desinfecção dos quartos, arder 30 gr. para 3^{m3} conservando 24 h. as portas fechadas.

** *Ether sulfurico* — Liq. incolor de cheiro activissimo. U. ataques nervosos *D.* inhalações — gastralgias *Int.* 3 got. n'um copo de agua aromatisada : — pequenas operações fazem-se sem dôr pulverisando ether sulf. sobre a pelle até esta ficar bem fria.

Eucalypto (folhas de) U. impaludismo, rouquidão e tosse *D.* Inf. 8 : 100.

** *Essencias* — *U.* aromatisar: — hortelão, laranja, cravo, baunilha, etc.

* *Ferro* — *U.* anemias, amenorrheas — *D.* em pó, Quevene, pil. Rabuteau, lactato de ferro em pil 5 cg. x., limalha 5 cg, agua ferrea 2 decilit. meia hora antes de comer.

** *Ferro (perchloreto)* — Liq. amarello *U.* hemorrhagias internas 1 gr. + ag. dist. 120 gr. + X. terebenthina 30 gr. ás colheres de sopa 2 : 2h; nas hemorrhagias nasaes ou externas applica-se em fios embebidos n'uma sol., de 1 : 3 d'ag. e comprima-se.

* *Feto macho* — Raiz em pó — *U.* lombrigas, solitaria Int. 40 gr. em leite ou agua e mel.

* *Gomma ammoniaca* — Excitante antispasmodico, expectorante *U.* pneumonia, bronchite, anemia, amenorrhea, ataques nervosos com prostração Int. 0,50 cg. a 2 gr. em pil ou gemma d'ovo n.° 1 + ag. 150 gr. + X. 30 gr.

** *Gomma arabica ou d'acacia* — *U.* diarrheas, bronchites Int. 2 a 4 gr. em Sol. ou H.

Hydrotherapia — Tratamento pela agua. *U.* rheumatismo, molestias cutaneas, flores brancas, urinas sanguinolentas, molestias de peito incipientes, hysteria, enxaqueca, fraqueza, ascite e molestias chronicas.

Deve ser uso geral nos paizes quentes, sobretudo quando os individuos se sentirem enfraquecer e notarem que a media da sua temperatura se eleva a 38° ou mais.

A frequencia dos banhos deve crescer com a temperatura habitual do corpo.

A duração do banho hygienico deve ser tal que a reacção, depois d'elle, seja franca mas não muito intensa: a media é de 15′.

Quando a seccura habitual da pelle e a fraqueza exijam uma reacção intensa deve o banho ser bem frio e curto.

Durante o banho devem-se fazer movimentos tanto mais energicos e necessarios quanto mais fôr a duração da immersão.

A temperatura dos banhos hygienicos deve ser entre 15° e 25°.

Nos banhos quentes (a mais de 30°) deve a sua duração estar em razão inversa da temperatura senão tornam-se altamente deprimentes: — a sua media é de 32,°5 e 10′ de duração.

Depois das applicações hydrotherapicas hygienicas deve-se sempre fazer bastante exercicio mas nunca tal que provoque suores abundantes. O exercicio deve ser graduado pelas forças do individuo, bastante variado para attingir todos os orgãos e nomeadamente os que mostrarem tendencias para enfraquecer, ou para qualquer affecção chronica.

Depois do banho quente convem repousar em cama fresca um bocado, antes de proceder ao exercicio.

Quando o estado de fraqueza não permitta grandes exercicios devem estes ser completados ou substituidos pela massagem (vid. massagem) nas partes do corpo que mais necessitarem avigoradas.

Na suppressão dos suores convem applicar uma ducha geral (jacto d'agua a grande pressão) que começando fria augmente bastante, e gradualmente, a temperatura, deitando-se depois o doente em contacto com dous cobertores de lã e coberto com uns poucos.

Nas inflamações chronicas do figado, utero, intestinos, articulações etc. use-se, pelo contrario, da ducha escoceza, isto é, começando quente e arrefecendo gradualmente até á temperatura ordinaria.

Nas affecções restrictas só se devem usar das duchas locaes.

A duração das duchas começa por 1' e cresce até 5' por fórma a se obter sempre uma reacção duravel, quente ou fria, como se desejar.

No rheumatismo a agua dos banhos geraes deve ser salgada ou sulfurada e a temperatura de 32,°5 diminuindo-a lentamente nos banhos successivos á proporção que se forem manifestando as melhoras. A duração d'estes banhos deve ser bastante curta para que produzam excitação e nunca depressão no organismo; pode ser crescente: a sua media é de 20'.

* *Ichthyol* — Producto solido da destillação d'um betume. *U.* doenças de pelle, rheumatismo *Ext.* pom. 1 : 10 de vaselina e lanolina ãã.

** *Iodo* — Solido, escuro, brilhante, irregular, *U. Ext.* em pint. de tint. na papeira, hydrocele, affecções pulmonares, engorgitamentos e dores chronicas; nas affecções escrophulosas, entumecimentos de glandulas, lymphatismo, rachitismo, molestias de pelle *Int.* X. de rabano iodado 2 colheres de sopa por dia: gastralgias 2 got. de tint. em poc. apropriada.

* *Iodoformio* — Pequenas escamas amarellas de cheiro penetrante *U.* nas ulcerações *Ext.* pom. 1 : 10, em pó 1 : 1 a 10 de assucar de leite, camphora! alcatrão, ac. borico.

** *Ipecacuanha* — Raiz. *U.* como vomitivo 1^{gr},50 em meio copo de agua morna (2 decilit.) tomado em tres vezes; para creanças em X. 50 gr.: bronchites e pneumonias como expectorante! $^1/_4$ das dozes precedentes, inf 2 : 100 + X. balsamico para tomar uma colher por hora: — dysenterias e diarrhea 200 gr. de decoc. por dia a 3 : 100; o residuo d'este decocto serve para mais dois.

* *Lanolina* — Excipiente para pom. extrahido da gordura da lã *U.* doenças cutaneas!

* *Leite* — *U.* molestias de peito, estomago, febres, fraqueza, uma chavena em jejum com uma colher de cognac: — nas hydropisias e dyspepsias graves, hematemeses; regimen exclusivo ou, quando se não tolere, depois das comidas. O melhor leite para doentes é o de burra.

Limão — *U.* inflamações agudas da garganta! bocca! escorbuto! comendo rodelas quentes com assucar; nas ophtalmias leves, colyrio de succo com agua, nas hemorrhagias nasaes e outras, succo puro.

Linimento ammoniacal camphorado — Oleo de amendoas doces 80 gr. + ammoniaco 10 gr. + camphora 10 gr. mixt. agitando bem em frasco rolhado *U.* para massagem, nas entorses e paresias.

Linimento camphoro-opiado —Oleo d'amendoas ou azeite 80 gr. + tint. d'opio 10 gr. + camphora 10 gr. + cera branca 10 gr. *U. Ext.* dores.

Linimento de sabão com opio — Camphora 75 gr. + sabão amygdalino 50 gr. + extracto d'opio 50 gr. + alcool a 65° 750 gr.; junte e deixe em maceração por 10 dias, côe espremendo, e filtre. *U.* dores.

Linimento sedativo — Oleo de meimendro 50 gr. + alcool camphorado 20 gr. + laudano 2 gr. + terebenthina 10 gr. + ether 10 gr. U. dores.

Massagem — É a compressão methodica e intermittente feita por fricções manuaes a princípio muito brandas e successivamente mais energicas, sempre de baixo para cima até á diminuição de volume da parte massada.

Para facilitar a operação lubrifique-se a pelle com um linimento. *U.* torceduras! echymoses! dores, engorgitamento ou rigesa das articulações! inchações

descoradas e atonicas! Podem-se fazer com a mão nua, calçada de luvas ou coberta de flanella.

Devem ser feitas com muita paciencia, nunca carregando por forma que o doente as não possa supportar.

A duração das m. é de 1 a 2 horas começando apenas n'uma extensão pequena com os dedos medios e alargando successivamente a area d'acção até abraçar o membro, apertando com muita força durante um quarto d'hora, como quem espreme uma esponja.

O effeito, em muitos casos rapido e maravilhoso, só apparece n'outros depois de grande numero de sessões.

* *Magnesia calcinada* — Pó branco. *U.* como purgante brando 8 a 10 gr.; faz effeito 10 h. depois de se tomar e por isso deve ser tomado á noite suspensa em agua ou limonada. — Como absorvente 0gr,50 a 2 gr. por dia.

Mamoeiro (carica papaia) — Planta africana. O succo do tronco, folhas, fructo diluido em agua, convém para mergulhar n'elle a carne antes de cosinhar, pois a torna muito tenra e facil de digerir. *U.* dyspepsias, doenças de consumpção, vermes 10 a 15 gr. em x. mel ou leite. E' d'uso immemorial na India.

Mamona (oleo de) — Obtem-se espremendo as sementes do arbusto depois de esmagadas. *U.* purgante 50 gr. Os melhores modos de o tomar é em capsulas ou café.

Mel — Ligeiramente laxante na dóse de 60 gr. *U.* bronchites, queimaduras, inflamações e gretas nos peitos das amas.

Mercurio Calomelanos — U. Doenças de pelle, peritonite, orchite, bubões. Ext. pom. 1:10.

Milho — As barbas do m. em dec. *U.* diuretico! affecções da bexiga! hematurea!

Moscada (noz) — *U.* Digestões laboriosas, colicas, diarrheas, vomitos espasmodicos. Int. 1 a 2 gr. em raspas na comida ou em inf. em ag. ou vinho.

** *Mostarda (pó de)* — Revulsivo prompto. *U.* Sinapismos. Para fazer estes deite-se a farinha em agua fria e amasse-se até fazer papas, pediluvios e manuluvios (banhos aos pés e mãos; tambem para estes se deve deitar a mostarda em agua fria, addicionando a quente pouco a pouco, por meia hora) — em tint. nos linimentos para excitar a pelle nas paresias e atrophias, nas bronchites, pneumonias, congestões cerebraes ou pulmonares, na amenorrhea, etc.

* *Oleo de figado de bacalhau* — *U.* escrophulas, rachitismo, magreza. Int. 2 colheres de sopa por dia, ás comidas; descança-se um ou dous dias por semana.

** *Opio* — Succo de papoula somnifera; vem em

bolas. *U.* Gastralgias, insomnia, diarrhea, vomitos. Int. 5 a 20 cgr. de Ext. em pil. ou tint.; nas dôres em pom. laudano, tint. linimento ou em oleos.

* *Oxido de zinco* — Pó branco. *U.* belidas da cornea. Ext. + assucar + calumelanos $\overline{aa}$ 1: — escoriações, doenças de pelle, em pó, pom. 1:10.

Pepino (casca de) — *U.* Colicas. *Int.* em inf.

** *Permanganato de potassio* — Agulhas prismaticas, violaceas escuras; antiseptico e caustico. *U.* como caustico puro ou em soluç. 1:10: curativo das ulceras e feridas, cancro uterino, abcessos profundos, mordeduras de cobras, mau cheiro do nariz, suores fetidos. Ext. lavagens em soluç. 1:250 d'ag. distillada.

* *Phosphato de cal* — Pó branco insoluvel. *U.* tysica, dyarrhea, rachitismo, escrophulas, mulheres gravidas, fracas. Int. em hostias, digestivos, x. absorventes 1 a 5 gr. por dia, ás comidas.

Purgueira (Iatropha curcas) o succo de — *U.* curativo das feridas, hemostatico. O oleo é purgativo. *Int.* 2 a 4 gr.

* *Quassia* (Raspas de) — *U.* n'uma boneca metidas em agua da qual se tomam duas colheres ao começo de cada comida, para despertar o appetite.

** *Quina cinzenta em pó* — Tonico. *U.* Digestões laboriosas, diarrheas. Int. em hostias 1 a 2 gr. em tint. até 4 gr.: — ulceras sordidas e gangrena. *Ext.* pó pára polvilhar.

Quina amarella — *U.* Febres palustres rebeldes. Int. 40 gr. em mel.

** *Quinina (Bromhydrato de)* — *U.* Febres perniciosas. Int. 20 cg. a 1 gr. em hostia, 25 cg. 2 gr. d'ag. distillada, em injecções hypodermicas.

Quinina (Sulphato de) — *U.* Todas as formas de impaludismo, e pelo menos no termo de todos os tratamentos nos paizes quentes. Int. 40 cg. a 2 gr. em hostias, pil. de miolo de pão, limonada sulfurica, embrulhado n'uma pequena mortalha de papel. *Ext.* tint. para fricções na espinha, sovacos, coxas. A tint. obtem-se dissolvendo primeiro o sulfato em sumo de limão.

** *Quinina (valerianato de)* — *U.* como o sulfato mas é preferivel nas formas nervosas. *Int.* 30 cg. a 1 gr.

* *Ratanhia (Extracto de)* — *U.* Diarrhea. Int. 2 a 8 gr. em pil., tin., X. ou ellectuario; — hemorrhoides *Ext.* pom. 1 : 5

** *Sabão amygdalino* — Excipiente para pil., e linimentos — tem acção estimulante sobre o figado e a digestão.

* * *Salicylato de sodio* — Pó branco. *U.* Rheumatismo agudo! febres continuas. *Int.* 1 a 5 gr. por dia, em hostias ou poção.

* *Santonina* — Pó crystalino branco *U.* lombrigas. *Int.* 20 cg., com assucar.

Soro de leite — Refrigerante muito agradavel; não irrita vias digestivas. Prepara-se aquecendo 1000 gr. de leite até á fervura, tire-se do fogo e deite-se a pouco e pouco uma solução d'ac. citrico de 1 : 8 Logo que esteja bem formado o coalho filtra-se. Dilua-se n'este liquido uma clara d'ovo batida em agua fria, ferva-se e filtre-se de novo.

* * *Subnitrato de bismutho* — Pó branco amarellado, insoluvel em ag. *U.* diarrheas! *Int.* 5 a 10 gr. em x. ou hostia; — como absorvente 30 cg. a 1 gr. por dia.

* * *Sulfato de cobre* — Pedras crystallinas azues. *U.* em substancia ou crayon para cauterisar aphtas, ulceras da bocca, as palpebras nas ophtalmias; — em collyrio 5 cg : 30 a 50 gr. ag. dist. : — erysipella e desinfecção de roupas e vazos soluç. a 4 : 100

* * *Sulfato de zinco* — Crystaes prysmaticos brancos *U.* ophtalmias simples!! blenorrhagias! *Ext.* soluç. 1 a 2 : 100.

* *Sulfureto de potassio (tri)* — corpo solido. *U.* rheumatismo rebelde. *Ext.* em banhos geraes 100 gr.

Póde-se tirar um pouco o cheiro accrescentando no banho + 100 gr. de sulfato de ferro.

Terebenthina — (de limão) Liq. expesso. *U.* pneumonias, bronchites agudas e chronicas, catarrho da bexiga hemoptises, hematurea. Int. 0, 50 cgr. a 3 gr. em soluç. 3 : 100, pil. com magnesia, em x.; ulceras atonicas. *Ext.* pom. 1 a 2 : 100; — sarna, dores rebeldes pura ou em linimento para fricções.

* *Thapsia* — Planta — *U.* Sparadropo revulsivo de thapsia — (deixa-se applicado sobre a pelle 10 a 24 h. e depois substitue-se por papel untado em azeite, ou cobre-se de polvilho). Bronchites.

Urgibão ou verbena — Planta vulgar em Cabo Verde. *U.* em cataplasmas preparadas com o cosimento, farinha de centeio e gemmas d'ovos — nas obstrucções do figado.

* * *Vaselina* — Optimo excipiente para pomadas.

Vinagre — *U.* nas syncopes e na expectoração difficil, fazendo respirar os vapores, nas hemoptises e doenças febris, em limonadas.

FIM

ERRATAS

Pag.	Linha	Erratas	Emendas
	3	Bispo de Imeria	Bispo de Himeria
9	12	Obdece	Obedece
10	2	Systhema	Systema
10	12	Consultamos	Consultámos
11	15	Haw	How
11	20	Ferrari	Ferreri
11	21	Corographia	Chorographia
11	25	Geographica	Geographic
12	23	Thome e Principe e suas dependencias por M. F. Ribeiro	Thomé e Principe de Matheus de Sampaio, S. Thome e Principe e suas dependencias por M. F. Ribeiro
14	6	Fôra	Fóra
14	12	Ficamos	Ficámos
14	7	Incorrcta	Incorrecta
14	9	Tentamos	Tentámos
21	9	Talwes	Thalwegs

Pag.	Linha	Erratas	Emendas
23	23	Suprir	Supprir
25	nota	Garjão	Gorjão
26	3	Arco de flexer	Arco de frexa
29	20	Depois d'amanham	Depois d'amanhã
38	19	Afabilidade	Affabilidade
39	13	Trabalhos	Trabalhadores
44	14	Suprimir	Supprimir
51	17	Impremeavel	Impermeavel
55	5	Necesario	Necessario
68	23	Sêccas	Séccas
72	3	Sêccas	Séccas
80	20	1.8000	18.000
80	27	Abundadcia	Abundancia
83	30	Pela	Por uma
84	24	A custo	Á custa
87	30	A dende	A dendé
92	1	Tém	Teem
92	24	Augmentar	Agravar
93	10	Estados Unidos	Estados Unidos Norte Americanos
96	28	Burros bois para lança	Barros bons para louça
97	17	O dendé	A dendé
111	24	Os cassimbos	As cassimbas
124	9	Na	Pela
128	29	Labito	Lobito
130	2	Menos intelligente	Da menos intelligente e
132	13	Moeda	Unidade
144	13	Herviboros	Herbivoros
150	17	Chilla	Chella
154	15	Java	Jau
156	16	Separa-se	Separa-a
156	17	Limitado	Limitada
156	19	Arnangoa	Arnangua
156	21	Suazieis	Suazia

Pag.	Linha	Erratas	Emendas
156	28 a 31	Esta provincia...	Acabam de ser divididos os dominios da Africa Oriental em duas provincias: a de Lourenço Marques, com o que temos ao sul e a de Moçambique ao norte do Zambeze
160	31	É por partes	No solo que é por partes
177	23-24	Quem descobriu	Quem ali descobriu
188	30	Productos	Produzidos
194	6	Louvadas	Lavradas
204	11	Caroline	Coralina
206	31	Tem odo	Em todo
208	—		O Ex.mo Snr. Constancio José de Brito não foi governador do districto
209	5	Das fontes	Dos fortes
218	12	É peior ainda	E peior ainda
233	14	Sacharina	Canna sacharina
234	19	Gattos	Gottas
234	13	Pous Pousada	Poc-Poção
235	18	Manter	Mantenha-se
235	30	Polidos	Palidos
237	1	Encravados	Encovados
237	8	D'ipéca	Dec. d'ipéca
237	28	Por	Tr.
238	2	Bismoutho	Bismutho

Pag.	Linha	Erratas	Emendas
238	3	Chlorot	Chloral
239	22	Orthenite	Arthenite
239	28	Designação	Descuamação
240	25	Franca	Fraca
240	31	Est	Et.
246	14	Brombydrato Clor-lydrato	Bromhydrato, Chlorhydrato
247	17	Orgibão	Urgibão
249	18	Sal	Sol

INDICE